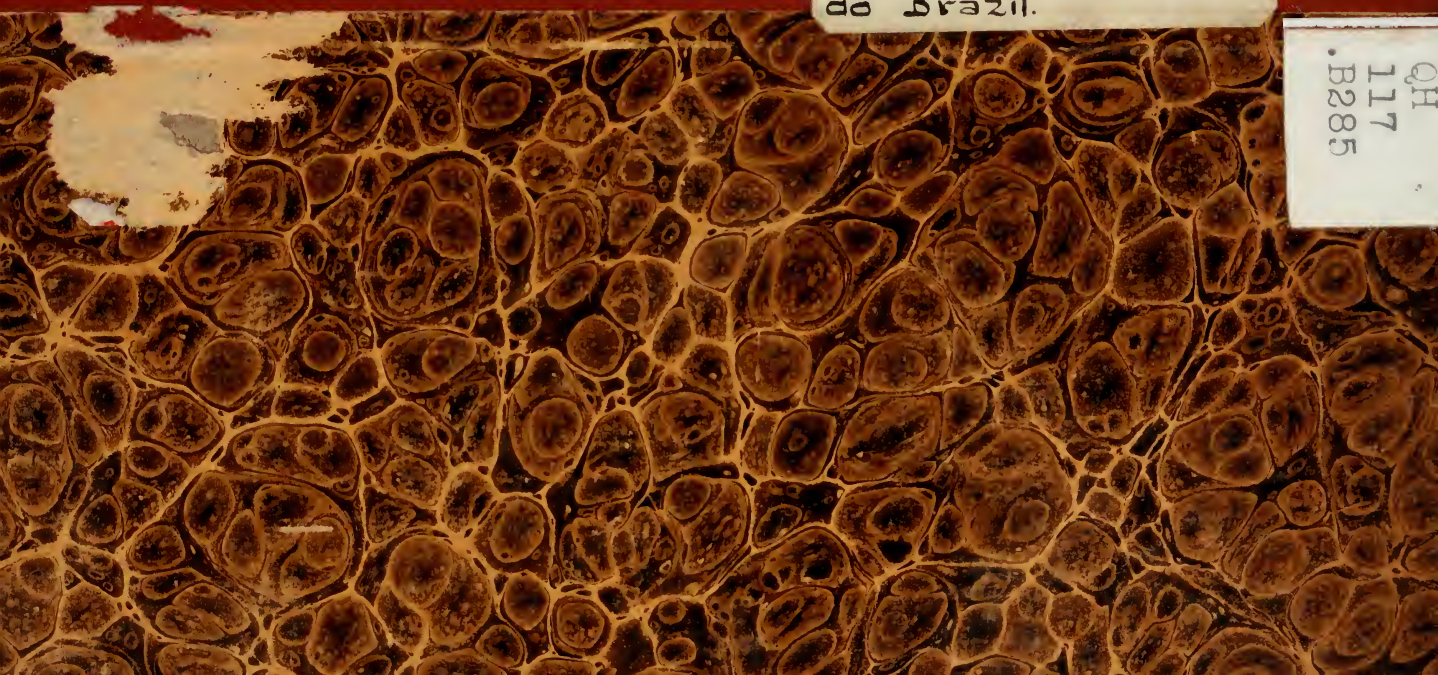
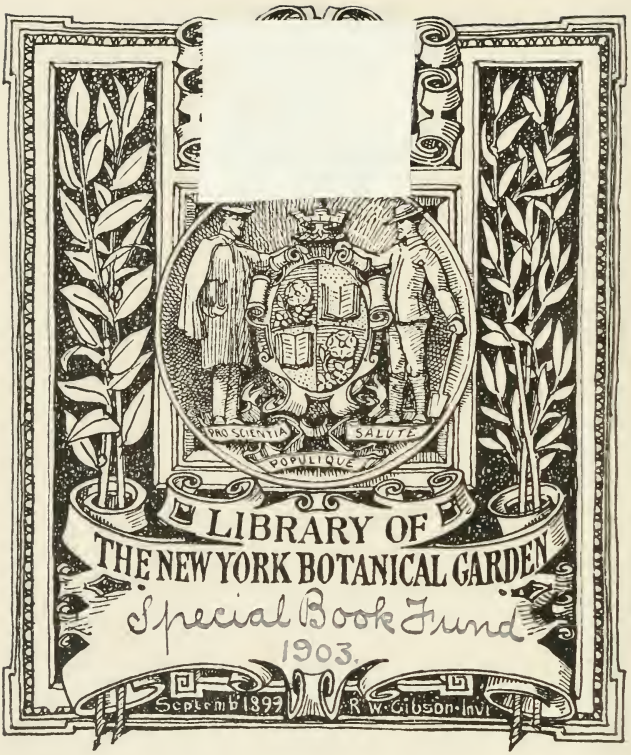
Barbosa
Rodrigues
Notas a Luccok
sobre a flora e fauna
do Brazil.

QH
117
.B285



SHOUT
SHARE
IT


PRO SCIENTIA
SALUTE
POPULIQUE
LIBRARY OF
THE NEW YORK BOTANICAL GARDEN
Special Book Fund
1903.
Septemb 1899
R. W. Gibson. Invt.

NOTAS A LUCCOK

SOBRE A

FLORA E FAUNA DO BRAZIL

POR

J. BARBOSA RODRIGUES

Membro do Instituto Historico e Geographico

DO

BRAZIL

(Extr. da Revista do mesmo Instituto, vol. XLIV de 1881, pags. 33 a 130.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71.

1882

.B285

NOTAS A LUCCOK

LIBRARY
NEW YORK
BOTANICAL
GARDEN

SOBRE A

FLORA E FAUNA DO BRAZIL

POR

J. BARBOSA RODRIGUES

Membro do Instituto Historico e Geographico

DO

BRAZIL

(Extr. da Revista do mesmo Instituto, vol. XLIV de 1881, pags. 33 a 130.

RIO DE JANEIRO

TYP. UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

—

1882

LIBRARY
NEW YORK
BOTANICAL
GARDEN

ADVERTENCIA

Estava já no prelo o trabalho do Sr. Luccok quando tive a honra de ser convidado para annotar, pelo lado das sciencias naturaes, as differentes listas de nomes indigenas que elle traz, pelo que me vi obrigado, ao correr da penna e quasi de memoria, a fazer pequenas annotações, que vão pouco desenvolvidas, não só porque o espaço escasseia, como tambem porque em uma simples nota não se permitte dar largas ao pensamento e ao que o assumpto requer.

Nos animaes, nas plantas e na parte geographica, não só dei os nomes scientificos que nenhum só possuia, como firmei a localidade dos rios, serras, villas e aldeias, completando a série de nomes que havião sem um só esclarecimento; tudo quanto pôde dar o meu pouco saber, quer em botanica e zoologia, quer em geographia patria, o dei. Se tempo tivesse, e o quadro do trabalho do viajante inglez o permittisse, poderia desenvolver melhor as notas e ordenar o desalinho em que vão ellas escriptas. Tanto quanto a minha observação entre os tapuyos e o estudo linguistico que entre elles fiz o consentio, dei a interpretação de alguns nomes indigenas, mas pouco cabedal disso fiz, porque o meu companheiro nesse trabalho, o sabio americanista Dr. Baptista Caetano, disso está encarregado, e elle ás minhas obscuras notas ajuntará as suas doutas observações linguisticas.

As minhas notas, filhas da observação propria, vão numeradas, e reunidas todas em uma só ordem alphabetica, servindo a numeração só para facilitar a procura da nota a que se refere o nome procurado alphabeticamente.

As minhas explicações á parte geographica vão intercaladas no texto em typo differente, para serem conhecidas.

J. Barbosa Rodrigues.

LISTA DE ARVORES, ANIMAES, ETC.

Abacate. (93)— (Persea gratissima, Gaertner.) Fam. Laurineas. Planta exotica acclimada no Brazil. Dá uma grande arvore cujos fructos são grandes, pyriformes, cujo expicarpo é parenchymatoso, fino, luzente e o mezocarpo de uma massa pulposa dôce. Come-se esta simples ou misturada com limão ou vinho e assucar. O albumen é empregado contra dysenterias e de infusão em vinho branco toma-se como aphrodisiaco.

Ha uma variedade no Pará, denominada *Abacate de Cayenna,* (var. oblonga, Meissn.), cujo epicarpo é roxo e a massa em vez de ser esverdeada é côr de gemma de ovo. A sua fórma é oblonga.

Abacaxi uacachy. (211)— (Ananassa sativa Lindl.) Fam. das Bromeliaceas. É uma variedade do ananaz, que cresce nas provincias do norte, principalmente em Pernambuco onde são mais saborosos, que se differença do commum pela falta de corôa e tornando-se por isso mais alongado ou coniforme. Em tamanho e em doçura não excede comtudo aos ananazes de Santarem e principalmente aos de Obidos, no Pará. Ha ahi duas especies, uma de folhas lisas e outra de folhas espinhosas.

Abiu. (252)— (Lucuma caimito D. C.) Bonita arvore do Amazonas, da familia das Sapotaceas, que cresce nos logares humidos. Conheço duas variedades, que se distinguem pelo tamanho e fórma dos fructos, que, quando bem maduros são saborosos, principalmente os pequenos que fórma uma das variedades. A epiderme é amarella, assetinada.

Abúta, abutua, butua, Parreira brava, Orelha de Onça. (212)— Com este nome crescem em diversas provincias varias plantas todas da familia das *Menispermiaceas* como o *Cocculus filipendula* Mart. *Abuta rufescens* Aubl., *Botryopsis platyphylla* Miers. empregadas como su loriferas, e anti-asthmaticas. Além destes Cocculus ha alguns *cissampelos* como o *ovalifolia* D. C. o *ebracteata* St. Hitl. mais conhecidas pelo ultimo nome vulgar.

As propriedades acima e as que têm tambem como emmenagogas e diureticas, são conhecidas na Europa desde 1688.

Acaju, acajuyba, vulgarmente *cajú, cujueiro.* (94) É o *anacardium occidentale* L.; Fam. *Anacardiaceas.*—Arvore dos terrenos silicosos principalmente das restingas. Ha tres variedades, distinctas pela côr e tamanho, o *cajú banana*, o *cajú piranga* ou *vermelho* e o *cajú assú*, o cajú banana é comprido e amarello, o piranga, vermelho, e o assú tambem vermelho, mas tendo o dobro do tamanho dos outros. É da provincia do Pará.

O fructo, isto é, que vulgarmente se chama *castanha*, tem um oleo caustico e a amendoa que se come assada ou coberta de assucar, tem, segundo algumas versões, propriedades aphrodisiacas.

O pedunculo que desenvolve e torna-se carnudo, a que o vulgo chama fructo, tem um succo aquoso refrigerante e anti-syphilitico, do qual preparam limonadas, vinho e vinagre.

Esse mesmo pedunculo antes de amadurecer, é conhecido no norte pelo nome de *maturi*, e empregado em guizados.

A casca produz gomma, conhecida por *acajucica* e empregada como a gomma arabica. Os pescadores passam as suas linhas de pescar pela casca, para untal-as com a gomma que as fortalece e lhes dá maior duração. A mesma casca contém muito tannino, assim como os fructos.

Mais tres especies existem: o *cajú-assú*, o *cajú-y* e o *cajú do campo.*

O cajú-assú (Anacardium giganteum, Hance) tem os fructos vermelhos, menores do que as castanhas, e muito doces. Cresce nas florestas, em logares elevados e fórma uma arvore gigante, que logo após os fructos cobre-se de folhas novas de uma bella côr de rosa, o que a distingue de todas as outras arvores. É dos rios Negro e Urubú.

O *cajú-y* (A pumilum St. Hil.) tem duas variedades. Em ambas os fructos são pequenos, porém uma, a de Minas, os fructos são vermelhos e doces, e outra, a do Pará, os fructos se bem que vermelhos, são avermelhados dentro e muito azedos, só servem para cajuadas, que ficam côr de grosseille, porque o succo não é côr de leite como o das outras especies e variedades.

O *cajú do campo* (A. humile, St. Hil.), que cresce nos campos de Minas, tem os fructos vermelhos, porém em geral são rançosos.

É preciso não confundir o nome indigena *acajú*, adulterado em

cajú com o mesmo nome *cajú*, dado na Malasia ás arvores em geral, assim como não confundi-lo com o *acajou* francez, dado a especies de familias differentes como á *Cedrela odorata* L., á *Swietenia mahogoni*, L., e á *Curatella Americana*, L. que pertencem á familias das Meliaceas e Dilleniaceas e não á das Anacardiaceas.

Acará. (271)—Peixes de rio, quasi todos do genero *mezonauta*. Conhecem-se no Amazonas as seguintes especies: *Acará-assú*, tem um circulo vermelho na raiz da cauda ; *A. tinga*, tem os olhos pretos orlados de ouro,com o corpo prateado pintado de amarello dourado; *A. mereré* é chato, prateado com duas linhas pretas verticaes ; *A. bandeira* (mezonauta insignis) é prateado azulado, com uma linha preta quasi horizontal ; *A. bararuá* tem os olhos pretos orlados de amarello e encarnado e o corpo bronzeado com uma linha preta horizontal no meio. Além destes, ha outras especies como o *A. pocu*, o *A. una*, o *A. cascudo*, o *A. peba*, etc., todos muito carnudos, saborosos e saudaveis. O maior é o *A. bandeira* que attinge palmo e meio de comprimento, e o mais saboroso o *Bararuá*. Vivem nas aguas pouco correntes e alguns procuram o lodo.

Acroata, *croatá*, *curauatá*, *gravatá*, *caroá*, *caroatá*, *curauá*, *curuá*, *cruá*. (213) São estes os nomes com que vulgarmente denominam todas as *bromeliaceas*; entretanto em algumas provincias alguns desses nomes são empregados tambem a plantas muito diversas. Em geral no Rio de Janeiro chamam gravatá a uma Amaryllidacea a *Agave Americana* L., conhecida tambem pelo nome portuguez de *piteira* por dar a haste floral excellente *pita*, que se emprega não só para guardar fogo, como para espetar insectos. As folhas dão muita fibra, porém de pouca duração.

O *coroá* de Pernambuco, de que extrahem fibras, é a *Bromelia variegata* Arr. Cam., o *craoatá*, a *Br. lagenaria* Arr. Cam. e o *curauá* do Pará é uma especie cuja classificação não achei, não sendo ella a *B. sagenaria* porque se afasta nas folhas que não são armadas de espinhos.

Como é uma planta que geralmente della todos aproveitam o seu producto, mais ou menos é cultivada pelos sitios e pelos indios. Tem a aparencia do ananaz (Ananassa sativa), porém suas folhas são mais longas e não ornadas de dentes ou espinhos foliarios. Das folhas tiram-se fibras tão delicadas e tão fortes, que se empregam

não só nos misteres mais delicados, como nos que precisam offerecer grande resistencia.

Com essas fibras fabricam os indios redes finissimas, e maqueiras, que chegam a alto preço, assim como fazem-se cordas para redes, que são as mais procuradas pela sua resistencia e duração, que é ainda maior sendo tintas com a tinta do muruchi. Póde uma corda durar quatro annos.

A maneira por que extrahem as fibras é simples. Amarram as folhas uma por uma, pela parte inferior, a uma travessa horizontal depois passam pela folha um laço de corda da mesma fibra junto á travessa, e apertando, puxam-o pela mesma abaixo, fazendo assim com que saia toda a parte parenchimatosa e fique sómente o tecido fibroso, que depois é lavado e secco ao sol, ficando assim, longas linhas alvas e finissimas. Extrahem tambem as fibras, passando do lado que está presa a outro, dous pedaços do pecciolo da folha da pal meira inajá (maximiliana regia) que servem de fieira.

O *curuá* no Pará são palmeiras do genero *Attalea* e *Orbignya* e o *cruá* é uma *Cucurbita cea*, a *Sicana odorifera* Naud., cujo fructo é grande, oblongo, aromatico, com a casca semi-cornea, contendo dentro uma massa amarella muito cheirosa, doce e enjoativa. Ha duas variedades, uma de casca vermelha luzente e outra preta. As sementes amarellas são emmenagogas.

O fructo dos curau atás ou gravatás não se comem.

Ahyrara, (antes *yrauara*) *irára*, *hyrara*, *yrara*, (1) taes são as diversas maneiras de pronunciar e escrever dos diversos naturalistas que têm tratado d'este carniceiro, pertencente ao genero *Gallictis* Bell.

Ha duas especies, a *Yrauara cinzenta* (G. vittata, Bell. ou Gulo vittato, Desm.) e a *pixuna* ou *preta*. (G. barbara, Bell.)

Sendo um animal carniceiro e que grandes estragos faz á criação domestica, comtudo é avido de mel donde lhe veio o nome indigena de Yrauara, de *yra* mel e *uara* senhor, corrompido em *yrara* ou *Irara* e traduzido pelo de *papamel* pelo que tambem é conhecido.

A dentadura d'este animal compõe-se de $\frac{6}{6}\ \frac{2}{2}\ \frac{8}{8}$ os dois primeiros mollares da maxilla superior são falsos e o ultimo é o carniceiro. A sua roupagem consta de duas especies de pellos, uns lanosos cinzentos, e outros cerdosos, maiores, e annelados de branco. A cabeça e o

pescoço são cinzento escuro e os lados do mesmo cinzento. Da parte inferior do queixo parte uma mancha branca, que vem aos hombros. O resto do corpo é preto. Chega a ter de comprimento 0,m35. Podendo-se domesticar, nunca, embora mansas, perdem o instincto sanguinario que têm, pois qualquer gallinha ou outro pequeno animal que lhe passe ao alcance é victima de seus dentes.

Andam geralmente pelos logares alagadiços e onde crescem cyperaceas. A *Irara preta* (G. barbara de Bell.), é o *furão grande* de Azara. Tem os mesmos habitos e differe da primeira não só no tamanho, que chega a ter 40 centimetros de comprimento, e na côr que é preta, tendo a mesma mancha na garganta, porém, não tão grande.

Em alguns logares dão tambem o nome de *yrara*, ao *Felis yaguarundi*, mais conhecido por *Gato mourisco*.

Aig, *ay*, *ai*, *unaú* (2) denominações dadas por diversos naturalistas, segundo a maneira de ouvir de cada um, á *preguiça*, como vulgarmente são conhecidas as especies de tardigrados pertencentes ao genero *Bradipus* de Cuvier, habitantes de quasi todo o Brazil.

O nome *ayg* é uma onomatopeia á especie de assovio que solta o animal parecendo pronuncia-lo moderadamente *a*.....*y*.....*g*... As especies que conheço são as seguintes :

Unau, como chamam no Pará á *preguiça-real*, (Bradipus tridactylus, L.), é a maior, chegando a ter 0,m8 de comprimento. Tem a cabeça arredondada, approximando-se ás feições do macaco. Os membros alongados, com as mãos munidas de dous dedos unidos armados de longas unhas curvas e aguçadas e os pés de tres igualmente armados de unhas. O seu systema dentario compõe-se só de molares, tendo $\frac{0}{0}\frac{0}{0}\frac{10}{8}$ sendo os dous primeiros de cada maxilla um pouco maiores, que alguns consideram como caninos. Os dentes são cylindricos, uma só raiz, sem corôa distincta, quando novos agudos gastando-se depois de ficarem como que truncados e ôcos. As femeas têm as mamas no peito.

Uma particularidade que n'ella se nota, como em todo o genero, que a distingue de todos os mamiferos d'esta ordem é o numero de vertebras dorsaes e pares de costellas, que é o de vinte e quatro.

A côr é pardacenta grizalha, com os pellos longos e seccos, sendo os da cabeça e nuca maiores e mais escuros. Os da anca dirigem-se

em sentido inverso, isto é, de baixo para cima. As plantas dos membros são semicallosa e sem pellos.

Depois da preguiça-real a mais vulgar é a preguiça *Ay-ay* ou de *bemtinho ;* (B. didactylus de Linneo). Esta é muito menos cinzenta, tendo nas costas entre os braços uma malha de pellos curtos e lustrosos alaranjada rodeada de preto, o que valeu-lhe o nome que tem.

E semelhante á primeira, tem, porém, a cabeça mais arredondada, a face ás vezes amarellenta, e um rudimento de cauda.

Esta especie afasta-se dos outros mamiferos pela particularidade de ter mais duas vertebras cervicaes, isto é, tem nove em vez de sete.

Uma outra especie ainda menor se encontra, é a B. *torquatus* de Illiger, Pr. *collaris* de Desmarest, ou *Achocus torquatus*, do Principe de Neuwied. E tambem cinzenta, tendo em roda do pescoço, pela parte superior uma especie de meia colleira de pellos compridos e pretos, d'onde lhe veio o nome de *preguiça de colleira.*

Todas estas especies tém os mesmos usos e costumes. A lentidão de seus movimentos fez com que fôsse vulgarmente appellidada *preguiça.*Faz quasi que exclusivamente o seu alimento dos grelos da embauva (Cecropia),pelo que abundam ellas pelas margens dos rios, encontrando-se todavia nos mattos centraes e rarissimas vezes nas arvores dos campos.

Pouco andam no solo,passam geralmente de galho em galho de uma para outra arvore.

Quando junto a em que está não ha outra arvore, desce para procurar alimento em outra. Como sabe nadar perfeita e ligeiramente, sempre anda pelas margens dos rios, que atravessam. Seus movimentos muito lentos, principalmente durante o dia, que passam quasi que dormindo abraçadas aos troncos, tornam-se rapidos quando nadam ou quando enraivecidas.

Subia eu um furo que costeava a ilha das Onças, na provincia do Pará, quando deparei com um casal de preguiças de bentinho, que estava em uma alta *seringueira.*Mandei trepar um pequeno tapuyo que me a companhavae que atirasse uma n'agua. Chegando ao galho em que estavam agarradas, com custo tirou uma que lançou ao rio perto da canôa. Como choque foi ao fundo, porém momentos depois boiou e nadou rapidamente para a outra margem. Vendo que a perdia mandei remar com força. A canôa partiu ligeiramente,mas apezar da força

de oito braços marinheiros, não a pude alcançar. Chegando ella a um pé de aninga (Montrichardia) segurou-se a elle e começou então a subir,porém,tão lentamente que não parecia o mesmo animal que com tanta facilidade cortára a corrente minutos antes.

Para experiencia mandei lançar a segunda e vi que com a mesma rapidez nadou.

Outra vez herborizando eu na ilha do Espirito-Santo fronteira á Villa-Bella, na provincia do Amazonas, encontrei uma preguiça real, trepada em uma embaubeira.

Tendo-lhe dado cinco tiros e não cahindo, mandei um tapuyo velho meu guia, que trepasse e a arrancasse do tronco onde a julgava morta e segura pelas unhas.

Ahi chegando encontrou-a o tapuyo viva e tão feroz que apenas o viu começou a soprar, assoviando, e a procurar com um braço agarra-lo. Era tão rapido o movimento do braço, que me admirou; lançada ao chão e conduzida á minha canôa reparei que estava bastante ferida na anca; apezar, porém,disso subiu ao mastro e dahi com o braço aberto procurava agarrar quem por ella passasse. Estava gravida esta preguiça no dia seguinte deu á luz a um fecto, envolto em uma pellicula, que a mãi abandonou, morrendo pouco tempo depois.

Criam os filhos agarrados na barriga, como diversas vezes vi.

Quando agarram uma preza difficilmente largam, sendo quasi sempre preciso mata-las para livrar-se das suas unhas.

Ajuru, *guajuru*, *vajuru*, *gajeru*, *guajuri*. (253)— É uma *Rosacea* o *Chryso balanus icaco*, L. , arbustro pequeno dos logares silicosos. Seu fructo um pouco adstringente não é procurado. *Ajuru* é o nome indigena tambem do papagaio.

Anana, *naná*, *ananaz*. (251)— Bem cultivada é a fruta mais saborosa do Brazil. O succo é diuretico e emmenagogo. Cresce bem nos logares silicosos.

Assiahy, *assahy*. (255)— (Euterpe edulis, Mart.) Fam. das palmeiras. Cresce esta util e elegante palmeira á margem dos rios e em logares muito humidos, da provincia do Pará, formando grandes soqueiras, mas nunca attingindo á altura da sua congenere do sul, a *yussara* ou *palmito* (Euterpe oleracea Mart.) Dos seus fructos fazem os naturaes uma saborosa e nutriente bebida, chamada *vinho de assahy*, feita do epicarpo e mezocarpo desfeitos em agua morna que toma uma côr arroxeada. É a bebida mais vulgar no Pará, e

o sustento da pobreza. Bebe-se puro, com assucar ou farinha d'agua.

Ambu, umbu ou *imbu.* (95) — Com este nome conhece-se no Norte uma Anacardiacea, dos sertões, arvore cujo fructo tem o epicarpo amarello quando maduro e o mezocarpo composto de uma massa semi-esverdeada e aquosa. Com diversos nomes figura ella na sciencia, como *spondias tuberosa* (?) (porque as raizes são tuberosas), como *spondias venulosa* de Arruda, e como *spondias purpurea* de Lineo. O professor Engler liga o nome vulgar á *spondias purpurea*, na sua monographia das Anacardiaceas, mas o verdadeiro *imbu* pertence á sua variedade *venulosa*, dado por Arruda Camara, e não por Martius.

O fructo é acido-doce, e prepara-se com elle a *imbuzada*, que é o seu succo misturado com assucar e leite, usado no Norte nas sobremesas. As raizes tuberosas são aproveitadas pelos sertanejos em tempo de carestia, e são refrigerantes.

A confusão especifica que reina é devida a varias especies que tem o mesmo nome.

Anda, andá, ou *andá uassú.* (106) (Johannesia Princeps, Vell.) Fam. das Euphorbiaceas. No Rio de Janeiro e S. Paulo dão-lhe tambem o nome de *Purga de gentio*, e em Minas os de *Coco de purga*, *Purga dos Paulistas* e *fruta de arara.*

É uma arvore alta, copada e cultivada. As sementes são muito purgativas e perigosas, pelo que são muito pouco empregadas.

Andiroba, andirova, nandiroba, antes *nandyroba.* (215) (Fam. das meliaceas).

Das vargens humidas do Amazonas é a arvore de que mais proveito tiram os indigenas, aproveitando os seus fructos. Ha pés que attingem 80 pés de altura, cujo lenho é empregado para mastros de embarcações. Por um processo rustico ainda, extrahem os naturaes, das sementes dos fructos um oleo que é hoje objecto de commercio, muito procurado e preferido a outro qualquer para illuminação, por ter a propriedade de ser muito amargoso, e não ser por isso perseguido pelos insectos.

O seu nome vulgar, pela lingua geral exprime essa propriedade *Andiroba* é uma corruptela de *nandy*, oleo, e *yroba* muito amargo. Aproveitando-se disso, algumas tribus de indios usam-o para com elle cobrirem o corpo, simples ou misturado com urucu, afim de

preserva-los das ferroadas dos insectos e mosquitos. E um bom preservativo da ferrugem, porque dado sobre qualquer objecto de ferro, torna-se duro e fórma uma camada que se conserva por muito tempo e impede a influencia do ar. Além do consumo que tem na provincia, é tambem exportado para Europa, onde em Marselha com elle se fabríca sabão.

Nas cascas que passam por febrifugas e anthelminticas, encontraram Petron e Robinet um principio immediato alcalino *carapina*, que é o amargo, uma materia vermelha insoluvel (vermelho chinchonico), materia vermelha soluvel, e gordurosa verde, um sal calcareo, e acido kinico. Contém, além disso, segundo Cadet, muita estearina, acido oleico, oleina e magnesia. O Dr. Martius é de opinião que a carapina é toxica.

A medicina emprega o oleo em feridas, principalmente as produzidas pelos piuns e borrachudos, e mucuins. Para evitar que as moscas toquem nas feridas dos animaes, leva vantagem ao azeite de peixe.

Para dar nos canos das espirgardas é excellente, porque, depois de secco, fica como verniz e impede a ferrugem. Os fructos, apezar de amargos servem de alimento aos porcos.

Angico (96)—(Piptadenia colubrina, Benth). Fam. das Leguminosas.

Uma das mais bellas arvores das nossas florestas, cuja madeira é empregada em construcções civis, quer exposta ao ar, quer á sombra. A casca, que é muito adstringente, é empregada não só para curtir couro, como tambem para banhos de ulceras, etc.

Della exhuda uma gomma que é excessivamente peitoral e empregada com muita vantagem nas tosses.

Anhehyba antes *Anuyba*, arvore de anus (97)—(*Nectandra* sp. var.) Fam. das Laurineas.

Com este nome são conhecidas, algumas *Canellas*, que dão madeira de construcção e principalmente excellente taboado.

Anhuma, *anhima*, *inhuma*, *kamichi* ou *cauintahu*. (42)—Este ultimo nome é onomatopaico, imita o seu canto. É um macrodactylo maior do que um perú, que anda aos casaes nos aningaes do Amazonas. A sua pelle é cheia de ar. A carne não se come. Aninha-se nos mesmos aningaes, e é de facil domesticação. Alimenta-se de peixes, insectos e camarões.

A crença indigena quer que quando esta ave está a beber agua

em um lago, emquanto ella não sacia a sêde nenhuma outra atreve-se a beber no mesmo logar. A superstição dá muitas virtudes á crista cornea que tem, entre ellas a de preservar do estupor quem a traz comsigo.

Anhu-póca, (41)—com este nome é conhecid a tambem uma *palamedea*.

Aninga. (214)— (Montri chardia arborescens, Schot.) Fam. das *Aroideas*. Cresce por toda a margem do Amazonas e pelos lagos esta especie, formando os *aningaes*, isto é, logares impenetraveis, tal é a quantidade de individuos que crescem juntos. O fructo assemelha-se ao de um ananaz pequeno, com corôa, porém acre e caustico. As cinzas d'esta planta são applicadas contra as ferroadas das arraias.

Ha outra especie a *aninga apara*, que tem o mesmo facies, mas é pequena, emquanto que da aninga vi pés de quatro metros de altura. O caule posto na agua a apodrecer e depois por maceração, dá muita fibra forte e duravel.

A substancia acre que contém o mesmo caule ataca a oxidação de alguns metaes, pelo que é empregada para limpa-los. Com pedaços do caule amarrados em cordas, caçam os indios os jacarés quando esfomeados, por que atiram-se a essa isca e ficam com ella presa nos dentes, e por ella são puxados para terra.

Anu, *anum*, ou *ani*. (43)—Com este nome conhecem-se tres especies duas do mesmo genero e outra de outro. São o *anu* propriamente dito, (*Crothophaga ani*), o *anu coroca*, *gallego* ou da *serra*, segundo as localidades, (*C. major*), e o *anu tinga* ou *branco*, (*Cocyzus vetulus*). Todos andam em bando, e depõe os seus ovos em um só ninho, por camadas. Os ovos são azues cobertos de um pigmento branco.

O anu coroca no Pará, e o branco em Minas, passam por agoureiros.

Anta ou Tapikra, antes *tapyreté*, (3) é o maior pachiderme do Brazil.

Approxima-se pelas formas ao cavallo, porém com as extremidades mais curtas e differentes, a cauda menor e sem cabellos, assim como pela cabeça, cujo focinho termina em uma tromba pequena.

Além d'isso, as fórmas são pesadas e sem aquella elegancia do mais nobre companheiro das fadigas e do trabalho do homem.

Parece-se no aspecto geral ser um intermediario entre o cavallo e o porco. A cabeça é comprida, tem uma pequena tromba movel, mas que não serve para apanhar os fructos, na extremidade da qual ficam as narinas; os olhos são pequenos e as orelhas moveis é semelhantes á do cavallo. O systema dentario compõe-se de $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{14}{12}$. Os quatro incisivos centraes da maxilla superior são muito pequenos, os dous lateraes iguaes em tamanho aos caninos da mesma maxilla superior. O pescoço é ornado por pellos grandes e duros, recurvos, que assemelham-se a uma crina. O corpo, quando o animal adulto, tem os pellos curtos, são castanhos e muito espaçados, de maneira que parece pellado, razão pela qual andam geralmente cobertos de carrapatos (Ixodes)

Tornam-se maiores para o pescoço onde tambem são um pouco mais claros. Na base das orelhas ha alguns pellos brancos.

Olhado o animal é preto porque só predomina a côr da pelle. Quando pequeno, o pello é compacto, castanho, com cinco linhas de pintas, ou listras, quasi unidas, brancas, tendo as extremidades pintadas da mesma côr.

A sua altura regula um metro a $1^m,6$ e o comprimento comprehendendo-se a cabeça $1^m,8$ a $2^m,0$.

Tem quatro dedos nas mãos e só tres nos pés, mettidos em cascos curtos, arredondados e corneos. A pelle é muito expessa e forte.

O nome indigena que tem este animal não é *tapiyra*, mas sim *tapiy*, que vem de *taba* aldeia e *piy* o que frequenta, isto é: o que facilmente-se domestica e mora na aldeia. Póde ter outra etymologia que não deixa de ter algum fundamento, póde derivar-se de *tapy* grosso, e *pira* corpo, que por euphonia fazem synalepha no *p*, accentuam tortemente o *i* e pronunciam *tapiyra*. Este nome, depois da introducção do gado no Brazil, estendeu-se tambem ao boi, e para differença um animal do outro, ajuntam a palavra *eté*, verdadeiro e assim denominam á anta *tapiyreté* e ao boi *tapiyra*.

Mais commummente, porém, a anta é denominada *tapiyra-cauara*, que significa, o boi mateiro ou natural do matto, de *caá*, matto e *uara* que é uma dicção que denota naturalidade, habitação, etc. Ainda distinguem mais, quando querem mostrar propriedade, dizendo

ixé rimbabo tapyira, meu boi, isto é, criado por mim, emquanto que tratando da anta dizem—*ixé cauara tapyira.*

Não convem, querendo dar- se ao animal o seu nome indigena, mesmo por abreviatura, chama-lo tapyira e sim tapyira-eté ou cauara tapyira, para não dar uma significação diversa, originada entre a gentilidade.

Além da especie em questão, existe uma outra, chamada *Icuré* ou *caapora* (1), bem distincta. Além do tamanho que nunca excede de 1m de altura e 1m,50 de comprimento tem a côr differente.

O nome *Icuré* é um d'esses que não têm traducção, ou se a têm não foi conservada e só serve de qualificativo; o de *caapora* sim, significa : o habitante do matto, de *caá,* matto, e *póra* habitante.

A tapyre-eté é um animal inoffensivo e muito procurado pelos caçadores por causa de sua carne, que, se bem que um pouco nociva é comtudo muito saborosa.

Nas provincias do sul dão-lhes caça por causa da pelle que é excessivamente forte e duradoura depois de curtida, pelo que é muito empregada em arreios. Depois de curtida toma uma côr branca.

Vive pelas florestas centraes que crescem nas vargens, pela margem dos rios, que com facilidade atravessa só com a cabeça de fóra mergulhando logo que é perseguida e boiando longe do alcance do caçador.

Dá-se caça, geralmente, esperando-se ella nos bebedouros, em *mutás* preparados de antemão ou tambem com cães. Quando perseguida por estes ás vezes faz frente a elles, porém geralmente dispara pela floresta, levando ante si tudo quanto encontra, até cahir na agua onde ás vezes se salva. Além da caça do homem, soffre tambem a de um inimigo poderoso que é a onça. Matreira e astuciosa, trepada em uma arvore, esta, como o homem, espera a anta no trilho em que costuma passar para ir beber agua, e quando esta está ao seu alcance, salta-lhe sobre o dorso. Atacada inexperadamente dispara pela floresta, furiosa procurando roçar-se pelos páos para livrar-se da assaltante; porém, esta passando para o ventre

(1) O nome de sapateira ou *çaba-tyra* que tem nos sertões do sul refere-se á especie de crina que tem o animal e deriva-se de *çaba*, pelludo e *tyra* canal, isto é, linha de cabellos, crina, Apertuguezaram a palavra e ficou com significado diverso.

evita assim os choques e com as garras cravadas no queixo da victima vai dobrando-lhe o pescoço até quebra-lo e ella cahir, para saciar-se no seu sangue. Como ordinariamente a anta é assaltada proximo da agua, em vez de fugir pela floresta atira-se no rio ou no lago e mergulha para assim livrar-se ; porém, a onça podendo demorar-se muito tempo no fundo sem respirar, prende a victima, que morre asphixiada, sendo então arrebatada para terra para ser devorada.

Quando novas, andam as antas ás vezes em bandos pequenos, principalmente á noite, porém, quando mais idosas, geralmente andam sós ou acompanhadas de seus filhos, que caminham assoviando adiante e um pouco ao lado.

Fazem o seu passeio desde o cahir da tarde até ás nove ou dez horas da manhã, passando as horas de maior calôr deitadas pelos charcos. Soltam ás vezes assovios fortes que se ouvem longe, que quasi sempre as trahe, fazendo com que se entreguem ao caçador.

Os tapuyos que as arremedam bem, fazem com que ellas, attrahidas pelo assovio, se approximem e sejam mortas. O seu alimento consiste de hervas, grêlos e frutas, quando no estado selvagem, mas quando domesticadas, comem até carne cozida, farinha, etc.

É notavel como se amansam estes animaes quando apanhados pequenos. Apenas fóra das mãis, póde-se dizer que são apanhados mansos. Com o trato domestico tornam-se mais mansos que os cães, acompanhando em todos os passos o senhor, dormindo junto d'elle e indo banhar-se tambem juntos. Não obedecem comtudo á voz de mando do senhor, isto é, para evitar-se a sua companhia é preciso ser agarrado e levado para outro logar, não se repelle como o cão

Dotado de uma força prodigiosa, relativamente ao seu corpo, se não fôsse o seu natural inoffensivo e se fôsse dotado de garras ou dentes, seria o mais perigoso. É dotado de muita força de vida ; mal ferido, foge e não morre, e mortalmente mesmo raro é cahir no logar em que recebeu o tiro.

Subia eu o rio Urubú, na provincia do Amazonas, quando, pelas sete horas da manhã atirou-se uma ao, rio procurando ganhar a margem opposta. Mandei remar com mais força para chega-la ao alcance de minha arma, porém ella presentio e mergulhou. Quando appareceu, estava na margem opposta, e, procurando subir a ribanceira recebeu, o meu tiro.

Apezar da distancia, notei que tinha sido ferida, porque cahiu sobre os joelhos, porém, levantando-se logo subiu a ribanceira que era ingreme e desappareceu pela matta. Saltando em terra, vi rastos de sangue, e seguindo-o, depois de caminhar um quarto de legoa, encontrei-a morta no meio de uma restinga. A bala tinha entrado obliquamente pelo pescoço do lado esquerdo, indo plantar-se no occipital.

Ahi neste rio e no Jamundá, tive occasião de vêr algumas com filhos. Domesticadas vi algumas.

A Icuré ou caapóra tem os mesmos habitos e ás vezes encontra-se reunida á tapyire-eté, no mesmo bando, porém é mais rara, e só nos grandes sertões é encontrada. Tive occasião de vêr uma que acompanhava um filho já de anno, e por mais que a perseguisse não a pude matar.

Pela facilidade que ha em domesticar-se, e pelo seu genio docil, pacifico e soffredor, e pela força de que é dotada, a anta poderia associar-se ao trabalho do homem e substituir perfeitamente o boi nos trabalhos agricolas e ruraes.

Apereya antes *apereá* ou *preá* (6)— é a *Cavia obscura*, Lichst, ou *sauyá* do Amazonas. Roedor muito conhecido, que vive nos capinzaes. Ha mais de uma especie, porém a mais commum é a supracitada de Margraœf e Azara.

Aracuan, *ara* ou *guara*. (14) *Arancuan* no valle do Amazonas é a *Ortalida canicollis*, Natt. Anda pelo chão aos bandos de cinco, seis casaes; tem uma carne saborosa, e aninha-se em arvores altas. O seu nome vulgar exprime o canto que repete as syllabas a-ra-cuan.

Arapabaca, *Lombrigueira*, *Herva de Santa Maria*. (216)
(Spigelia sp.)

Fam. das Spigeliaccas.—Herva empregada como anthelmintico e que alguns querem que seja venenosa, pelo que é preciso cuidado no emprego. Não confundir com a *Herva de Santa Maria*, do Rio de Janeiro, ou *mastruço*, do Pará, que é o *chenopodium ambrozioïdes* L.

Arapaco (16) — é corruptela de *uirá passu*, conhecido tambem por *pica-páo* (1). É um zygodactilo espalhado por todo o Imperio, do

(1) *Uirá*, passaro, *pan*, bater e *assu*, muito.

genero *Picus*, contendo numerosas especies, entre ellas o *P. rubricollis, lineatus, fulvus*, etc. Vive pelos páos seccos furando-os com o bico para comer insectos. No ôco dos mesmos páos deposita dous ovos.

Araponga, antes *uirapô*, (45)— conhecido tambem por *ferreiro* e *ferrador*, nomes tirados das notas que solta imitando perfeitamente o bater de um ferro na bigorna ou o seu limar.

A uiraponga quando nova é preta, e quando adulta branca com o pescoço azul-esverdeado. E ave dos sertões de Minas e S. Paulo, e vive pelos cimos das arvores altas, alegrando as florestas com as suas notas agudas e metallicas, o nome *uirapô* quer dizer *ave branca*. Não se deve confundir com a *Cotinga araponga* (Procnia carunculata L.)

Arapiráca. (99)—Será *muirapiroca ?* de *muira*, páo, e *piroca*, calvo ou liso.

Com o nome de *arapiraca* ha uma arvore na provincia das Alagôas.

Arara. (47)—Nome onomatopaico. Zygodactilo de todo o Imperio representado por diversas especies, todas do genero *Ara*. Conhecem-se a *arara-piranga* ou *aracanga* (A. macaw.) azul e vermelha; a *canindé* (A. *arauna*) azul e amarello ; a *arauna* (A. *hyacinthinus*) azul-claro ; a *arauna-assú* (?) toda azul-ferrete, e a *arara* propriamente dita (A. *Araucania*) verde e encarnado. Todas andam em bandos, alimentam-se de fructos, procuram as arvores altas e voam muito e muito alto.

Arassary. (49)—Nome dado a diversas especies de Zygodactilos, semelhantes aos tucanos, porém menores, do genero *Pteroglossus*.

As principaes especies no Amazonas são o *P. maculirostris, bytorquatis, viridis, Beauharnaisü, flavirostris*, etc., mas encontram-se outras especies em quasi todo o Imperio.

Andam aos bandos, alimentam-se de fructos e não se domesticam. Os arassarys como os tucanos têm um longo bico, formado internamente de um tecido esponjoso, que os entrega nas mãos dos caçadores apenas penetre nelle um bago de chumbo, porque entra o ar e faz com que, se desequilibrando no vôo, caiam por terra.

Areré ou *ereré*. (50)— É uma marrequinha pequena, cujo nome provém do seu canto, que é um assovio parecendo dar ás syllabas

é-ré-ré. Tem a cabeça preta toucada de branco, o peito pardo-avermelhado e as costas pardas pintadas. Domesticam-se facilmente.

Arariba, iriribá,(100)— mais conhecida por *Araribá*, corruptela de *araryba*, de *arara*, passaro desse nome, e *yba*, madeira. É o *centrolobium tomentosum* Benth, da familiada s Leguminosas.

É uma arvore alta, cuja madeira é empregada não só em construcções civis como na marcenaria; tem o cerne amarello listrado de mais escuro. Com o mesmo nome são conhecidos outros *centrolobiuns*, que crescem não só no Rio de Janeiro como na Bahia. O mesmo nome *araribá* é dado tambem á duas rubiaceas a *Pinckneia rubescens* de Fr. Allemão, e a *P. viridiflora* do mesmo botanico brazileiro. Estas são empregadas na marcenaria e construcções civis, mas reputam-as os carpinteiros madeira de segunda qualidade Empregam o *araribá vermelho* na tinturaria.

Araroba. (101) Este nome emprega-se tambem aos *centrolobiuns*, porém mais commummente á uma especie da Bahia.

Araruna. (48) Vide a nota 7.

Arasá, (98) vulgarmente *araçá.* Com este nome conhecem-se varias plantas, cujos fructos se comem quasi todas do genero *psidium* familia das Myrtaceas.

A casca de todas contém muito tannino.

Conhecem-se as seguintes especies, com nomes vulgares:

Araçá mirim, (Psidium araçá, Radd).

Araçá assú, goiaba (P. Guayava, Radd.) *A. da praia,* (P. variabile Bg.), *A. cagão,* (P. rufum, Mart.), *A. felpudo,* (P. incanescens, Mart.), *A. do campo,* (Campomanesia mediterranea, Berg.), *A. de Minas* (P. cuneatum, Berg.), *A. de S. Paulo* (P. multiflorum, Berg.)

Além destas especies ha muitas outras do genero *psidium* e *campomanèsia* com o nome vulgar de *araçá.*

São arvores pequenas, em geral, que crescem pelos campos e raras vezes nas mattas.

Araicu,(102) —(*de ara,* arara, *ticu,* liquido, massa, comida de arara), *araticum, araticuguazu, araticupe.*

Nomes dados a diversas *Anonas*, familia das *Anonaceas*, arvores cujos fructos são comestiveis e cuja madeira é pouco empregada e considerada madeira branca. As cascas de algumas especies dão

uma embira muito forte e branca, e o lenho serve de cortiça e para boias de redes de pescar. Como planta medicinal tem pouco emprego. Conhecem-se diversas especies, taes como o *Araticum do Brejo*, ou *panan* ou *corticeira* (A. palustris, L.) *Araticum cagão*, *Araticum apê*, *Araticum do matto*. (A. Pisonis, Mart.), *Araticum do campo* (A. coriacea, Mart.), *Araticum do rio* (Anona spinescens, Mart.), *Araticum ponhé*. (A marcgravii, Mart.)

Areranha, *ariranha* ou *iriranha* (7)— é uma especie de lontra do grandes rios em geral confundida pelos naturalistas com a verdadeira lontra, que é a *yandu* dos indios, a *Lutra braziliensis* da sciencia.

Com razão os indios a separão com diversos nomes.

A *ariranha* . chega a attingir $1^{m},5$ de comprimento menos a cauda. A sua dentadura compõe-se de $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{8}{10}$. A cabeça é chata e larga, as orelhas pequenas, o corpo longo, os membros fortes, fórmas pesadas ; as mãos com cinco dedos longos, unidos por uma membrana, e armados de unhas curvas e agudas. A cauda é menor que o corpo, e achatado horizontalmente. O pello é compacto, liso, macio e curto de um pardo cinzento escuro, com uma malha do queixo á garganta, amarella-esbranquiçada, ou côr de ganga. Vive esta especie nas cabeceiras dos rios, nos lagos e igapós, andando sempre aos pares isolados. Alimentam-se de peixes, nadam com muita rapidez e conservam-se mergulhadas por muito tempo. Andam só com a cabeça fóra d'agua e quando avistam alguem mergulham para apparecer mais longe, sempre encarando para a pessoa que navega. Ás vezes erguem meio corpo fóra d'agua e gritam ; assim fazem quando estão bravas.

Fazem suas casas em buracos nas ribanceiras dos rios, sempre á beira d'agua, e ha uma crença entre os indios que conforme é a altura em que fazem os ninhos assim será a enchente, que nunca vai além, nem áquem.

Contou-me o meu amigo o finado padre Manoel Cupertino Salgado, vigario de Taupessassu no Rio-Negro, que subindo uma occasião o mesmo rio, teve de fazer uma choupana na margem, por ter de demorar-se. Começava então a enchente. Marcando elle o logar, um indio que o acompanhava lhe fez vêr que a choupana iria ao fundo, se bem que estivesse muito acima do nivel do rio

porque as ariranhas tinham feito ninho ahi acima do logar escolhido. Não acreditou elle n'isso, e mandou construir a choupana; tempo depois teve de construir outra, porque a primeira com a enchente ficára inundada.

A segunda especie e mais commum é a *lontra, luttra braziliensis* dos naturalistas. Esta, além do tamanho que só attinge 0m,6 fóra a cauda, tem os membros proporcionalmente menos desenvolvidos, a mancha da garganta mais amarella e o pello geral mais cinzento e anda sempre em bandos de 6 a 10.

Com os mesmos costumes da ariranha, tornam-se mais atrevidas, animadas pelo numero. Geralmente quando marcham por terra e são atacadas pelos cães, seguem seu caminho roncando e mostrando os afiados dentes, sem se importarem com o latido dos mesmos; mas ai daquelle que chegar a ataca-las de perto. É logo despedaçado. É o unico animal que a onça respeita e não se atreve a atacar quando o bando está reunido, porque é victima sempre delle, como geralmente tambem o é nas lutas com o tamanduá bandeira.

A presença da onça irrita de tal fórma ás lontras, que, quando ella atravessa os rios, sendo presentida pelas lontras, é logo por ellas assaltada e morta dentro d'agua.

Domesticam-se com facilidade e tornam-se muito mansas.

O nome *yandu* quer dizer—o que corre muito na agua, de *y*, agua e *nhan* correr e *u* contracção de *assu* muito. No Amazonas e principalmente entre os indios menos civilisados, como os Tembés, nunca se ouve pronunciar *assu* e sim *u* ou *uú*.

Aricurana ou *urucurana*. (103) — (Hieronymia alchornioides, Alle.) Fam. das Euphorbiaceas. E a arvore das mattas virgens, e floresce de Novembro a Janeiro. Dous mezes depois tem fructos maduros. A madeira é empregada em construcções civis, e tem o cerne roxo. Com o nome de *urucurana* conhecem-se algumas *alchorneas*, assim como uma malvacea a *Urena sinuata* de Linneo, e em Minas o *Croton tilliaefolium*, Mans.

Assacu ou *uassacu*. (105)—*Ua*, fructa, *assy*, doença, *uu*, comer, fructa que produz doença. (Hura crepitans, L.) Fam. das Euphorbiaceas. Cresce esta arvore de tamanho mediano, porém muito

esgalhada, ás margens dos rios e logares humidos, até onde chega as grandes marés, na provincia do Pará. Seus fructos caducos enchem as praias na vasante das marés. Seu leite, folhas, flôres e fructos são muito venenosos. O chão cobre-se das suas folhas, e estas, com os fructos em maceração na agua, faz com que esta produza intermittentes em quem a beba ou nella se banhe. Em algum tempo passou no Pará como sendo o seu leite remedio para a elephantiasis dos gregos, assim como as folhas, trituradas, contra o rheumatismo. Em dóse pequenissima é empregado como vermifugo. Os pescadores empregam tambem o leite nas aguas stagnadas para matar peixe. E planta vulgar nas proximidades de Belém, e os matteiros, para derruba-la, lançam antes fogo ao tronco para queimar a casca, para assim evitar que no corte o leite salte aos olhos, o que produz cegueira.

Atta, fruta de Conde, Pinha. (104)— No Rio de Janeiro é conhecida pelo segundo nome, no Ceará pelo primeiro, e em Pernambuco pelo ultimo, é a *Anona muricata.* L.

Dão tambem o nome de *atta* e *fruta de Conde* á Anona *obtusiflora*, Tuss. que é das Antilhas e acclimada no Brazil; assim como tambem á *A. squamosa*, L., que é da mesma procedencia.

A Anona muricata é da Jamaica. Foi introduzida na provincia do Pará em 1750, por Manoel da Motta de Siqueira, que depois edificou o forte de Santarem, sendo seu primeiro commandante.

O fructo de todas as especies são comestiveis, muito saborosas, mas querem alguns que a sua semente seja venenosa.

São arvores de mediana grandeza e que no norte crescem e fructificam muito.

Banana. (210)— Com este nome conhecem-se varias especies e variedades de *musaceas.* Ha a *Banana de S. Thomé*, (musa Paradisiaca L.) a *banana da terra* (musa sapientum L.), e as *B. anã, prata, ouro S. Domingos* e *figo*, todas mais ou menos saborosas que se preparam tambem como figos seccos, a que se dá o nome de *bananas passadas*, sendo assim muito saborosas, duram muito tempo, podendo servir de genero de exportação.

Vide *Pacova.*

Bachoripari, bacôripari, ou *bacury pary.* (107) É uma *Clusiasea* do genero *Platonia*, confundida com o *Bacury* (Platonia insignis

Mart.) Ambas são frutas do Pará muito semelhantes, porém a de que se trata é muito menor do que o bacury, que tem o tamanho de uma laranja. E oboval, attenuada, com a cicatriz dos stigmas muito visiveis, amarella, com o mezocarpo grosso, cheio de leite resinoso côr de enxofre. A semente é envolvida em uma massa, (o que se come), semelhante á do Bacury.

Penso ser o *bacopari* de Minas. *Bacury*, o que cahe quando amadurece, de *ba* cahir, e *cury*, logo.

Barabu. (108)— É uma arvore das provincias das Alagôas e Pernambuco.

Batinga. (109)—Penso ser uma *Eugenia* da provincia das Alagôas. O nome é corruptela de *yb*, madeira e *tinga*, branca. Com o nome de *Batinga* ha differentes especies conhecidas por *B. branca B. preta B. amarella, B. vermelha*, nomes tirados da côr do lenho depois de secco. Não vi a planta, mas querem alguns que seja tambem um *Astronium*, da familia das Terebinthaceas.

Bicudo. (51)—É nome portuguez applicado a um *conirostro* o *Pitylus niger*, ave pequena e de canto muito agradavel, e que se cria em gaiolas.

Bicuhyba ou *bicuiba*, ou *becuiba*, antes *bicuyba* (115)— (myristica bicuhyba, Schott.). Fam. das Myristicaceas. E uma bella arvore de quasi todo o Brazil, e com emprego não só nas construcções civis como na marcenaria, além de que as sementes de seus fructos. em algumas especies fornece uma especie de cêra, utilisada no Pará, Conhece-se a *bicuyba-vermelha* (M. officinalis), cujos fructos aromaticos são os maiores, e que dá um oleo empregado nos rheumatismos, sendo as sementes semelhantes ás da noz-moscada, porém toxicas, quando em quantidade, e a *Bicuyba-preta* (*myristica sebifera*, Swarts) cujas sementes dão muita cêra.

Além destas especies, ha no Pará a *ucuuba* (M. Surinamensis), cuja madeira é leve e só serve para jangadas, mas de cuja casca sahe um liquido côr de vinho, que combate as erysipelas, e pela sua adstringencia, misturado com alvaiade, é empregado nas hemorrhoides.

A semente dá cera que é empregada em diversos mysteres.

Biriba, (110)— antes *biribá*, de *bir* crescer e *uá* fruta, que cresce depressa.

É uma *Anona* da provincia do Pará. O epicarpo é amarello, muricado, e o mezocarpo formado de uma massa branca, doce-insipido. As sementes são chatas, pequenas e pretas. Em Pernambuco conhece-se por *Biribá* a *Duguetia Marcgraviana*, Mart., da mesma familia das Anonaceas.

Boya, giboia. (287)—Pela etymologia desta palavra, razão têm os sertanejos de, sob o mesmo nome, confundir especies distinctas, porque, como sabemos, a palavra hoje corrupta, quer dizer *cobra d'agua*; de *y*, agua e *mboia* cobra. Comtudo nos sertões de Minas-Geraes e no valle do Amazonas, os naturaes distinguem duas especies a *giboia* e a *sucury* (em Minas), ou *sucuryú* (no Amazonas).

Este nome, modificado por euphonia, ou corrupto, bem exprime um dos caracteres que separa esta especie da giboia, e o indio sempre observador não podia deixar passar desapercebido; assim a *cobra d'agua* é differente da que tem *espinhos na ilharga*, porque *sucurijú*, ou, como com mais propriedade dizem os indios do Amazonas, *sucuryú*, vem de *suakara*, ilharga e *iú*, espinho. Distingue-se a giboia da sucuryú, não só pelo seu tamanho, suas malhas, como principalmente por este caracter.

A giboia vulgar tem quasi os mesmos habitos da *sucuryú*; se esta procura de preferencia as margens dos rios, dos lagos e mesmo dos paúes ou igapós, aquella tambem vive á sombra das florestas, nos logares baixos e humidos, e mesmo junto d'agua. Nas minhas explorações pelo sertão do Amazonas, tive occasião de observar bem o costume de ambos estes ophydios, principalmente no rio Yatapú, onde enormes sucuryús apparecem em toda a margem. Estas vivem dentro d'gua, só sahem á noite para fazer suas prezas e durante o dia para se aquecerem ao sol. Diariamente voltam ao logar escolhido para esse fim a primeira vez, pelo que os indios denominam suas camas *sucuryú-kiçáua*.

Como disse, os indios distinguem a giboia da sucuryú pela particularidade da presença de espinhos que esta tem e aquella não. Com effeito, na parte inferior do terço da cauda, occultam-se, transversalmente sob as escamas, duas unhas corneas de um a dous centimetros distantes uma da outra, um decimetro pouco mais ou menos. Servem estas unhas para, quando enroscada ao tronco das arvores, salta sobre a presa, sustentar o impulso que soffre esticada pela anta, por exemplo.

A giboia, que não se atreve a atirar-se a animaes superiores, não possue estas especies de garras. Os indios não matam as sucuryús, que dizem ser a *mãi d'agua*, porém apreciam muito as unhas, que para elles é um talisman.

Duas especies distinctas tive occasião de estudar: a sucuryá (Eunectes murinus) e a sucuryú pitanga (vermelha). Afasta-se esta da primeira, não só na côr como nas dimensões e na fórma das unhas. O fundo é vermelho sujo, com as malhas negras, differentes na fórma das da primeira, não são tão alongadas, pelo contrario, a grossura é quasi dupla, e as unhas, que na primeira são conicas e muito curvas, nas segundas são maiores e menos longas. Não comportando este local maior desenvolvimento, não a descrevo, deixando para o fazer em um trabalho especial que tenho entre mãos. Como sua congenere esta especie é *ovovivipara*, como tive occasião de observar, já em individuos dissecados, já assistindo mesmo ao acto da reproducção. Não estando esta especie descripta, dei-lhe o nome de *Eunectes rubrus*.

Entre as giboias, ha tambem duas especies conhecidas por *giboia da vargem* e da *terra firme*. Aquella é a vulgar e esta é extremamente rara.

Para o Museu Nacional enviei um specimen. A primeira vive pelas margens humidas dos rios e lagos, e a segunda no centro das florestas. No districto de Villa Bella da Imperatriz, na provincia do Amazonas, apanhei um exemplar vivo. Pela côr é semelhante ao *Eunectes rubrus*, porém tendo as malhas differentes e não attingindo a tão grande comprimento como a primeira. Julgo que Gardner levou um specimen para a Europa, porém não a vendo classificada, propuz para ella o nome de *Boa piranga*, conservando o nome indigena para especifico na sciencia. Se bem, corra a opinião de que estes ophydios não sejam venenosos, é crença entre os indios, que em certa época do anno elles o são. (1)

Bocaba, antes *bacaba*. (111) (*Œnocarpus distichus*, Mart.), da familia das Palmeiras.

É indigena do Pará, e uma das mais bellas da familia. Suas folhas são dispostas em leque, e com os pequenos fructos rôxo-negros,

---

1) Este artigo foi publicado no *Globo* de Janeiro de 1876.

prepara-se uma beberagem conhecida por *vinho de bacaba*, que tem côr de café com leite, e é muito saborosa.

Ha outra especie com esse nome, (Œ. bacaba, Mart.) que é da provincia do Amazonas e mais conhecida por *Bacaba de azeite*, porque dos fructos extrahem um bonito oleo amarellado empregado em diversos misteres.

Bocayuvas ou *guacuri*. (112) Julgo que *Bocayuva* é uma corruptela de *Mbocayba*, que passou a *mocaiuba*, *mocajuba*, *macauba*, *macaiba*, *mocajá* e *mucajá*, nomes todos dados em differentes provincias ao *côco de catharro*, a Acrocomia sclerocarpa, e lasiospatha Mart., da familia das Palmeiras.

Guacuri é nome generico dado a muitas palmeiras de generos diversos.

Brahuna, (113)— corruptela de *muira-una*, páo ou madeira preta, conhecida tambem por *Barauna*, e *Guarauna*, *Garauna*, (*melanoxylum braunia*, Schot.), da familia das Leguminosas.

O cerne é pardo-escuro quasi preto e empregado para construcção civil e dormentes. D'ella extrahe-se uma tinta pardo-escura com que tingem algodão. Ha differentes madeiras todas do mesmo genero com denominações vulgares tiradas do seu lenho, assim temos a *Guarauna-parda*, *G. ruiva*, *G. amarella*.

São todas do sul do Imperio. É arvore que não attinge a mais de 25 metros de altura.

Buranhe, ou *Buranhem*, *guaranhem*, (116)— antes *muriahem*, sito é páo-doce, (Lucuma glycyphlœa, Mart. et. Endl.) da familia das *Sapotaceas*, conhecido tambem por *Casca doce*. É a *Pometia lactescens* de Velloso. Arvore excelsa já conhecida de Thevet que a denominou *Hivurahé*.

O cerne é amarello sujo com manchas pretas e empregado muito para remos.

A sua casca, que fresca é semi-leitosa e doce, é empregada contra a leucorrhea, as hemoptises, diarrheas, catharros chronicos, ulceras, ophtalmias purulentas e em outras molestias.

Cresce no Rio de Janeiro.

Brutiz, ou *Burity* (114)— (Mauritia vinifera, Mart.) Familia das palmeiras.

É uma das mais bellas e elevadas palmeiras dos nossos sertões, e

que vive em grande sociedade pelos logares humidos dos centros de Minas, Matto-Grosso e Goyaz. O seu espique furado ou excavado distilla um liquido saboroso, e em quantidade que serve de fonte para os sertanejos. Anda esta palmeira confundida com uma congenere do Pará, a *Murity* ou *Mirity*, (Mauritia flexuosa, Mart.) Especie differente posto que no facies muito semelhante. Esta não tem liquido algum e vive nas margens dos rios, ou em logares alagadiços. O seu fructo come-se desfazendo-se o mezocarpo na agua e dos seus grellos extrahe-se bôa fibra. A madeira é rija e muito empregada.

Caa. (218)— Significa tambem folha, arvore, matto.

Caapeba, capeba, Parreira brava, pariparoba. (219)
(Cissampelos pareira Lim. fam. das Menispermeaceas.)
Herva empregada como anti-leucorrheica. Dá-se tambem em Minas o nome Caapeba á Pariparoba do Rio de Janeiro a *Artanthe Micaniana*, Miq. Caa peba, significa, *folha chata.*

Caataya (folha que queima), *Herva de bicho, João Gomes.* (220)

Tres plantas conheço com o nome *caataya*, o *Polygonum antihemorhoidale* Mart. chamado tambem *herva de bicho*, a *Vandellia diffusa* L. ou *mata-cana*, e um *Plumbago* conhecido no Amazonas tambem por *João Gomes* e *Carrapicho*,cuja especie não vem descripta na *Flora Brazilensis.*

Cacau. (119)—(Theobroma cacáo,L. da familia das *Bythneriaceas* Arvore da provincia do Pará, que pouco cresce mas esgalha muito, cuja cultura é uma das fontes de riqueza da mesma provincia. Em quasi toda a margem do Amazonas, encontram-se *cacoaes*, de milhares de pés, principalmente na costa chamada dos cacoaes, proximo á Obidos.

O fructo, além da semente, que depois de secca é exportada para o fabrico do cacáo, come-se e da polpa adocicada que envolve as mesmas sementes, por expressão, prepara-se o *vinho de cacáo*, muito saboroso e nutriente. No preparo do chocolate, apura-se um oleo fixo e solido, conhecido por *manteiga* ou *banha de cacáo* empregada com bons rezultados na racha dos beiços e dos seios, assim como nos accessos homorrhoidarios. È substancia muito barata no Pará, mas que preferimos importa-la da Europa, pagando mais caro

e assim roubando á provincia, lucros com que presenteamos ao estrangeiro em prejuizo dos consumidores da côrte. Além desta especie, ha outras sylvestres como o *Cacaurana*, *Cacaú*, etc.

Caboré (52)— é uma pequena coruja do genero *strix*. —Apparece communmente em noites de luar. Dão tambem este nome a um *caprimulgus*.

Cabiuna, *Jacarandá-preto*, *Tambayba*, na Bahia, (117)— é o *machaerium incorruptibile*, que Freire Allemão, descreveu nos trabalhos da Sociedade Vellosiana, e pertence á familia das Leguminosas.

É uma das arvores mais altas cujo lenho é pardo e negro, rijo, e empregado não só nas construcções civis, como na marcenaria. É do Rio de Janeiro.

Caburéyba, (118)— conhecida pelas corruptelas *caboré-uva*, *cabu.réiba*, *cabreuva*, ou *cabiruba*. Dá-se-lhe tambem o nome de *oleo pardo*. É o *Myrocarpus frondosus* e o *M. fastigiatus* de Freire Allemão, pertencentes á Familia das Leguminosas. Crescem as florestas do Rio de Janeiro e Minas-Geras, e tornam-se um dos gigantes dellas.

Em Minas é muito empregado nas construcções civis e marcenaria O cerne é vermelho claro. Do seu tecido fibroso exhuda um oleo rezinoso e aromatico donde lhe veio o nome portuguez. É conhecida essa rezina por *caburucica*. É mui raro vê-los com flôr.

Cahinanna, *cahinana*, *cainana*, *raiz de frade*, *cainca*, *raiz preta*, *cruzeirinha*, *poaya*, (221)— nomes dados em diversas localidades de Minas e S. Paulo a tres Rubiaceas, a *Chioccoca anguifuga* Mart. *racemosa*, Humb. e *demifolia*, Mart. Todas têm as raizes amargas e acre-nauseabundas, empregadas como diureticas e purgativas, nas hydropisias, na syphilis e nas molestias dos rins. Caventou extrahiu dellas o *acido cahinico*, que se apresenta em crystaes brancos em fórma de estrellas.

Caia, *cajá* e *cajaty*, (120)— é o *Acajá*, conhecido no Pará por *Taperebá*. (*Spondias lutea*, Lin.) da familia das Anacardiaceas. Arvore alta, elegante e cujos fructos oblongos e amarellos são saborosos, posto que muito acidos. Ha duas variedades, uma de fructos grandes, outra de fructos pequenos e muito doces.

Do succo do fructo preparam-se xaropes e geléas.

A semente é diuretica.

É arvore de muita vitalidade, desenraizada, quebrada pelo vento,

cortada e fincada em moirões continúa a crescer, pelo que nas lendas do Jaboty, contadas no valle Amazonico, é dessa arvore que mais se teme esse chelonio, porque cahindo ella sobre o seu casco, está irremediavelmente perdido, porque não apodrecerá, e de sob ella elle não poderá sahir.

Calumby ou *calumi* (121)-- é uma *mimosa* da provincia das Alagôas, conhecida tambem em Pernambuco por *malicia de homem*. É um arbusto que cresce pelas varzeas, espinhoso como todas as mimosas.

Camará ou *cambará*. (122)— Com este nome conhecem-se varias plantas no Brazil. Temos a *Moquinia polymorpha*, que fórma as nossas capoeiras do Rio de Janeiro; arvore de lenho branco, muito empregada em poliame, cabos de ferramenta, etc., e diversas *Lantanas*, e *Verbenas*, assim como um *Erigeron* de flôres brancas muito aromaticas que floresce em Março.

Camassary, *camaçary*. (123)— Arvore de que dá tambem noticia Maregrave. (*Carapa piramidata ?*) Pela incisão no tronco, obtem-se um succo glutinoso, branco, e depois torna-se rôxo, que serve para apanhar passarinhos.

Cambucu, *cambucá*. (256)— Fructo de uma bella arvore da familia das myrtaceas, descripta por Berg, com o nome de *Rubachia glomerata*, quando pertence elle ao genero *myrciaria*. Com o nome de Cambucá, apresenta o mesmo autor a *myrciaria plicato-costata*, mas que não é a mesma planta.

O conselheiro Schuch de Capanema, no estudo que tem feito sobre a familia das *myrtaceas*, descreveu o cambucá ainda não descripto, e denominou-o *Myrciaria cambucá*.

Cambuim, *cambuy*, *cambuhy*. (257)— Arvore das restingas dando um pequenino fructo saboroso.

Conhecem-se tres especies todas do mesmo genero entre as myrtaceas, que são o *Myrtus silvestris*, Piso, cujo fructo é rôxo-negro, o *M. rubra*, Piso, de fructos amarellos avermelhados, e o *M. alba*, Piso, de fructos amarellos.

Cangamba ou *Jaraticaca*, antes *Cagambá* ou *Jeritacaca*, (4)— é o digitigrado dos campos pedregosos dos sertões, chamado *Zorrilho* no Rio-Grande do Sul e no Chile por *Chingue*, conhecido scientificamente por *Mephitis suffocans*, Illig., ou *M. chincha*. É pequeno,

evita o homem, mas quando perseguido ataca-o, lançando sobre elle a sua ourina, cujo cheiro forte e nauseabundo não desapparece senão muitos dias depois.

Os animaes que recebem o jacto da sua ourina, definham e morrem.

São mui communs em Minas-Geraes e no Rio-Grande.

Encontrei no alto da serra do Aguapé muitos. Tem pouco mais ou menos o comprimento de um quaty, com o pello cinzento-escuro, quasi preto no lombo, e esbranquiçado no ventre. A cauda é longa, coberta de longos pellos, em pennacho, e anda com ella cahida erguendo-a só quando se assusta. Na cabeça tem uma malha branca na fronte e outra no nariz, assim como duas listras lateralmente, que atravessam o corpo até proximo á cauda.

Cangusú é o *Cangussú*, (5)— cuja traducção é *akang*, cabeça e *assú*, grande, nome dado á *Felis pardalis*, L. (Vide a nota sobre a palavra *maracayá*.)

Caninana (288)— (Trigonocephalus flavescens.) Cobra longa, de escamas aguçadas amarellas e pretas. É muito venenosa.

Capíbara, antes *capyuara* que por corruptela fizeram *capivara*, (8) é o maior roedor do Brazil, o *Hydrochocrus capybara* de Erxleben, ou o *Cabiaia* de Buffon.

Decompondo-se o nome indigena, vê-se que significa o *campineiro*, o que vive e sustenta-se de capim ; *capy*, quer dizer *capim*, e a dicção *uára* indica frequencia, naturalidade, tanto que para mostrar o logar donde alguem é natural, accrescentam sempre essa dicção, v. g., Saracáuara, natural da ilha de Saracá.

Com effeito a Capyuara é não só herbivora, como habita os capins das margens dos rios e dos lagos.

Não encova, faz um leito das mesmas gramineas. É arisca como os outros roedores, não tem habitos nocturnos e foge ao menor ruido, roncando. Nada e mergulha perfeitamente, e até caminha pelo leito do rio, onde demora-se muito tempo. Quando presente os cães dos caçadores, atiram-se rapidamente n'agua mergulhando, indo reapparecer muito longe. Andam geralmente aos casaes e ás vezes em pequenos bandos. É um animal muito forçoso. Quando apanhada em pequena, domestica-se com muita facilidade, e torna-se tão mansa que nunca abandona seu dono, seguindo-o

como um cão. Tive uma, apanhada no rio Ereré, que de tão mansa, vinha diariamente procurar dormir commigo na mesma rede.

Esta tinha sido amamentada aos peitos de uma tapuya. A carne, que alguns comem, é gordurosa, e tem o cheiro nauseante, que os indios chamam *pixé*.

Como disse, é o maior roedor, assemelha-se a um porco regular, porém suas fórmas são mais elegantes, é mais alongada e comprimida lateralmente; attinge 0m,9 de comprimento. O systema dentario approxima-se do das pacas e cutias, porém afasta-se pelo ultimo molar superior que attinge o comprimento dos tres primeiros reunidos, e é formado de laminas parallelas, unidas verticalmente.

A secção horizontal das laminas tem a fórma pouco mais ou menos de dous longos arcos cortados proximamente. Os incisivos são fortes e geralmente esmaltados de amarello. A cabeça é comprida, um pouco comprimida lateralmente com o focinho arredondado; os olhos negros e grandes; as orelhas pequenas relativamente ao corpo, arredondadas e pretas,quasi sem pellos. Os membros dianteiros têm quatro dedos e os trazeiros tres, armados de unhas pretas, fortes e um pouco curvas.

Os dedos são ligados por membranas. Seu pello duro e pouco aspero, é pardo amarellado pelas costas e esbranquiçado pela barriga. Não tem cauda e apenas um pequeno tuberculo indica o seu logar. Uma outra especie menos vulgar que apparece nos bandos, é a *capyuara-tinga* ou branca.

Inteiramente semelhante nos habitos a *H. capyuara*, afasta-se comtudo pelo tamanho, que é menor, e pela côr, que é inteiramente branca. A principio tomei-a por um caso de albinismo, mas tão vulgar torna-se pela reproducção, que hoje tenho-a como especie. Além disso, o albinismo sempre nota-se nos olhos, que tornam-se azues ou esverdeados, o que se não dá na especie em questão que sempre os têm pretos.

Cará, (222)— nome vulgar dado a diversas *Dioscoreas*;cujos tuberculos se comem cozidos ou assados, como o *cará-assu*, *cará-barbado*, *cará-mimoso*, e *cará-roxo*, conhecidos entre os tupys por *cará-uassu*, *cará-hembó*, *cará-tinga* e *cará-piranga*.

Caraoba, *caroba*, (223)— com estes nomes e com o de *carobinha*, conhecem-se varias bignoniaceas do genero *jacaranda*, como a *procera*, Spreng., *subrhombea*, *braziliana*, Piers, etc., todos com propriedades purgativas e anti-syphiliticas.

O nome indigena significa *caa*, folha, e *ob*, amargosa.

Caragiru, *carajuru*. (227) (Bignonia chica). Em diversos logares se encontra esta liana, em mais ou menos abundancia, pelos logares silicosos, e cobertos de capoeiras, onde ella vegeta. Na provincia do Pará encontrei em abundancia nos districtos de Monte-Alegre. Das suas luzentas folhas, depois de seccas, extrahem os indios, principalmente os dos rios Uapés e Içana, no Rio-Negro, de que fazem umaindustria, uma linda tinta vermelha-arroxeada, que apparece no mercado em pó, dentro de embrulhos de estopa de turury. Quando querem tingir fios, ou algum objecto, fervem as folhas, e mettem o mesmo objecto de infusão nesse cozimento; que dá uma bella côr encarnada.

Para exportarem, porém, extrahem a fecula pondo-as de infusão em agua quente e batendo-as.

Grande extracção tem esta fecula para a Europa, para tinturaria, emquanto que aqui só tem procura para o curativo das molestias da garganta, em que é empregada desfeita em vinagre. Pintam a parte affectada com esta mistura. Outro emprego, porém cabalistico, lhe dão os pagés, entrando sempre nas suas composições e nos seus philtros.

Os indios tambem usam a tinta para com ella se pintarem, como os Arauquis nas suas ceremonias funebres.

Tres especies conheço que dão fecula, a de que trato e uma outra que cresce em Santarem. Afasta-se muito não só no habito como nas fórmas e consistencia das folhas.

A fecula desta, depois de secca, toma uma bella côr rôxa, em quanto que outra fica pardacenta.

Algumas pessoas confundem o carajuru com a *caa-piranga*, planta inteiramente differente, cuja tinta é roxo-rei.

Ainda uma outra especie ha, que cresce no districto de Mauhés, cujas folhas são maiores e differentes.

É tão difficil o fabrico, que, diz Humboldt, um homem trabalhando todo o dia, ás vezes não faz que chegue para pintar-se.

Dizem os indios, para mostrar o gráo de pobreza entre elles : « E tão pobre que não tem com que pintar o corpo. »

Caranday, carandahy, caraná-y (125) Com este nome conhece-se tres especies de palmeiras. No Amazonas *caraná-y* é a *mauritia Martiana*, Spr. antiga Mauritia aculeata, Mart., no Maranhão é a *copernicia cerifera*, Mart., e em Matto-Grosso e Goyaz, uma outra *mauritia* que não posso determinar por não ter visto a planta, não sendo comtudo a *Martiana*, porque esta só cresce nas vertentes das serras que nos separa das Guyanas.

Carapinima, antes *muirapinima* (126) (Centrolobium Paraense Tul.) da Fam. das *Leguminosas* e não *Brossimum Aubletii*, Poëp que é hoje o *B. discolor*, Schot, que se refere a uma Urticinea muito proxima ao celebre *Palo de Vacca* ou *Vacca vegetal* do Perú.

A muira pinima (*muira*, páo, *pinima*, pintado miudamente) é uma pequena arvore do Amazonas, cujo cerne muito fino é vermelho-escuro pintado de preto. A madeira é empregada em arcos pelos indios, e em objectos de marcenaria de luxo. Encontra-se ainda na serra dos Parintins, acima de Villa-Bella.

Caranja, caranguea. (296) Será *carangueijo* ou *carangueijeira?* Ha algum insecto desse nome? É planta? (53) Vide a nota 7.

Carauna corruptela de *uirauna*, (54)— passaro preto, chamado tambem *virabosta*, é o *Icterus violaceus*. Anda em grandes bandos, attaca as roças de milho, em Minas, e geralmente procura a companhia dos chechéos ou japys, dos quaes rouba os ninhos para a sua prole.

No Pará não formam bandos, encontram-se sempre como parasitas entre os japys. Ave cantora.

Carnahuba, ou *carandahy*, (128)— (Copernicia cerifera, Mart.) da familia das palmeiras.

O primeiro botanico que descreveu a *Carnaubeira* foi o Dr. Arruda Camara, posto que Marcgrave della tivesse tratado com o nome de *Carandahy*. O botanico brazileiro a denominou *Coripha cerifera*, genero a que não pertence, por isso Martius a passou para o seu verdadeiro genero. Como fôsse o Dr. Arruda o primeiro que della tratou scientificamente, em geral dão-lhe o nome de *Arrudaria*

cerifera, genero que não existe entre as palmeiras, não autorizado e sem razão de ser por pertencer ella ao genero *Copernicia de Martius*.

É uma das palmeiras mais uteis, e seria ocioso tratar della aqui pois é por demais conhecida em todo o mundo. Póde-se dizer que a Carnaubeira é a *vacca vegetal*, della tudo se aproveita, raizes, tronco, folhas, fructos, etc., que se transforma pela industria em esteios, ripas, bengalas, chapéos, esteiras, vassouras, capachos, cordas, oleo, cêra, papel, e outros objectos de marcenaria, além do emprego das raizes em cozimento nas affecções cutaneas e syphiliticas.

Carrapato, *mamona*, *Palma Christi* (127) — taes são os nomes dados ao *Ricinus communis* de Linneo. Euphorbiacea muito conhecida e empregada na medicina.

Dá o oleo de ricino, assim como as folhas do chamado *mamona branca*, em cozimento é empregada em banhos contra as leucorrheas e escamecencias.

Carigue é a *Sarohé*, *sarigué*, ou *saruê* da Bahia, conhecida no Rio de Janeiro por *Gambá*, no Valle Amazonico, por *mucura*, e *micuré*, no Estado Oriental. (2)

Este marsupio carniceiro, o *Didelphis aurita* ou *D. Azarae* é mui commum e muito conhecido, pelo que é inutil mais explicações.

Caxinglé, ou *cachinguelê* antes *cachinguelê* é o *acuty-puru*, ou *quaty-puru* do Amazonas, o *Sciurus pusillus*, St., Hil., (10) — comprehendendo o genero diversas especies.

Duas etymologias póde ter o seu nome vulgar, ambas tiradas da crença que têm os indios, de que esse animal não é mais do que um ser, que querendo ser invisivel anda com uma fórma emprestada ou que sendo uma pequena cutia, tem a cauda emprestada. Póde ser *Quaty* o plantigrado desse nome, ou *Aguty*, cutia e *purú* emprestado, isto é, o Quaty ou cutia que não o é, mas procura ter as suas fórmas.

O seu systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}\ \frac{0}{0}\ \frac{8}{8}$. e o seu alimento é todo frugivoro, gostando muito dos fructos das palmeiras.

Não medem mais de $0^{m},15$ de comprimento, fóra a cauda, que tem outro tanto. São esguios, têm um pello curto e avelludado, sendo pardo-escuro quasi preto da cabeça até á raiz da cauda pelo

dorso, esbranquiçado na parte inferior do pescoço, amarellado na barriga.

Caroen, *Cauhan* ou *macauhan*, corruptela do nome *uacauan*, que é onomatopaico. (55) Esta rapace é o *Falco cachinans* de Linneo. É ave tida por agoureira, e o seu canto, que só se faz ouvir nas noites de luar, produz nas jovens tapuyas supersticiosas tal abalo, que causa-lhes ataques hystericos, conhecido pelo nome do passaro. É muito commum no rio Jamundá.

Carrapata, *carrapato*. (293) (Ixodes, ap.) Conheço tres especie só vulgar do boi, uma especie mycroscopica, e outra de 0,002 de diametro.

São mais ou menos venenosos. Separados do corpo do animal, principalmente quando largam o ferrão, produzem uma ferida. As lavagens com aguardente e fumo, faz com que abandonem o corpo.

Carua ou *caruá*, conhecido tambem por *cotinga*. (56) É um dentirostro o *Ampelis cincta* de Gray.

Caruara. (294) É uma formiga que dá nas arvores, cuja mordedura faz tal coceira como se fôsse sarna, donde o nome *caruara*, que significa tambem sarna. *Caruara* aqui significa a *habitante do matto* ou das arvores, de *caa*, matto, e *uara*, que significa logar donde é natural. Além desta formiga, conhecem-se no Amazonas a *tatá*, (*myrmica saevissima*) que é a *vermelha* ou de *fogo* do sul, a *douda* de tres variedades, a *una*, que anda em casa, a *tinga*, que dá nas ruas, e a *parda*, que é dos campos. Estas andam muito ligeiras, são pequenas e não mordem. A *Giquitaia* é uma formiguinha branca, muito molle, chamada tambem de *defunto*, que dá em casa; a *tachy* (duas especies), é a que dá nas embaubeiras, cuja dentada queima; e a *macaca-tachy*, é semelhante ás tachys, porém, por qualquer parte do corpo que passe queima; a *morupeteca*, é a chamada de correição, corta a carne quando morde; a *carreira* (*Eciton praedator*), formiga preta, que corta e carrega as plantas como a *sauba* e com ella confundida: (1) a *tarapema*, que anda só nos páos, distingue-se pelos

(1) No Amazonas conhecem-se outras especies do mesmo genero como: a *Eciton rapax*, que são as maiores; a *E. legionis*, que são vermelhas; a *E. hamata*, a *E. praedator*, a menor, pardo-avermelhada e a *E. erratica*, etc.

espinhos que tem nas costas; a *tracuá*, (duas especies) aninham-se nas raizes das orchideas, nas bromelias e nos páos e cipós, preparando uma materia para sua vivenda, semelhante ao *amadou* (Polyporu igniarius, Fries), e que serve para *isca* de fogo, pelo que é conhecida por *isca de tracuá*, de que muito usam os indios; a *tocandyra* (cryptocerus atratus) formiga do tamanho de uma *caba* ou *marimbondo*, mordendo pelo aguilhão que tem no abdomen, são pretas, andam aos pares e aninham-se no chão; a *tapiahy*, semelhante a tocandyra, porém, menor; a *oncinha*, que anda tambem aos pares, é pelluda, tem duas pintas amarellas luzentes no abdomen, e mordem com o ferrão que este tem; a *sauba* (1) (Œcodoma cephalotes),especie muito conhecida em todo o Imperio, e que tanto mal faz á lavoura, pela disseminação das femeas, chamadas *tanajuras*; a *quenquem* formiga grande e preta, que carrega os ovos e se aninha na superficie da terra, e cuja dentada é dolorosa pelo córte que dá, e muitas outras que seria longo enumerar.

Caruru. (229) Este nome é dado não só a algumas *Phytolacacea*, como a algumas *Amaranthaceas*. Com esse nome ou *Cururé*, conhecem-se no Amazonas algumas *Podostemeas* que crescem sobre as rochas nas cachoeiras dos seus affluentes e que se comem em salada e dão sal.

Catolé, catolez. (129) Com este nome conhecem-se duas palmeiras do genero *Attalea*, a *A. humilis*, de Martius e a *A. oleifera*, especie nova que descrevi, da provincia de Pernambuco e Alagôas. A primeira é acaule e a segunda excelsa, inteiramente differentes nos caracteres especificos.

Cayapiá, caapiá, carapiá. (224)—Nome dado em varios logares de Minas e S. Paulo a differentes especies de Dorstenias, conhecidas no valle do Amazonas tambem por *Apehy*. As raizes contêm muito amido, e dão um extracto amargo. São diureticas, diaphoreticas e corroborantes.

O *Caopiá* de Pison é o *páo de lacre*, a Vismia Guianensiss Pers. porém com este ultimo nome ha differentes especies de Vismias todas exhudando um leite gommo-resinoso vermelho ou alaranjado, donde lhe veio o nome, porque depois de secco toma a apparencia do lacre.

---

(1) Corruptela de *içá*, formiga e *yba*, páo.

Caytátu, é o *Caitetu* ou *Catetu* de Minas-Geraes, ou *tayassu* do Amazonas, cujas especies são conhecidas tambem por *Pecarys*, pertencentes todas ao genero *Dicotyles* de Cuvier. (11)

O nome *tayassu*, póde ter duas interpretações, ambas caracterisando o animal; uma deriva-se de *tanha*, dente, e *assu*, grande, e outra de *tayá*, raiz, e *suú*, morder.

Tres especies conheço, o *tayassu-eté* do Amazonas, que é o *canella-ruiva* do Sul, o *tayassu-tinga* que é a *queixada* do Sul e o *tayassu-miry* ou *porco do matto* do Sul, o primeiro é o *D. torquatus*, o segundo o *D. labiatus*, Cuv., e o terceiro cujo nome especifico não conheço. Estes pachidermes andam em bandos e infestam as mattas, principalmente quando raivosos, com a catinga que expellem por um orificio que têm sobre as costas. No sul são atrevidos, atacam o homem, devoram os cães e tornam a sua caçada perigosa; porém no Norte o bando faz frente ao caçador, mas não o ataca. Ao primeiro tiro fogem, porém adiante voltam-se, fazem frente e tornam a fugir, podendo assim um só homem matar o bando, como tive occasião de observar matando-os quasi que diariamente no sertão do Amazonas para meu sustento. O ruido que fazem com os grandes caninos, batendo uns de encontro aos outros é aterrador. Ha uma crença entre os indios, que o tayassu lavado dentro de um rio faz com que as aguas produzam intermittentes.

Os seus dentes são aproveitados pelos mesmos como instrumento cortante, com que preparam todas as suas obras de madeira. Alimentam-se estes animaes de fructos e raizes e a sua carne é saborosa.

Chiriuba, *xiriuba*, (131) corrupetela de *seri-yba*, isto é, arvore dos *seris*. (1) Com effeito, esta arvore cresce nos mangues e alagadiços onde abundam os brachiuris, desse nome e os *carangueijos*, que por ellas sobem, pelo que tem tambem o nome de *mangue*. Ha duas especies, o *mangue branco* (Avicennia nitida, Jacq.) e *mangue amarello*. (Avicennia tomentosa Jacq.) da familia das Verbeneaceas. No Pará aproveitam as cinzas da casca para saboaria, para o que é excellente e dá em grande quantidade.

Com o nome de *mangue* conhecem-se tambem outras plantas de familias diversas.

Conduru. (132)— Arvore de construcção civil e naval do Pará mas que não conheço. Com este nome só conheço apenas um pequeno

peixe o *Cetopsis candiru*, Spix., que existe nas aguas amazonicas e que entra pela urethra daquelles que quando no banho, urinam na agua. Conheço 3 especies.

Cicopira. (130) — Segundo as localidades e os autores que sobre ella têm escripto, diversos são os nomes que tem tido. Assim são synonimos *Cebipyra, sucopira, sicupyra. sipupira, sucupi, sucupira, sapupira* (Pará), *sepipira, sebi-pira, sepepéra*, nomes que dão a conhecer segundo o adjectivo que se lhe pospõe, diversas variedades de uma *leguminosa* que em geral cresce pelos campos, fornecendo bôa madeira de construcção, a *Bowdichia virgilioides* H. B. K. e assim a *sapopira assu*, é a variedade *glabrata*, cujo lenho é de côr parda com os feixes fibrosos mais escuros e luzentes ; a *sapopira-preta*, é a especie typica, cujo lenho é muito escuro com fibras quasi pretas ; a *sapopira-vermelha, sapopira-roxa*, são as variedades *ferruginea, pubescens*, etc. *A sapopira-aquosa* é a *B. nitida*, Mart., que cresce no Rio-Negro e a sapopira amarella a *Ferreiria opectabilis*, Fr. All. chamada tambem *sapopira*.— falsa.

A casca das raizes das differentes variedades é adstringente, amarga e empregadas em banhos contra feridas darthrosas, rheumatismos e internamente como diaphoretico e anti-siphiliticos. A etymologia da palavra indigena é *hapo* ou *sapo*, raiz e *pi* ou *pira* crua, pela semelhança que tem a casca da raiz com a côr de carne crua. Com effeito as raizes são roxo-escuro ou côr de carne, donde tambem vem os nomes de sapopira-vermelha. Entre os productos da sapopira ha o que vulgarmente se chama *cerveja de sapopira*, que é um liquido que corre do alburno das arvores velhas quando corta as, que, não só tem o gosto da cerveja como cobre-se de uma espuma expessa. Bebem essa cerveja contra os males do estomago.

O Dr. Pecholt achou na casca duas rezinas e um alcaloide, a que deu-lhe o nome de *sicopirina* cuja formula, segundo um professor de Yena, é C. 16. H. 120. 5.

Coaracyba ou *coaracyaba* (59)— é um dos nomes com que os indigenas appellidam o beija-flôr, significando *raios* ou *cabellos do sol*, de *coaracy*, sol, e *aba*, cabellos.

Coaty ou *cuaty* antes *quaty*, (12)— é um plantigrado commum em todo o Brazil.

São conhecidas tres especies, das quaes de duas conheço a classificação. São as seguintes : *quaty de bando*, *quaty-mondé* e *quaty-m'ry*.

Separadas pelo vulgo, o foi tambem com razão pelo principe Maximiliano Neuwied, se bem que Azara, sem fundamento, não aceitasse a separação.

O nome indigena *Quaty* é derivado de *quá* molle e *ty*, focinho, que os indigenas, sempre observadores, lhe deram, alludindo á consistencia e ao movimento que tem o focinho.

O *quaty-mondé* (nasua narica), *coaty-solitaris* de Neuwied, é das duas especies a maior. O nome indigena e especifico que tem, refere-se á facilidade com que se apanha este animal, em laços ou armadilhas *(mondé)*.

Como o Procyon cancrivorus, tem elle $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{12}{12}$ dentes. E um animal que varia muito a côr do pello, não só segundo a idade, como as estações, tendo ambas as especies quasi que a mesma côr, sendo, porém, a de que trato um pouco mais clara, tendo, além do tamanho, que é maior, os caninos grandes que sahem fóra do queixo. Tem o corpo alongado, o focinho comprido, movel, truncado obliquamente e arrebitado. Os pés têm cinco dedos, não completamente livres na base, armados de unhas grandes, curvas e pretas. A cauda é longa, pelluda e trazem-a constantemente levantada. A femea tem seis maminhas. A côr é a seguinte : pardo-amarellado, mais escuro nas costas, o queixo inferiormente branco; tem ao lado do focinho uma listra branca, assim como tres malhas da mesma côr em torno dos olhos.

Andam geralmente aos casaes.

O *quaty de bando*, (*N. communis*, ou *socialis*, do Neuwieed) tem as mesmas côres, é menor, não tem os caninos salientes, é mais claro, e anda aos bandos.

Se bem que digam que são estas duas especies nocturnas, sempre as encontrei de dia. São animaes de um olfacto muito apurado, muito brincalhões, andam geralmente pelos logares humidos, nadam bem, assim como com muita facilidade trepam nos páos. O quaty-mondé é atrevido, chega a atacar os cães, investindo contra elles, porém o do bando é mais manso e foge, quer do homem quer dos cães; quando perseguido é que investem contra os cães. Domesticam-se com facilidade e tornam-se depois muito mansos.

Alimentam-se de carnes, ovos, fructos, hervas e mesmo peixe. Encontrei na fazenda da *Capella*, propriedade de meu amigo o Dr. Assis, na cidade de Obydos, uma vez um bando em uma copoeira alagada, onde só crescia o *Sapindus esculentus*, que uns trepados, outros no chão, entregavam-se a uma especie de dansa, tão distrahidos, que delles me approximei, chegando quasi a toca-los, apenas, porém, me ouviram, correram e desappareceram pelo matto, ficando um morto para meus estudos.

O *quaty-mirim* assemelha-se nas côres a *N. communis*, porém afasta-se no tamanho, que nunca o corpo excede a vinte centimetros, fóra a cauda. Anda tambem em bandos, porém são vagarosos no andar, tristonhos e não tão brincalhões. Na região do rio Jámundá são vulgares.

Coipuna. (225)— Será a *Cayaponia*, ou caponga ? Cucurbitaceas, descriptas por Silva Manso, entre ellas havendo uma com o nome de *Purga de Cayapó*.

Coliangu, *coriango*, (57)— é um *fissirostro*, o *Caprimulgus Nacunda*, Vieill., habitante de quasi todas as provincias onde é conhecido pelo mesmo nome, porque é o que elle pronuncia quando, durante as noites de luar, no seu pascigo segue ás vezes o viajante nas estradas. Alguns o tomam por agoureiro.

Colibri, (58)— este nome não é indigena, e sim francez introduzido no Brazil.

Congonha, (124)—nome dado em Minas-Geraes e S. Paulo, a diversas especies do genero *Ilex*, familia das *Illicineas*.

Ha a *Congonha-grande*, o *matte* ou *yerba*, (*Ilex Paraguayensis*, St. Hill.), a *congonha-miuda*, (Iex chamædrifolia) e outras como os *I. diuretica*, *pseudothea*, *medica*, *domestica*, *sorbilis*, etc. Empregam-se as folhas ou estas e os ramos pilados em infusão, que se toma como chá, sendo muito diuretico e diaphoretico. No Rio-Grande do Sul, Paraná e Minas-Geraes é muito usado, assim como no Paraguay, onde a sua exportação fórma a maior renda da Republica, e é quasi a base da alimentação, em vez do chá ou do café. Com o nome de *congonha* ha tambem em Minas-Geraes e S. Paulo a *Villaresia congonha* Miers.

Copaigba, *copaiba*, *copauva*, *copiuva*, *copahiba*, *copahyba*,

cupahy, *cupay*, *cupiuba*. (133) Segundo as localidades assim é a corruptela que apparece no nome indigena *copiyba*, isto é, arvore de cupim, pela semelhança que tem o desenvolvimento do tronco, onde se accumula o oleo com os ninhos que os cupins edificam nos troncos.

Com esse nome conhecem-se varias especies em diversas provincias dando oleo mais ou menos claro, porém todo com o mesmo cheiro e as mesmas propriedades. Assim no Pará e Amazonas a Copahyba é a *Copaifera Guyanensis*, Desf. e a *C. multijuga*, *Hay.* no Piauhy a *C. conferiiflora*, Benth. ; na Bahia, a *C. cortacea*, Mart. ; no Riode Janeiro a *C. Langsdorfii*, Desf. ; em Minas, a *C. oblongifolia*, Mart. ; em Goyaz, Matto-Grosso e Paraná a *C. rigida* Benth. , e a *C. oblongifolia*, Mart.

O oleo, ou o balsamo que extrahem, e que constitue uma industria no Pará e Amazonas, onde se vende aos potes, é empregado como anti-syphilitico, e nos catarrhos chronicos, assim como externamente nas dôres uterinas e nos ferimentos dos pés para previnir inflammação e tetano. É uma arvore elegante que fornece bôa madeira de lei, cujo cerne é vermelho-escuro. O oleo não é fornecido annualmente pela mesma arvore, em geral só dá uma vez na vida, posto que continue a viver depois do tronco furado. Extrahem o oleo daquellas que apresentam uma grande protuberancia ou barriga, onde se accumula o oleo, e esta furada, lança de si ás vezes dous a quatro potes de oleo, de quatro medidas.

Corocuturu. (60) Será a murucututu ? A jucurutu ? Ambas são rapaces nocturnas do genero *Strix*.

Cotia ou *cutia* antes *acuty*. (13)Diriva-se este nome, cuja traducção é *vigilante*, do verbo *acuty*, espreitar. Em todo o Brazil, e principalmente no Amazonas, abunda este roedor, se bem que soffra uma guerra de exterminio, não só dos civilisados como dos indios que as caçam, por causa da sua carne saborosa, se bem que um pouco dura.

Vivem pelos buracos que encontram, nos ôcos dos troncos cahidos, e debaixo das raizes das arvores, etc. Não tem habitos nocturnos, a qualquer hora do dia andam no pascigo, sempre aos casaes, e ás vezem em pequenos bandos.

Têm muita vivacidade, seus olhos estão em constante movimento e seu andar é sempre rapido e assustado. Comem raizes tuberosas,

são gulosas de curuá (Attala), inajá (Maximiliana regia), cajús (Anacardium) e outros fructos. Diariamente procuram essas arvores, que pelos fructos roidos os caçadores sabem que é *comedia*, e esperam-as então trepados nos *mutás*, para fazer-lhes fogo ou flecha- as. Seu porte é gracioso, e se bem que sua estructura anatomica diffira dos claviculados, como estes sentadas levam os fructos á boca segurando-os com as mãos. Seus dentes incisivos são tão fortes, que roem o endocarpo osseo dos fructos das palmeiras, para comerem o albumem. Destes dentes aproveitam-se os indios Ticunas para fazerem miras para as suas zarabatanas, assim como os *Uasahys* do rio Iatapu para fazerem facas, com que preparam suas flechas. Seus movimentos rapidos, tornam-se extremamente velozes, quando entimidadas ou perseguidas, sendo sua carreira sempre em saltos pela disposição e comprimento dos membros posteriores. O couro curtido para calçado é melhor do que o do veado.

Diversas especies abundam no Amazonas. A *Aguty-assu* ou cutiagrande, (*Chloromys Acuti* de Cuvier, *Cavia aguti* d'Erol. *Dasyprocta acuti* de Desmarett, *D. Caudata* de Lund.), que é a vulgar em todo o Brazil e a maior. Tem de comprimento 60 centimetros, e a cauda, que é rudimentar. 0m,02, occulta pelos pellos da anca.

A côr é pardo-ferruginea na cabeça, pardo pintada de escuro nacostas, confundindo com amarello dos lados. A barriga é amarello-sujo e as extremidades preta.

Os pellos na anca são muito maiores. Tem a cabeça alongada, focinho grosso, olhos vivos e salientes. O systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}$ $\frac{0}{0}$ $\frac{8}{8}$, tendo os incisivos as raizes por baixo dos primeiros molares, cujas corôas são chanfradas externamente nos superiores e internamente nos inferiores.

As extremidades, têm os dedos livres, em numero de quatro nas mãos e tres nos pés. O systema dentario e a disposição das plantas é commum ás outras especies.

Outra especie é o *Akouchy* de Buffon, *Dasyprocta Acuschy*, cuja cauda é menor. A côr é parda pintada de escuro, com a anca quasi preta e a barriga russa.

Uma outra especio existe no rio Jatapu e mesmo em outros logares, onde depois encontrei é a *Acutiruaia* ou Cutiuáia, (D. nigricans, Natt.)

Crumatan ou *curimatá*. (272)— (Anodus Amazonum). Tem palmo

e meio de comprimento, procura as correntes d'agua e cachoeiras. É um dos peixes mais apreciados do Amazonas, e de escama prateada.

Cucherí, *cuchery* ou *cujumary*. (226)— Arvore do Rio Amazonas, a *Ocotea cujumary*, Mart., da familia das Laurineas, cujas sementes são empregadas nas molestias do estomago. Contém grande quantidade de oleo.

Cuíca, chamada tambem no valle Amazonico *mucura*, (14)— corruptela de *mbycure*, é um marsupio do mesmo genero *dídelphis* a que pertence a Gambá, porém menor, e com a bolsa incompleta. Tem habitos nocturnos, aninham-se nas cipoadas, ás vezes dentro de ninhos de passaros, dos quaes comem os ovos.

Tem o pello macio e os olhos esbugalhados e brilhantes. Ha diversas especies, algumas quasi do tamanho de um camondongo. A mais linda é a *mucura-chíchi* do Amazonas. Algumas têm a cauda lisa, e outras pelludas.

Cutia, *couy*, *couym*, antes *cuyi*, conhecido tambem por *Cuandu*, *porco-espinho*, *ouriço-cacheiro*, e *carregador de goiabas* (15)— é um roedor o *Hystrix prehensílis*, Lin.

O nome *cuandu* diriva-se de *cua*, cintura, e da particula *ndu*, que serve para mostrar o uso de alguma cousa, assim refere-se á cauda deste animal, que é agarradora, isto é, fórma uma *cintura*, em torno ao objecto que segura.

É um animal que, durante o dia, passa dormindo no oco dos troncos das arvores, nas camadas de folhas que se ajuntam nas cipoadas, e á hora do crepusculo sahe em procura dos fructos de que se alimenta. Quando atacado, torna-se furioso sacudindo com violencia o corpo, e despede os espinhos que, mal seguros, tem entre os pellos. Quando os cães o pegam ficam com a boca, lingua e cara cobertos dos mesmos, como mais de uma vez tive occasião de vêr. Annualmente mudam de pello, perdendo então todos os espinhos.

É o maior ouriço do Brazil e mede de comprimento 36 a 37 centimetros, menos a cauda, que tem 25. Tem os quatros pés da mesma altura, com quatro dedos, armados de unhas curvas e agudas. Desde o focinho até o meio da cauda, assim como lateralmente, é irriçado de espinhos que sahem dentre o pello onde estão occultos

emquanto o animal não se encolerisa, e então, levantados, formando como que um ouriço. Os espinhos são amarellos com as pontas negras e muito aguçadas. O povo emprega estes espinhos torrados e reduzidos a pó para as molestias uterinas. Os espinhos medem de 0m,005 a 0m,03 de comprimento.

E um animal timido, e pouco se afasta do logar em que habitas tendo os movimentos muito lentos, comparados com o dos outro, roedores. A cauda, que quasi não tem pello, na ponta, auxilia todos os movimentos, isto é, anda sempre agarrada para equilibrar o corpo. Geralmente dorme assentado em um galho com a cauda enroscada nelle. Actualmente tenho um, domes ticado, em uma gaiola.

Cuité ou *cuyté, coité*, antes *cuy-eté*. (134) (Crescentia cujete, L.) Fam. das Bignoniaceas. Planta muito conhecida, tambem pelo nome de *cabaceiro*, cujo fructo mais ou menos espherico tem um epicarpo lenhoso, fino e corneo. Partido ao meio, e tirada a massa pulposa que envolve as sementes, dá dous vasos concavos que se denomina em portuguez *cuia* tirado do nome indigena cuy. Esse mesmo fructo, aberto só junto ao pedunculo e limpo por dentro fórma a *cuyambuca*, vaso para carregar agua ou guardar liquidos, geralmente envolvido em uma rede de fibras como usam os indios.

No Pará o fabrico de cuias fórma uma industria, que já vai decahindo, em que Monte-Alegre primava pela perfeição do trabalho a que sujeitam o fructo. Em geral são tintas depois de polidas com *cumaté*, o que lhes dá uma côr negra e luzente, semelhante ao xarão da India. Sobre essa tinta empregam diversas pinturas de côres, ou desenhos feitos por gravura. As tintas empregadas são preparadas de tabatinga e *tauás*, isto é, argillas de diversas côres que se encontram nas margens do Amazonas.

São objectos estimados e muito procurados, pelas varias fórmas que lhes dão.

O lenho da arvore, que é de tamanho mediano, não se emprega, mas a massa dos fructos, crua ou assada, verde ou madura, é empregada em diversas molestias, como anti-tetanico e spasmodico, nas hernias e nas elephantiasis dos arabes.

Cumaru, cumbaru, cumbary. (135) A que tem sementes compridas, de *curu*, comprido, *ua* fructo, semente, e *aru*, do verbo *rub*, eu tenho. (Dipterix odorata, D. C.).

Fam. das Leguminosas. Arvore alta, cuja madeira é empregada em construcções navaes e que produz a semente conhecida por *fava de cumaru* ou de *Tonca*, empregada não só para aromatizar o rapé e roupa, mas tambem como emmenagogas, cardiacas e diaphoreticas. Das sementes se extrahe um oleo essencialmente aromatico para o cabello. O fructo, que é uma drupa alongada, com o endocarpo osseo contendo uma só semente, é muito procurado pelos morcegos e corujas, que o carregam para muito longe ás vezes do logar em que está a fruteira.

Convém aqui expôr um facto que muitas vezes observei em differentes logares do Pará e do Amazonas. O cumaru cresce nas florestas virgens, longe um dos outros, e ha muitos logares onde elle não existe; porém, apezar disso, ás vezes vê-se debaixo de uma arvore qualquer, montes conicos, de fructos que parecem ser feitos pela mão do homem e que foram ahi amontoados pelos morcegos. Estes arrancam o fructo e levam-o para longe, e vão roer o epicarpo e o mezocarpo não só na mesma arvore, como no mesmo galho e ponto em que se penduraram á primeira noite. Á medida que os vão roendo, vão deixando cahir o caroço; de maneira que, acabado o tempo da fruta, encontram-se montes, que os collectores estimam, por poupar-lhes o trabalho do apanho.

Mais de uma especie dá a semente aromatica; a menor, que é a mais aromatica, é fornecida pela *Dipterix odorata*. Willd; e as outras maiores pelas *D. tetraphylla*, Spr., *D. rosea*, Spr., e *D. alata*, Nog., todas oriundas do Pará e Amazonas.

È conhecida na freguezia do Andirá e em outros logares do Amazonas, outra especie com o nome de *Cumarurana*, ou *cumaru silvestre* (Dipterix oppositifolia), cuja semente é toxica e empregada na matança dos ratos, baratas, etc.

No Ceará conhece-se tambem uma especie com o nome de *Cumaru*, mas que constitue um novo genero, a *Torresia Cearensis*, de Fr. Allemão, que floresce no tempo das chuvas e é uma arvore mediocre dos sertões.

Cupim, cupy (295)— (Termes flavicottum e lucifagum). Ha duas especies, a de casa, que devora e se aninha na madeira, e a do chão, que fórma grandes piramides nos campos de Minas, onde se aninha.

Cousa notavel, a mandioca plantada em um ninho de cupim, ou

se sobre ella o cupim se aninha, torna-se phosphorescente e muito venenosa.

Cupuassu, (Deltonea lutea). (269)—Fructo de uma grande arvore do Pará, pertencente ás *Malvaceas*. É grande, tem o epicarpo duro, quebradiço, amarellento, e as sementes envolvidas em uma massa filamentosa, branca, agridoce, que se come picada e posta em maceração na agua, o que dá uma bebida refrigerante e muito agradavel. Tem um cheiro um pouco semelhante ao da rosa.

Cutiríriba, *Cutitiribá*, no Pará, e *Tatarubá* no Maranhão (Lucuma Revicoa, Gartn). (258) É uma sapotacea cujo fructo, quando maduro, tem a epiderme verde-assetinada e o mezocarpo côr de gemma de ovo, farinaceo e semi-pegajosa. É de uma arvore altaneira e elegante. A semente pulverisada e addicionada a qualquer chá sudorifero é applicada com vantagem nas febres intermittentes. Ha duas especies, uma, cujo fructo é globuloso, com 25 milimetros de diametro e outra que o tem quatro vezes maior. É a *Guytí-toroba* de Piso, conhecida em Cayena por *jaune d'oeuf*.

Embira, *envira*. (230)—Dá-se este nome não só ás fibras longas e fortes da casca de alguns arbustos e arvores, como tambem ás plantas que as produz. Geralmente pertencem ás familias das *Malvaceas*, *Anonaceas* e *Bombaceas*.

Embiriva, antes *emviryva* (136) *Eimbir*, rasgar, lascar, e *yb*, madeira. (Couratari, sp.). Familia das Myrtaceas. E uma arvore de Pernambuco e Alagôas, alta, esgalhada e cujo cerne é de uma côr parda. O alburno lasca com facilidade, e aproveitam essa circumstancia para fazerem ripas para casas, assim como para archotes, que não só expande bôa luz como não se apaga. Em estcios é de grande duração. A casca é adstringente e empregada para curar golpes e feridas.

Emu ou *ema* (*Rhea Americana*), (61)— é o abestruz da America, que se encontra nos campos dos sertões de Minas e Rio-Grande. Aninha-se nos mesmos campos, e quando lançam fogo a estes, estas aves correm ao proximo rio ou lago, molham-se e sacodem-se junto ao ninho até molhar o capim em torno, para que o fogo não offenda os ovos, que são mui grandes. Correm muito e domesticam-se

com facilidade, mas são destruidoras, porque engolem todos os pequenos objectos de metal que encontram.

Engá, ingá (137)— (mimosa, sp. var.) Fam. das Leguminosas. Com este nome vulgar se conhece em todo o Imperio diversas arvores, que em geral crescem nos logares humidos e margens de rios, e dão vagens, cujas sementes são cobertas de uma pôlpa adocicada, que se come. A sua madeira é pouco aproveitada, porém as cascas de algumas especies são tonicas e adstringentes, e usadas pelo povo. Quasi 80 especies estão scientificamente classificadas e muitas têm nomes vulgares que as distinguem uma das outras entre as naturaes.

No Pará conhece-se o *Ingá chichi* (Inga alba, Willd.) que cresce nas mattas, e o fructo é pequeno e amarello; o *Ingá pena*, de um palmo de comprimento e duas pollegadas de largura; o *Ingá uassu* ou de *cacete* (S. cinnamomea sp.), cujos fructos attingem a um metro de comprimento, e o *ingá macacaruaia* ou rabo de macaco (I. edulis Mart.), além de outros, como o *mimoso*, o *cabelludo*, etc.

Enhapupe, nhambu, nhambu, nambu. (62) E um gallinaceo commum nas nossas florestas. Ha diversas especies como o *Inhambu-assu, inhambu-coá* ou *sujo, I. toró, I. quiá, Inhambuhy*, todos do genero *Crypturus*. Procuram os logares sujos das mattas para se aninharem, ou nos sapesaes, e seus ovos são arroxeados, pouco menores do que os de uma gallinha.

Ginja, (139)— nome portuguez dada a uma fruta exotica o *Prunus cerasus*.

Ginipapaba, genipapo, jenipapa. (172) (Genipa brasiliensis, Mart. Fam. das Rubiaceas.

Arvore cuja madeira branca é empregada em fôrmas para sapatos, cujo fructo come-se e produz tinta azul-negro.

Com o mesmo nome conhecem-se varias especies com que os indios preparam as suas tintas para a *tatouage*.

Gitahy, getaigba, jetahy, jutahy, jetay, jatay, jataiba, jatobá. (138)

Nomes mais ou menos corrompidos dado em differentes provincias a differentes *Hymenaeas*, da familia das Leguminosas. No norte denominam jutahy, no Pará *yutahy* e no sul jatobá, sendo o yutahy o

mesmo jatobá,(Hymenaea courbaril, Lin.) Na citada provincia ha ainda o *yutahy-porococa* (H. stigno carpa,Mart.) e o yutahy-miry (H. stilbocarpa, Mart.)e no sul o *catinga*, o *peba* e o *assu* é o mesmo *jatobá*.

E madeira excellente para construcções civis e hydraulicas, e o seu cerne é vermelho mais ou menos escuro, com veios e manchas escuras. Da casca e das raizes exhuda grande quantidade de resina aromatica, branco-amarellada, transparente, conhecida por *jutahy-icica*, com que não só vidram a louça de barro como dá excellente verniz.

Cavando-se o solo onde existiu algum jutahy que por velhice morresse, encontra-se grande quantidade de rezina em grandes blocs, alguma já secular.

A resina tem o aspecto do ambar, porém mais transparente. É das cascas do yutahy que os indios fazem as suas ubás.

Goanambik, *guamumby*, *guaimumby*, *guiamumby*, (63)— taes são as differentes maneiras com que se tem escripto um dos nomes dados pelos indios ao beija-flôr. Creio que verdadeiro será *Guanamby*, de *guá* pintura, e *namby* orelha, referencia ás pennas brilhantes formando mesmo em algumas especies como que orelhas na avezinha.

Será ?

Goiava, *goyaba*, *guaiaba*. (140)—(Psidium guayava, Radd.) Fam. das Myrtaceas.

Planta muito vulgar, em todo paiz, que apresenta tres variedades na côr do fructo.

Ha a G. *branca*, a *amarella* e a *côr de rosa*.

A branca do Pará é a mais saborosa. Do seu fructo faz-se excellente doce, que constitue uma industria do paiz e as suas cascas e grelos. pela quantidade de tannino que contém, são empregados nas diarrhéas e leucorrhéas.

Grapeapunha, *guarapeapunha*, antes *muirapeapunha*. (144)— (A pulaea praecox, Mart.) Fam. das Leguminosas.

Arvore alta cuja madeira é empregada em construcções civis e naval. O seu cerne é amarello de ouro rajado. O nome indigena significa arvore de casca grossa. de *muirá*, páo, *pe*, casca, *apon* grossa.

Grapicik, guarapicica, (142)— isto é, arvore de casca rezinosa, de *muira,* arvore, *pe,* casca e *icica,* rezina. (*Lucuma* ?) Fam. das Sapotaceas. É arvore da provincia de Santa Catharina empregada na marcenaria.

Grumixama. (260)— Uma das Myrtaceas, cujos fructos são mais apreciaveis. São pequenos, com o epicarpo roxo-negro, luzentes, formados de uma massa doce.

Grunhatá, grunható (64)— é um gavião da provincia de S. Paulo (*Falco* ? *Polyborus*?) (65) *Vide* a nota 5.

Guabiroba, guadiroba, guaviraba, guaviroba. (143)-- Com este nome conhecem-se varias especies em diversas provincias. São arbustos e arvores geralmente dos campos, cujo fructo amarello é saboroso quando bem maduro. Pertencem á familia das *myrtaceas* e aos generos *myrtus, Abbevillia* e *Campomanesia.* No Sul e no Rio da Prata é o *myrtus mucronata,* Camb., no Rio de Janeiro é a *Abbevillea maschalantha,* Berg., em Minas-Geraes é a *Campomanysia,* observa Berg., a *C. multiflora,* Berg., a *C. corymbosa,* Berg.; em S. Paulo a *C. reticulata,* Berg., a *Abbevillia guaviroba,* Berg., e outras conhecidas por *guabiroba do campo, de cachorro felpuda,* etc. Em geral o lenho não é aproveitado, por ser madeira branca e mesmo não a fornecer muito, mas empregam-a no fabrico de caixas, principalmente as do *Abbevillia maschalantha.*

O nome *Guabiroba* deriva-se de *Guam,* cheiro, *bi,* pelle, *ob,* folha, isto é, folha cheirosa. Dessa propriedade se aproveitam os fabricantes de *matte,* para addicionar á congonha as suas folhas, com o fim de aromatiza-las.

Guacuman, tucuman, tucumá, antes *yucumá.* (144)—Astrocaryum tucumá, Mart.Fam. das Palmeiras.Esta especie é do Pará e Amazonas. É uma palmeira alta, espinhosa, cujos fructos não só se comem, como com o endocarpo dissolvido n'agua preparam uma beberagem côr de gemma de ovo, côr do fructo, que é substancial e bôa, a que denominam *vinho de tucumá.* Cumpre observar aqui que não é esta especie a que fornece as fibras conhecidas por tucum, estas são tiradas dos grellos do *Astrocaryum vulgare,* Mart., e que cresce no Solimões. Palmeira de pouco prestimo. *Yucumá,* significa *espinho comprido*

Guacuma (231).—*Vide* a nota 144 e *Guacuman*.

Guanandirana, *Calophyllum Brasiliense* (115) Guanandi não verdadeiro. Madeira de lei.

Guará, *Goará* (66).—Com este nome conhece-se tambem um longirostro da provincia do Pará e outras, o *Ibis rubra*, que povôa as margens dos lagos, destacando a sua côr vermelha do verde das campinas. Na primeira idade é todo branco, com a quéda das primeiras pennas nascem outras negras, e mais tarde cahem para serem substituidas por outras côr de rosa. Por muito tempo é essa a côr que conserva, mas que afinal perde para cobrir-se de um vivo encarnado, cuja côr é tambem a do bico e das pernas. Domestica-se com facilidade.

Guara, *aguara* (16).— Não é mais do que uma corruptela do *yauara*, cão. É conhecido tambem por *lobo*. Vive nos campos, foge do homem, ataca os rebanhos até nos curraes, para chupar o sangue, porém é um animal tímido. Assemelha-se a um cão ou lobo, e tem o pello cinzento ou pardo, mais claro no ventre. Alimenta-se de carne, de fructos e de insectos. Ha diversas especies, como o *Canis vetulus* Lund., *C. jubatus* Desm.

Guarabu, *guarubu* (346), conhecido tambem por *Gonçalo Alves*, no Rio de Janeiro. Arvores cujos cernes são roxos ou amarellos, pertencentes ás familias das Urticineas e das Leguminosas, fornecendo bôa madeira para segeiros e marcenaria. Conhecem-se o *Guarabu* de cerne roxo (*Peltogyne guarabú* F. All.), o *guarabu amarello* (*P. confertiflora* Benth.), o *guarabu batata* ou *Gonçalves Alves*, (*Myracroduon graveolens* Jacq.) e outros como o *guarabu preto*, *rajado*, que não são mais do que variedades da *Peltogyne*.

Guarauno, *guarauna*, *guarauna*, *brauna*, (118) antes *muira-una* pão preto. (*Melanoxylon-braunia* Schot.) Fam. das Leguminosas. Arvore de 20 a 25 metros, cujo cerne é pardo escuro, quasi preto que se emprega nas construcções civis, e que se encontra em quási todo o sul do Brazil. Preparam com ella tinta parda. Ha tambem a *muirá-una* parda que tem as mesmas propriedades.

Guaraxaim, (17) nome dado no Rio-Grande do Sul, tambem aos *Guarás*. É o *agourachay* de Azara, o *Canis Azarae* Cuv. É cinzento-amarellado ou branco-sujo acinzentado. Encontra-se em quasi todo o Brazil onde é conhecido tambem por *Cachorro do matto*,

dando-se-lhe impropriamente tambem em, Minas o nome de *Rapoza*. *Guaraxaim* é corruptela de *iauara chay*—cão aspero, referencia feita á consistencia dos pellos.

Guaricanga, *aricanga*, *aricana*. (232) Em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, dão este nome a diversas palmeiras do genero *Geonoma*, cujos espiques são empregados em arcos de peneiras e de bater algodão, e as folhas em coberturas de casas. Tres especies novas, de Minas-Geraes, eu descrevi e que ahi são conhecidas pelo nome vulgar supra : A *Geonoma erythrospadice*, a *brevispatha*, e a *aricanga*.

Guaxinim, *guachinim*, (18) nome dado pelos indios ao plantigrado conhecido na sciencia por *Procyon cancrivorus* Lin., e no Amazonas por *Igauara*, isto é, *y*-agua, *iauara*-cão. É semelhante ao *quaty*, porém mais atrevido e voraz. Vive pelas margens dos rios, igapós e mangues ; sóbe com facilidade ás arvores e alimenta-se de carne, ovos, hervas, carangueijos, etc. Quando ataca um animal, não o deixa senão em ossos. Os indios por essa circumstancia temem-o muito. É muito vivo, ligeiro no andar, e nada com muita facilidade. É pequeno, tem o pello lanoso, cinzento-pardo nos lados, esbranquiçado no ventre, com uma listra preta, entre as orelhas e a ponta do nariz preta. O nome guaxenim é uma corruptela de *iauara-xaim*, de *iauara*-cão, *xaim*-rasteiro. Vindo eu de Itaituba, no rio Tapajós, fui portador de um jupará para o meu amigo o Exm. Sr. Barão de Santarém, que m'o offereceu. Durante o tempo que esteve em meu poder, estava em um caixão com grades de ferro, porque as primitivas de páo as roia em um momento. Trepando um dia uma arara sobre as grades, o animal agarrou-a por uma perna e a devorou, puxando-a á medida que a comia. Solto, acenando-lhe com carne subia-me pelas pernas e vinha-me á mão arrancar a carne com avidez. Seus dentes são $\frac{6}{6}\ \frac{2}{2}\ \frac{12}{12}$ Os caninos grandes, aguçados e cortantes. Os pés têm cinco unhas fortes e agudas.

Guaxuma, *guaxima* e *uaisyma* (233). — Differentes plantas, todas da familia das Malvaceas, tem o nome supra, sendo o ultimo só conhecido no Pará. Fornecem a embira, que se emprega em cordoalha. Pertencem ao genero *Urena* e *Hibiscus*. *Guaxima* é corruptela de *caa*-folha, e *syma*-cotonosa. No Pará tiram os naturaes,

muito proveito deste arbusto, que chega a ter de altura ás vezes 12 palmos. É proprio dos terrenos que foram outr'ora cultivados, onde nascem em abundancia. Para tirarem as fibras claras, com que preparam cordas, punhos de rêdes, etc., cortam o arbusto, collocam-o debaixo d'agua por alguns dias até amollecer a casca, e depois com muita facilidade tiram as fibras.

Guraema, guararema, ibirarema, (147) antes *mutranema*—páo fedorento, pelo que é conhecido tambem por *Páo d'alho*. (*Seguiera floribunda* Benth.) Fam. das Phytolacaceas. As raizes e a casca exhalam um cheiro forte, semelhante ao do alho, e a infusão do lenho é applicada nas molestias cutaneas e nos rheumatismos. Ha outras especies, como a Caparideacea de Pison, chamada *Tapiá* (*Crateva tapiá* L.), que tem o nome de Páo d'alho.

Guramarin, gurumerim, grumarim, grumari (149).

Guratan, guarantam (150), antes *muira-antan*—páo duro, ou *muira-itá*—páo-ferro, nome pelo qual é conhecido tambem (*Caesalpinea ferrea* Mart). Fam. das Leguminosas. Cumpre advertir que o nome de *Páo-ferro* é dado tambem a outras arvores.

Guti Guiti, Guiti-iba (151), antes *cutiyba*,—arvore de cutia. (*Soaresia nitida* Fr. All.) Arvore mediocre. Cerne vermelho, que se emprega em gamellas.

Hoiticika, Ojetickika, Oiticica (152) (*Moquilia tomentosa* Benth.) Fam. das Rosaceas. Com o nome de *oiti*, ou *oity, uity*, se conhecem diversas especies que o vulgo distingue pelos adjectivos que lhe juntam, assim temos o *Oity-cabacinho, O. mirim, O. catinga de burro, O. preto*, todas do genero *Moquilea*, á excepção de uma que é a *Conepia uity* de Bentham. É madeira quasi que exclusivamente empregada em construcções navaes, e que cresce em quasi todas as provincias.

Hybicuhyba, bicuiba, bicuhyba, bocuuba, vicuhyba (153), (*Myristica sebifera*) Fam. das Myristicaceas. São conhecidas por esses nomes a *Myristica sebifera* Swartz., a *M. officinalis* Mart., a *M. bicuhyba* Schott. e a *M. surinamensis* Roland., todas fornecendo das sementes um oleo, que é aproveitado pelos naturaes para diversos misteres. A *M. officinalis*, cujo fructo é maior, tem emprego na medicina contra dôres rheumaticas, é efficaz nas colicas, substituindo

ás vezes a *M. moschata*, ou *noz-moscada*. A madeira é empregada em vigamentos e assoalhos. Do tronco, quando ferido, corre um liquido arroxeado. A semente da *sebifera* espetada em um páo e accesa substitue uma vela.

Hyrara (19), vide a nota 1 e *Ahyrara*.

Ibabiraba (155) (*Britoa tri-flora* Berg.) Fam. das Myrtaceas. Arvore do Pará cujas folhas são aromaticas e empregadas contra dôres de cabeça.

Ibacamuzi (156) Desta arvore trata Marcgrave, mas por esse nome não a conheço.

Iba-purunga ou *Iba-poronga* (157).— Segundo o Dr. Martius é uma *vitex* da familia das Verbenaceas.

Ibaraba (159) (*Lecythis ovata* Camb.) Fam. das Myrtaceas. Arvore que apresenta muitas variedades e que cresce em muitos logares do Imperio.

Ibaruba, *ibaraba*, *ibiruba*, ou *pitangueira do matto* (158) (*Stenocalix ligustrinus* Bg.) Fam. das Myrtaceas. É uma especie de grumixama, cujo fructo é doce e se come.

Iguana ou *yguana* (40), lagarto verde de crista dentada ao longo do dorso e cauda, com grande papada e que vive sobre os galhos das arvores, nas margens dos rios. Tem um andar vagaroso e, quando presente perigo, atira-se na agua e mergulha. Desova em covas nas praias. Sua carne é saborosa.

Indiá, *jundiá* ou *jandiá* (273), *Platystoma spatula*. Peixe de escama semi-ossea, que vive no lodo dos rios e lagos; é dos chamados *do matto*, porque quando ha os primeiros repiquetes da enchente, elles sobem com as aguas que inundam os mattos, e quando estas descem, elles ficam sobre as folhas seccas do chão a desovarem ahi, onde esperam o segundo repiquete para voltarem ao rio. É semelhante ao Acary.

Inhahiba, *ininboy* ou *inhuhyba* (160), arvore do campo, de *inhu*—campo, e *yba*—arvore. É conhecida tambem por *Canella inhuhyba* (*Caesalpinia bonducella* Roxb.) Fam. das Leguminosas. Arvore dos campos e mattas do littoral do Rio de Janeiro e Bahia, de grande duração nas construcções civis e navaes.

Inheme, *inhame* (268). Ha diversas Aroïdeas e Dioscoreaceas com

esse nome em diversas provincias. Os tubercules das Aroïdeas são mais ou menos acres e mucilaginosos, mas cozidos são agradaveis e substanciaes. Ha uma especie, conhecida por Inhame-bravo, que, posto que cozido, só para alimento do gado suino serve.

Inhahybatan ou *Inhuhybatan*,(161)arvo re dura do campo, de *inhu*—campo, *yba*—arvore, *antan*—dura. É uma Leguminosa empregada na mastreação de navios, por ser madeira muito resistente.

Inhuma (67) *Vide* a nota 42 e *Anhuma*.

Inimboya, *inimboy*, (234) *Guilandina bondue* L., fam. das Leguminosas. A casca é amarga.

Inxu, *inxuy* (296 a). É um marimbondo que faz ninhos cylindricos, grandes, de uma substancia cinzenta. É pequeno, pardacento e se aninha em arvores altas, descendo para atacar quem passa por baixo. É do Rio de Janeiro.

Ipe ou *aipe*, antes *ipé*. (162) Diversas especies são conhecidas, todas da familia das Bignoniaceas; taes como o *ipé* ou *páo d'arco*, que cresce no Norte (*Tecoma chrysantha*); o *ipé-amarello* ou *páo-d'arco-amarello*, tambem do Norte (*Tecoma*, sp.); o *ipé-assu* ou *ipé-grande* (*Tecoma-insignis*), e o *ipé-batata* (*Tecoma-leucantha* F. All.) Todas têm o cerne mais ou menos pardo e são consideradas madeira de lei para todas as construcções. As cascas são a dstringentes e empregadas em banhos ou gargarejos nas empigens e nas feridas da garganta. Em S. Paulo o *ipé* é conhecido por *ipeuva* ou *piuva*, que é uma corruptela de *ipé*, e *yb*-arvore.

Ipecacuanha. (235) Este nome é derivado de *ipeca*—pato, e *conha*—membro viril, allusão feita á disposição das raizes que são em espiral, como são os penis dos palmipedes do genero *Anas*. Pertence á familia das Rubiaceas, é a *Cephælis ipecacuanha* Rich., que é empregada como vomitivo, e conhecida tambem por *poaya*. Pelletier extrahio della a *emetina*, que é um pó branco amarellado, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua fria e muito no alcool e no ether. Sabor amargo. A raiz da ipecacuanha contem: emetina, 16; cera, 1,2; materia resinosa, 1,2; gomma, 2,4; amido, 53; materia animal, 2,4; linhoso, 12,5; e vestigios de acido gallico, ao todo 100 partes.

Issicariba, *icicariba*, *almecega*, *almecegueira*, *elemi*, *myraicica*. (163) No sul do Brazil são conhecidos por estes nomes o *Protium*

icicariba D. C. do Rio de Janeiro, o *P. almecega* March. de Minas-Geraes, e o *P. heptaphyllum* Aubl, que produzem todos uma resina branca e aromatica, donde lhe vem o nome vulgar. No Amazonas, entre outras especies, como o *P. martianum* Engl., o *P. pubescens* Benth., e o *P. laxiflorum* Engl., ha o conhecido por *Breu-branco* o *Issicantan*, de *issica*-resina, *antan*-dura, o *P. aracouchini* Aubl., que é uma das arvores que mais abundam nas florestas. Chega a attingir cem pés de elevação. Da sua casca sahe naturalmente em lagrimas uma resina, a principio branca, viscosa e semi-transparente, que depois endurece em contacto com o ar, e que fórma, pela superposição das lagrimas, uma massa que se encontra adherente ao tronco, ou com o tempo cahida no chão, tornando-se opaca e muito quebradiça. Obtem-se tambem por incisões. Fórma um dos ramos de commercio dos indigenas que pelas mattas a apanhão e vendem-a no seu estado natural. Com os annos a parte exterior toma uma côr preta. O principal emprego desta resina é, dissolvida ao fogo com alguma materia gordurosa, nos calafetos de embarcações. Tem um cheiro agradavel approximando-se do da terebinthina, quando fresca, diminuindo um pouco esse cheiro quando velha, reapparecendo, porém, depois quando queimada. É soluvel no alcool e no ether crystallisando. Pouca acção tem sobre ella a essencia de terebinthina. Esta resina substitue perfeitamente a almecega, *amyris elemifera* L., produzindo os mesmos effeitos e tendo a propriedade de ser com mais vantagem manipulada. Substitue bem o balsamo de tolú, desfeita em alcool e reduzida a xarope. A almecega verdadeira é muito rara hoje na Europa e a que dahi importamos não é mais do que a especie em questão e as das especies *P. guyanensis* e *P. heptaphyllum*. Quando a medicina tanto a emprega, nós nos utilisamos della para brear canôas. O indio, porém, sabe tirar mais algum proveito della; emprega-a reduzida a pó e batida com gemmas de ovos nas hemoptises ou outras molestias peitoraes. Curam tambem suas dôres de dentes fumando em *tauary* o mesmo pó, e, misturando-o com azeite de *andyroba* fazem emplastros suppurativos.

Um pequeno batracio, o *cunauaru* do Amazonas aproveita tambem a resina desse *Protium* e fórma com ella a famosa resina *Cunauara* ou *cunauaruicica*. Crença é em todo o Amazonas que esta resina, que se encontra no ôco dos páos podres, nos igapós, é a

agglomeração de um gluten que sahe do corpo do sapo quando elle fabrica a casa em que habita; mas não ha tal. A resina do *Cunauarú* não é mais do que o breu branco, que esse batracio carrega emquanto está novo, e superpondo camadas que alisa e afunda com o peito, deixando sempre no centro um orificio, fabrica uma especie de panella sobre a qual se aninha no tempo de desovar. Como no igapó os fios dos ovos serião levados pela corrente no tempo da vasante, ou seriam comidos pelos peixes, depositam seus ovos na panella, que fica cheia d'agua com os bordos de fóra, e quando as *cocomas* sahem, descem pelo orificio do fundo. Este ninho tem ás vezes 0m,3 de altura e conserva geralmente o diametro de 0m,14, tendo o orificio que atravessa todas as camadas 0m,02 de diametro. Geralmente encontram-se esses ninhos abandonados, quebrados e já velhos. Quando novos, distinguem-se as camadas do breu, onde apparecem particulas vegetaes adherentes, porém depois de velhos tomão uma côr pardo-escura. Pelo calor proprio do animal o breu amollece e mistura-se com o gluten ou liquido que lança de seus póros, chegando mesmo a formar camadas extremamente finas entre as do breu. Vi no rio Jatapu, confluente do Uatumã, provincia do Amazonas, dous destes ninhos, um principiado e outro com ovos, não podendo comtudo vêr o animal. A resina tem um cheiro semelhante ao do breu branco, porém mais especial, devido talvez ao gluten ou liquido com que foi misturado. É soluvel no alcool como o breu, e insoluvel na terebinthina e pouco no ether. Queimada em fumigações, é empregada contra dôres de cabeça. Dizem que o batracio que fórma estes ninhos é pardo-escuro e pequeno. É conhecido pelo seu coaxar, que parece pronunciar a palavra *cunam*. São difficeis de encontrar-se, não só pelo seu tamanho, como pela côr que se confunde com a das folhas seccas que estão sobre o solo, pelo que os indios têm como prenuncio de felicidade o encontro de algum.

Itapecurú ou *Itapicuru* (163 bis), de *ita*-pedra, *pe*-casca, *curu*-escabrosa, arvore de casca dura e escabrosa. (Familia?) O cerne é amarello com veias côr de chocolate. Empregam tambem as cinzas na saboaria. Encontra-se entre Itapemirim e Itabapoama, no Espirito-Santo.

Japotapitaba ou *jabotapita* (164) *Gomphia parviflora* D. C. Fam. das Ochnaceas. É a *Ochna jabotapita* de Linneo.

Jacarandá. (165) Com este nome ha varias especies que o vulgo distingue com nomes especificos adequados á côr do cerne. Assim temos o *Jacarandá cabiuna* (*Dalbergia nigra* Fr. All), o *J. de espinho* (*Machærium leucopterum* Vog.), o *J. preto* (*M. incorruptibile* Fr. All. e *M. legale* Benth.), o *J. roxo* (*M. firmum* Benth.), o *J. antan* (*M. lanatum* Tul.), o *J. rosa* (*Dreno carpus microphyllus* Wawra), e outros, como os *J. branco*, *J. rana*, *J. puitan*, *J. piranga*, *J. grande*, *J. cipó*, *J. banana*, etc., todos pertencentes á fam. das Leguminosas e empregado não só em construcções civis, como principalmente na marcenaria. Cresce em todo o Imperio.

Jacarandá-tan (166) (jacarandá duro), *Machærium scleroxylon* Fr. All. É conhecido tambem por *Páo-ferro Páo-santo.* Empregam-se como dormentes, em dentes de rodas e na marcenaria.

Jaburu, *Jaburu-moleque*, *yaburu*, (68) uma das aves paludaes mais communs nos lagos do interior do Amazonas. É a *Mycteria americana.* O corpo é branco, e os olhos, pernas e bico pretos. Andam aos bandos, alimentam-se de peixes, que apanham mettidos n'agua mergulhando o pescoço, tão longo como as pernas. Aninham-se em arvores excessivamente altas.

Jaca (261) *Artocarpus integrifolia* Linn., Fam., das Urticaceas. Ha tres variedades: *jaca-dura*, *jaca-molle*, *jaca-manteiga.* A primeira é a mais estimada.

Jacaré (20) nome generico vulgar dado aos Saurios. Conhecem-se tres especies: o *Jacaré-assu* (*Alligator sclerops*), o *Jacaré-tinga* (*A. palbebrosus*, e o *Jacaré-curua* (*A. lucius*). A primeira é a maior; abundante no rio Amazonas, chegando a ter ás vezes 25 palmos de comprimento. No tempo da sêcca, quando os lagos transformam-se em campinas, estes animaes empilham-se aos centos, uns sobre os outros, como uma estancia de madeira, e passam assim o verão como em hybernação, até chegarem as primeiras aguas. Ai daquelle que passa por perto então! A pilha animal começa a mover-se, e em poucos instantes o individuo é devorado. Na passagem do gado de um para outro campo, ao passar por essas pilhas, deixam muitas vezes victimas de seus aguçados dentes. A sua carne é clara e o seu almiscar parte das virilhas. As escamas são osseas e os seus dentes triplos e concentricos. O *jacaré-tinga* é o menor, e a sua carne, bem preparada, é saborosa. Não attinge mais de 2 metros.

O *jacaré-curua* é especie intermediaria, não só no tamanho, como no atrevimento. O *assu* é preto, pintado de branco no dorso e branco no ventre ; o *tinga*, pardo-esverdeado claro, e o *curua* esverdeado-escuro, com as escamas escabrosas, e catinguento. No tempo da salga do *pirarucu* infestam as praias, para comerem os restos do peixe. Poem os seus ovos sobre ninhos de gravetos, nas praias, e constantemente o guardam com a vista, donde veio o dizer-se que chocam com os olhos, quando disso o sol é que se encarrega. Os ovos são duros e asperos, medindo alguns 0m,14 a 0m,15 de comprimento.

Jacu, (69) Grallipede commum no Rio de Janeiro, e em outras provincias, onde contam-se diversas especies, como o *Jacu-assu* (*Penelope cristata* L.), o *Jacu-tinga* ou *Cujubim* no Pará (*P. leucoptera* Natt.), o *Jacupema* (*P. superciliaris.*), o *Jacu-caca* (*P. jacucaca* Spix). Todas estas especies têm a carne saborosa e são avidas de pimenta e frutas, donde lhe veio o nome de *ya*—fruta, e *cu*—comer.

Jacupemba (70) Vide a nota supra.

Jacutinga (71) Ibidem.

Japu, antes *Japi* (72) *Cassicus cristatus.* Este *Conirostro* anda em pequenos bandos e tem um canto interessante, não pela voz, mas pelos movimentos que faz arripiando as pennas quando solta a voz. Encontra-se em diversas provincias, porém não é procurado como caça pelo máo cheiro que tem. O seu nome significa o *palrador*. *Yapi* é corruptela de *nhapy*.

Jaguane (21). Vide *Guará*, nota 16.

Jaguaratirica (21). Vide o termo seguinte.

Jaguarete ou *Yaguarate*, (22) corruptela de *Yauarité*, carniceiros do genero *Felis*. Comprehendem-se debaixo deste nome diversas especies de gatos com o nome vulgar de *onças*, divididas em quatro grupos distinctos pelas côres, tamanho, habito e instinctos. O das onças propriamente dito *Iauarité* dos indios, *jaguar* dos francezes : o das *suassuranas*, ou *sussuaranas*, o *cougouar* dos francezes ; o dos *mbaracayás*, ou *ocelots* e o dos *caa-pixunas* ou *gatos do matto*. No grupo dos *yauarités*, ou onças verdadeiras, estão as especies mais ferozes e maiores do Brazil ; são os *jaguares* dos francezes.

O Sr. E. Liais na sua obra *Climats, geologie et faune du Brésil*, dá a seguinte etymologia para a palavra *jaguar* (onça): *Ya* esmagar com os pés de um salto ou de uma vez *uá*, do verbo *u* comer, com a posposição da letra *a* para indicar energia na acção *devorar*. Assim, é verdade, fizeram os indios a palavra *Ia-u-ara*, ou jaguara, que não é *onça*, e sim *cão*, que é o *que devora, o carniceiro*. Conhecendo os indios o instincto carniceiro do cão deram-lhe esse nome, mas como houvesse um carniceiro mais feroz, ajuntaram a palavra *eté* á primeira e fizeram *Iauára-eté*, ou como pronunciam *Iauáreté*, que quer dizer o *carniceiro verdadeiro*. Por euphonia as pessoas civilisadas dizem *jauárité*, que ouvido pelos naturalistas estrangeiros, não sabendo pronunciar, fizeram *jaguar*, como synonymo de onça, porém, admittido o gallicismo, não exprimirá elle mais do que o *cão*.

A maior e a mais linda das onças que tem o valle do Amazonas é a *Jauarité pinima*, ou onça pintada, *a F. onça* de L., que chega a ter de comprimento dous metros. O fundo do pello é amarello-pallido, pintado de preto. A dentadura compõe-se de dentes dispostos a dilacerar as carnes e não a mastiga-las, pelo que a maxilla inferior é mais estreita, passando portanto os dentes unidos uns pelos outros, cortando como tezouras. Compõe-se nesta, como em todas as outras especies, de $\frac{6}{6}$ incisivos pequenos, que contrastam com $\frac{2}{2}$ caninos, consideraveis, conicos, agudos e curvos, seguindo-se $\frac{8}{8}$ mollares, dos quaes os terceiros superiores e inferiores são os carniceiros, tendo os quartos superiores muito pequenos e tuberculosos, emquanto que os carniceiros são grandes e cortantes. Posto que de grande agilidade e força muscular nos membros, torna-se um animal terrivel empregando as feias armas com que Deus o favoreceu.

Além dos afiados dentes, tem a lingua cheia de grandes papillas corneas, que, pelo simples lamber, despedaça as carnes da victima; suas patas dianteiras grandes e musculosas, são armadas de cinco garras agudas, curvas e contracteis, com as quaes segura a presa, ajudando-a a dilacerar, ou a agarrar-se com as quatro das trazeiras que são um pouco menores. Tendo um corpo esguio, e muito flexivel, devido á estreiteza e pequenez do intestino, com facilidade saltão e dobrão-se sobre as presas. Apezar da pequenez do cerebro, cheio de circumvoluções, é um

animal astuto e que mostra certa intelligencia. Terrivel nos seus assaltos, mostra mais paciencia e astucia, do que os seus congeneres, na caça que faz a certos animaes. Geralmente não ataca o homem de frente, senão quando este lhe dá caça. Encarando-o antes de assalta-lo, assenta-se sobre os pés, occasião esta de que o caçador amestrado aproveita-se, e mesmo provoca, para balea-la. Infeliz se errar o tiro, porque a onça, rapida, salta sobre elle e o despedaça. Aquelles que são animosos, conseguem ás vezes mata-la á faca, na luta que então se trava, sendo mais commum ser sempre o homem a victima. Embora não fraqueando, ás vezes não supporta o halito pestilento que o animal então solta e o embriaga, fazendo-o perder os sentidos e facilmente tornar-se presa. Ha tapuyos animosos e tão dextros, que a caçam sempre á faca e com uma especie de chuço. Provocam-a, e, quando ella se assenta, esperam pelo salto e a recebem na ponta do chuço e sangram. Vendo-se ferida salta para traz, para novamente se atirar sobre elle, sendo recebida como da primeira vez, e assim morre.

Uma outra especie muito semelhante á esta, porém menor, não tão feroz, e cujas pintas são differentes, tinha sido, até hoje, confundida com esta pelos naturalistas e classificada sob a mesma denominação de *F. onça*. Ultimamente o Sr. Liais muito bem a distinguio. É a *Uru-jauara* ou *F. jaguapará* de Liais. O nome vulgar a differença muito bem da primeira e refere-se ás pintas que tem ; quer dizer : o cão ou carniceiro (*jauára*), pintado como o *uru*, que é um passaro (*odontophorus guyanensis*), cuja plumagem é miudamente pintada. Esta não excede em comprimento a $1^{m},50$, é menos feroz e evita o homem, só o aggredindo quando é perseguida.

O cruzamento da *F. jauarité* com esta produz uma hybrida, vulgarmente chamada *jauarité-tauá*, ou onça amarella. Conhece-se esta porque é do tamanho da *F. jagua-pará*, é mais amarella, mais miudamente pintada, sendo as pintas e as malhas sempre irregulares. Geralmente tem esta as mãos brancas e os instinctos da *jauarité pinima*.

Uma outra especie que mais raras vezes apparece, e habita a parte mais remota dos sertões, é a impropriamente chamada *tigre* e pelos naturaes *Iauarité-una*—onça preta, a *F. jaguatyrica* Liais. É das tres especies a mais feroz e atrevida, distinguindo-se bem das outras pela sua côr negra. Tem o tamanho da *uru-jauara*, porém distingue-se pela côr do pello. Sendo a mais feroz,

saciando-se quasi só de sangue, fazendo victimas só para suga-lo ou satisfazer seus instinctos, respeita comtudo, ás vezes o homem, como commigo tive um exemplo. Acompanhado de alguns indios Pariquis, tinhamos armado nossas redes na floresta á margem da cachoeira do Arapaçu ou Picapáo, no alto Jatapu, e preparavamo-nos para dormir, alumiados pelo clarão de duas fogueiras, quando (seriam 8 horas da noite) o grito de *jauárité-una,* proferido por um dos indios, nos fez involuntariamente saltar das redes. Com effeito, um tigre, passando por entre nossas redes, chegando a roçar o pello pela do indio que gritára, mansamente se dirigia para a floresta, tendo sahido do rio, que julgo atravessára. Por sua côr e por estarmos com os olhos feridos pela luz, a escuridão da noite fez com que o tigre se perdesse pela floresta, se bem que fôsse seguido por um dos indios que não o perdeu de vista quando passou por nós. Tomando logo o arco e duas *taquáras* (flechas), o seguio quasi rastejando, porém as circumstancias acima fizeram com que elle não o enxergasse depois. Perguntando-lhe porque não levára a sua arma, respondeu me que preferia a flexa porque não negava fogo e era certeira. Passando a noite em claro, esperámos pelo animal, que não voltou.

Casos de hybridismo encontra-se entre esta especie e as duas primeiras, o que logo se reconhece pelo numero e tamanho das malhas, que é maior, pelo fundo do pello, que torna-se amarello-cinzento, quasi preto no dorso, e pelo focinho branco. A *F. nigra* de Exleben, segundo o Sr. Liais, não é mais do que uma hybrida entre esta especie e a *jauára-pinima.*

Jamba (167), antes *jambo*, *jambeiro*, *Jambosa vulgaris* D. C., Fam. das Myrtaceas. As folhas passam por serem venenosas, mas que encontram antidoto na propria raiz.

Jangada, *jangadeira*, *páo de jangada*, *páo-jangada* (168) (*Apeiba tibourbou* Aubl.) Fam. das Filiaceas. O seu nome explica o seu emprego. É a madeira geralmente usada, no Ceará, para as jangadas, por ser muito leve, mas aproveita-se tambem o liber para cordoalhas

Japicay (262). Será a japecanga? (*Smilax-japecanga*?)

Japinada ou *Iapinada* (154) ou *janipapo*? (*Genipa Brasiliense*).

Japorandiba, *jaborandi*, *nhaborandi* (169). Com este nome conhecem-se diversas especies de Piperaceas, todas com propriedades

sialagogas, sudorificas e odontalgicas, como a *Arthante tuberculata* Miq., a *Ottonia anisum* Spreng., a *Arthante mollicoma* Miq., que crescem á sombra das mattas. A *Monnieria trifolia* L., da fam. das Rutaceas, é conhecida tambem por esse nome. Com as mesmas propriedades sialagogas existem no Amazonas estas especies: *jambu*, *jambu-y*, *jambu-assu* e *jamburana*. A primeira é uma Synantherea, *Spilanthes oleracea* Sacq., que contém desde a raiz até ás flôres o principio estimulante, e é empregada nas ulceras escorbuticas com bons resultados. A segunda é uma *Ottonia*, é applicada nas molestias uterinas. A terceira é tambem uma *Ottonia*, grande arbusto dos logares humidos, cujas raizes, em cozimento, são empregadas nas molestias do figado, na dóse de uma chicara duas vezes ao dia, e a tintura nas dôres de dentes, e a quarta é uma *Arthante*, cujas propriedades são as mesmas.

Japué (73), corruptela de *yapy-y* (japu pequeno), assim denominado no Norte, e synonymo de *Chechéo* no Sul. Ha duas especies, o *Cassicus hemorrhous* e o *C. icteronotus*. Andam em grandes bandos, formando uma grande sociedade, estabelecendo o seu arraial nas grandes arvores da margem dos rios, que se cobrem dos seus longos e bem tecidos ninhos em fórma de saccos. Annualmente estão com ovos e filhos. Alimentam-se de insectos, laranjas, e outras frutas. Ha um facto curioso nos arraiaes desta ave, e é que sempre nas arvores, onde ellas estão assentadas, ha tambem um grande ninho de *cáuas* ou marimbondos. Desde o raiar do dia cantam estas aves, arremedando todas as outras aves, exceptuando uma, o *tamurú-pará*, que tem o canto triste, é toda negra, e o bico vermelho como lacre. Dizem os indios que elles não o arremedam porque o temem, lembrando-se do sangue de seus progenitores que tinge o seu bico ainda de contendas passadas. O facto é que não só não o arremedam, como tambem, como vi, quando passa um bando, cantando por acaso um *tamurú-pará*, o bando cala-se e cahe todo no chão ou na matta para se esconder.

Japurá (263). Será o *Pajurá* do Amazonas, que me parece ser o *Oiti coró* da Bahia? O fructo é irregular, ora espherico, ora oval, com o epicarpo pardo-amarellento e o myocarpo farinaceo, como que arenoso, com um sabor de assucar mascavo. Será a *Pleragina rufa* de Arruda? Tem cheiro agradavel e a semente dá tinta preta, com que tambem pintam cuias, e, pela sua adstringencia, é empregado nas diarrhéas.

Jaracatiá (170) (*Carica spinosa* Willd.) Fam. das Papayaceas. Cresce nas mattas de Minas-Geraes. O tronco é espinhoso e o fructo tem a massa semelhante á do mamão, porém é menor. O leite é applicado nas hydropisias e nas ulceras.

Jaraticáca. (23) Vide a nota 4 aliás, nota 6 e *Cangambá.*

Jararaca (289) (*Trigonocephalus* Neuwied). Cobra muito venenosa, acinzentada, com manchas côr de café. Esta cobra cruza-se não só com o *Urutu*, como com o *Surucucu*, pelo que encontram-se hybridos que difficil tornam a sua classificação. Ha muitas variedades.

Jararacuzu (290) (*Trigonocephalus atrox*). Parda, com manchas côr de café, muito venenosa e maior que a jararaca.

Jarrinha, *mil-homens*, *urubu* (236) no Pará. Differentes *Aristolochias* são conhecidas por esses nomes, empregadas contra mordeduras de cobras, antisepticas, diaphoreticas. As suas flôres exhalam sempre máo cheiro.

Jasana (74) é a *Iassaná*, conhecida tambem por *Piassoca*, a *Parra jaçana*. Habitam os brejos, as margens dos rios, onde vivem entre as gramineas ou sobre as folhas da *Victoria régia*. Andam em casaes, voam pouco, e com as pernas cahidas, e, quando pousam, geralmente occultam uma perna, donde o nome *piassoca*,de *pi*—pé, e *assoq*—escondido.

Jetahy ou *Getahy* (296) é uma formiga; a abelha chama-se *Jaty* Melipona).

Jetica (237). Nome dado tambem ao *Convolvulus batatas.*

Jacatiba, *jacatiba*, *jiquitiba*, *gequitibá*, *jecuiba*, *juquitibá*, (171). É a arvore mais magestosa das florestas do Sul e considerada como uma das melhores madeiras de lei. Ha o *Jequitibá* (*Couratari domestica* Mart.), o *J. rosa* (*C. legalis* Mart.) e o *J. vermelho* (*C. Estrellensis* Rad.) A casca, conhecida por *embira de jequitibá*, é adstringente e usada nas diarrhéas e nas anginas.

Joa, *joaza*, *joá*, antes *juá* (173), fructo amarello, de *yub*—amarello, e *uá*—fruta. (*Solanum Balbisii* Dun. fam. das Solancas, e *Ziziphus joazeiro* Mart., fam. das Rhamneas). Com este nome conhecem-se varias especies, não sómente entre as Solaneas, como entre outras familias. O *Jua* (Solanum) é um arbusto que cresce em Minas, depois das queimadas e pelas roças de milho. O fructo é

amarello, semelhante a um tomate, e muito saboroso, porém indigesto. O *jua* (Ziziphus) é uma arvore espinhosa do Norte, cujo fructo é pequeno, côr de barro, com a casca rija. A casca é empregada contra a tisica pulmonar, e serve tambem para as lavadeiras·

Jukerana, *jukitana*, *juquerionano*, *juquiry-rana* (174) (*Caesalpinia*) *Bonducella* Rox.) Fam. das Leguminosas. É empregada medicinalmente.

Jundiahyba (*yundia*—peixe, *Platystoma spatula*, e *yba*—arvore) (175). É uma Combretacea do genero *Terminalia*, que se encontra no Rio de Janeiro, cuja madeira é empregada em obras civis. A côr do cerne é vermelha, com veios amarellos.

Juru (76) é corruptela de *ayuru*, que significa o *papagaio* em geral. Ha diversas especies todas do genero *Psittacus*, como o *papagaio-real*, o *papa-cacáo*, o *eurica*, o *P. aestivus* Kull., o *moleiro*, o *matapi* o *anacan*, etc., com plumagem e tamanho diversos. Assim como *ayuru*, *parauá* significa tambem o *papagaio* em geral.

Jurupeba, *jurubeba*, *jurumbeba*, *yurumbeba*, (238). Differentes Solaneas se conhecem por esse nome, porém a verdadeira, a empregada medicinalmente, é o *Solanum paniculatum* Linn., cujas propriedades tonicas muito a recommendam. É muito preconisada contra as molestias do figado.

Juruty (75) é uma pomba muito conhecida, a *Columba Jamaicensis*.

Macauan (77) Vide a nota 15.

Macuco (78) é a *mucucaua* do Pará, gallinaceo muito apreciado pela sua saborosa e abundante carne. Na sciencia é conhecido por *Tinamus Brasiliensis*. Andam em casaes, e seus ovos são azues.

Maçarico. (79) É nome portuguez e não indigena, applicado ás especies do genero *Numenius*, aves paludaes, que vivem saltitando pelas praias e pedras das cachoeiras dos rios.

Manahy (274) é o nome indigena do *Peixe-Boi* do Amazonas, (*Manatus Americanus* Desm.) Mammifero herbivoro, com excellente carne, e formando um azeite conhecido por *manteiga* de peixe

boi, empregado pela pobreza em vez de toucinho. A sua pesca é interessante e mostra a pericia indigena. Ha duas especies o pequeno e o grande de Faro, conhecido por *peixe-boi de azeite*, por fornecer muito azeite, e a carne ser inferior á do outro.

Mandiris, ou *mandyhy* (275). É um peixinho de pelle, semelhamente ao bagre. É cinzento e as barbatanas são aguçadas e venenosas. Abunda nas margens do Amazonas.

Martinchans, *matrinchá* (276). Peixe de rio, com os olhos pretos orlados de branco, com as escamas prateadas; chega a ter dous palmos de comprimento.

Mandubi, *mindubi*, *amendoin*, *manobi* (239). *Arachis hypogæa* Linn.) Fam. das Leguminosas. As sementes comem-se cozidas, ou assadas, e são muito oleosas. Com ellas preparam excellente azeite para luz.

Manisoba (240) mandioca-brava. (*Jatropha* fam. das Euphorbiaceas.) Distingue-se da mandioca vulgar em ter as raizes arredondadas em vez de alongadas, e em serem estas muito aquosas e não fornecerem fecula. Com o nome de *manyssoba* prepara-se, no Amazonas, um ensopado feito com os grelos da mandioca, socados e fervidos, aos quaes se ajuntam o focinho, a cauda e as barbatanas, ou pás do peixe-boi. É uma excellente comida. *Manyssoba*, significa—folha de mandioca.

Mangara, ou *mangarataia*, como é conhecida no Pará (269). É o gengibre (*Amomum zingyber*, L.), mas tambem se conhecem várias Aroïdeas com o nome de *mangará* e *mangarito* (*Caladium sagittifolium*. Spl.) É planta exotica, mas aclimada, cujas raizes aromaticas têm um cheiro forte e um sabor picante, donde lhe veio o nome de *mangaratáia*, mangará que *queima*, ou *arde*.

Maracaya, antes *mbaracayá*, (25) carniceiro, do genero *Felis*, que é conhecido tambem por *margaiá*, corresponde ao *ocelot* dos francezes. Pouco mal fazem ao homem, apenas a tacam a criação, de cujo sangue se saciam, matando só para o beberem, e não para se alimentarem da carne. É tal a variedade que apresentam no colorido do pello, que difficil é assignalar diversas especies por causa do hybridismo. O indio, reconhecendo isto, denomina tudo de *maracayá* sem desinencia alguma para uma distincção. Entretanto os ha maiores e menores, com malhas differentes, assim como a côr, quer do fundo

do pello, quer das pintas. Duas especies, comtudo, facilmente se distinguem. A primeira é a *Felis pardalis*, de Li..neo, vulgarmente conhecida em outras provincias por *canguçu* (*cang*-cabeça, e *assu*-grande). Attinge esta de comprimento 1m2, fóra a cauda, e tem o pello em geral amarellado da cabeça, pelas costas, até á raiz da cauda, torna-se cinzento-amarellado para os lados, e quasi branco na barriga. Sobre o fio das costas corre uma linha de malhas alongadas e unidas, tendo de cada lado uma outra de malhas tambem alongadas e soltas, de uma côr parda quasi preta. Dos lados grupam-se,em linhas quasi parallelas, malhas muito alongadas, abertas.

A segunda especie, menor do que esta, attingindo só 1m de comprimento, tem o pello mais denso, lustroso e macio,e a cauda mais cheia. O pello geral é branco-acinzentado, tendo o alto da cabeça e pescoço, pela parte superior, amarello escuro, prolongando-se pelo fio das costas esta côr, fundindo se com o branco-cinzento das lados. Pelo fio das costas corre uma linha negra formada de malhas unidas, tendo de cada lado parallelamente uma linha de malhas soltas, oblongas, da mesma côr. Os lados são cheios de malhas sobre o comprido, negras, cheias de amarello, côr das do fio das costas. A barriga branca é listrada de preto em malhas soltas. Os pés são pintados, as orelhas amarellas internamente, pretas exteriormente com uma pinta branca no centro. A cauda é preta irregularmente marcada de branco. As barbas são brancas. A cabeça e pescoço listrados como a precedente. Se bem que entre esta especie e a precedente haja pontos de contacto na disposição das malhas da cabeça e do pescoço, comtudo a côr geral, logo á primeira vista, se distingue sobresahindo o preto luzente desta sobre o fundo esbranquiçado. Esta tende para o preto, aquella para o amarello. A principio tomando-a por uma hybrida, abandonei-a, porém tantas foram as que vi, sempre com as malhas e côres constantes, que não posso deixar de mencional-a. Menor que a precedente, é comtudo mais feroz e mais solitaria.

Uma terceira especie é a *maracayá-y* ou maracajá pequena, a *F.* de Temminck, observada pelo principe M. Neuwied. Esta especie ainda é mais sanguinaria do que as precedentes ; as malhas são differentes, e ella é menor, approximando-se pela côr da *F. pardalis* chega a 90 centimetros. Não atacando animaes mais corpulentos do que ellas, como o fazem as jauaritês e çuçuaranas, comtudo fazem guerra crua aos outros.

Marava, marajá, côco de tucum (176).(*Bactris marajá*, Mart.) Fam. das Palmeiras. Com este nome conhece-se uma palmeira que cresce nos logares humidos em grandes soqueiras, com espinhos esbranquiçados e fructos rôxo-negros e doces ; no Rio de Janeiro é conhecido por côco de tucum, e muitos o confundem com o verdadeiro *tucum* (Astrocarium vulgare, Mart). O marajá não dá fibras, e o porte é inteiramente differente.

Massaranduba, massarandiba, massarandyba, massaranduva (176 bis). Com este nome conhecem-se varias especies da familia das Sapotaceas, tres das quaes descriptas pelo sempre lembrado botanico Freire Allemão, o *Mimusops elata* o *M. triflora* do Ceará, e o *Chrisophyllum tomentosum* tambem do Ceará, onde é conhecido por *Iuquery*. Na Serra do Mar cresce tambem uma especie conhecida no Rio de Janeiro por esse nome, que é a *Lucuma procera* Mart., havendo igualmente as especies *branca* e *rajada*. Em um trabalho que tenho entre mãos sobre a Flora Amazonense, escrevi o seguinte em 1873 :

« É uma das mais bellas arvores das mattas amazonenses, e que mais auxilio póde prestar ao homem industrioso. A sua excellente madeira, que é só o que se emprega até aqui, fornece materiaes para todas as construcções da provincia, pelo que della se tem despojado as mesmas mattas. Além da madeira, offerece ella seus fructos saborosos ao homem ; porém, o que tem de mais aproveitavel é o que desprezam, é o que se não colhe. Ferido o tronco, immediatamente corre abundante o seu leite, que desafia o appetite. Alguns saciam esse appetite bebendo-o puro, como se fôra de vacca, porém quasi sempre o resultado é máo pela coagulação que se fórma no estomago. Como geralmente é usado, é com café, substituindo assim o leite animal, tornando essa bebida mais nutriente. O seu emprego, porém, mais trivial, é o de substitutivo da colla. A louça, o vidro, o páo, e mesmo os metaes soldam-se com este leite. Tendo-se soltado uma vez no matto a biqueira de metal branco da bainha da minha espada de matto, feri uma massarandubeira, e com o leite grudei-a. Horas depois, estava tão soldada que nunca mais se desprendeu. Apezar, porém, desta utilidade, ainda maior offerece como substitutivo da *gutta-percha* (isonandra gutta). Vende-se de 20$ a 24$ a arroba. Exposto ao ar ou por meio do fogo, se coagula e toma a consistencia desta, tornando-se perfeitamente

malleavel aquecida na agua fervendo, podendo, portanto, ser empregada nos misteres em que o é a gutta-percha. Além deste emprego, os calafates aproveitam-o para os seus calafetos, que dizem ser o melhor. A medicina tira tambem della resultado, como analeptico e peitoral, ou como resolvente, empregado em emplastros externamente. A abundancia desta planta, no valle do Amazona, promette grandes vantagens, logo que seja empregada como gutta-percha. É soluvel no acido sulphurico.

Massatuhyba, *mocetayba*, *muçutayba*, *mocitayba*, *ipê-boia*, *Maria-preta* (177). (*Zollernia falcata*, New.) Fam. das Leguminosas. Cresce em Minas, no Rio de Janeiro e na Bahia. Ha variedades conhecidas por *Mucitayba-parda*, *preta*, *cravo*, *de leite*, *amarella*, etc. É madeira de lei, empregada em obras civis, hydraulicas, etc. O cerne é vermelho-escuro, com veios ennegrecidos. A fruta come-se.

Merindiba, *mirindiba*, *merindyba* (178). Pertence á familia das Combretaceas e ha diversas especies que o vulgo distingue pelos nomes de *M. bugre*, *preta*, etc. São as *Terminalia merindiba* de Fr. All., a *T. januariensis* D. C., e a *Ttinges*, Mart. Madeira para construcções civis, e que fornece tinta rôxa.

Meruim, *meruim*, *maroim*, (297) antes *meruy*, mosquinha. É uma mosquinha microscopica, preta; anda em nuvens e morde, ficando a parte mordida ardente como se fôra queimada. No Amazonas ha uma especie de *meruy*, que encontrei no Rio Jatapu, que não morde, mas persegue o homem para penetrar-lhe nos olhos, onde immediatamente morre, causando-lhe ophthalmias.

Miry, *merim*, *rompe-gibão* (179). *Bumelia sartorum*, Mart.) Fam. das Sapotaceas. Arvore de diversas provincias, cuja casca é amarga e febrifuga.

Mocó (24) *Kerodon mocó*, Cuv., ou *Cavia-rupestris* de Neuwied). Entre os roedores apparecem estes, dos campos do interior, que andam, quasi sempre aos casaes, donde lhe veio o nome indigena de *mocoi*, dous, abreviado em *mocó*. A carne é saborosa.

Mocuje, *mocugé* (180). *Couma rigida*, Mull.) Fam. das Apocynaceas. Arvore da Bahia cujos fructos são semelhantes aos da sorva, e muito saborosos. A madeira é empregada em ripas.

Mondy-guassu ou *munduy-guassu* (182), conhecido tambem por

pinhão de *purga* (*Jatropha curcas* L.) É uma Euphorbiacea, cujas sementes são drasticas, e empregadas contra as boubas. O oleo que dellas se extrahe é conhecido na Europa como *Ricino-maior*. Purgante violento e perigoso.

Moribonda, *moruibonda*, *marimbonda*, *marimbondo* (298), conhecidos no Amazonas por *cauas* ou *cabas*. Ahi encontra-se o *beiju-caua*, que faz um ninho chato, em fórma de beiju, suspenso aos troncos, que quando tocado cahe por terra para depois voar; o *tatu-caua*, que faz ninho em fórma de casca de tatu encostado dos troncos, deixando uma só abertura; *urubu-caua*, pequeno, preto, que faz longos ninhos brancos de uma substancia como papel, deixando uma pequena abertura na base; *aturá-caua*, faz ninho tambem comprido e conico, porém cinzento e de uma substancia quebradiça; *tambá-caua*, cujo ninho é feito de barro, nas arvores e com a semelhança das partes pudendas de uma mulher; *yauára-caua*, cujo ninho tem um palmo de comprimento, de uma substancia cerosa e preta, com a conformação do penis de um cão: ao ninho dão o nome de *iauara-raconha* e outros como o *tapiu-caua*, cujo ninho é em fórma de cuiambuca, a *yaurite-caua*, etc. Além destas vespas, ha outras em diversas provincias como o *caboclo*; o *inxu*, etc.

Mucory ou *Mucury*, antes *mucura-yba* (181), páo de mucura ou gambá Chesiacea.

Muney (erro pag. 2?), *Murecy*, *muvici*, *mirixy*, *muruchy* (183). Com este nome conhecem-se varias especies de *Byrsonimas* da familia das Malpigniaccas, que crescem nos campos de quasi todo o Imperio. São arvores e arbustos, cujos fructos se comem. Vulgarmente distingue-se o *Murecy-pinima*, (*Byrsonima chrysophylla*, Kth. a *B. sericea* D. C.) o *M. assu* ou *cascudo* (*B. verbascifolia* Rich.), o *M. pitanga*, (*B. crassifolia* Kth.) e outros. As especies *B. cuprea*, Gr., *leucophlebia amazonica*, Gr., são muito empregadas no Amazonas em tinturaria Com as cascas preparam um cozimento que dá uma tinta pardo-arroxeada com que tingem não só as vélas das canôas, como a roupa de trabalho, que as torna mais duraveis e impermeaveis. A côr é fixa com cinzas que lançam no cozimento.

Mutamba *mutambo* *matombo* (184). (*Guazuma ulmifolia* L. Fam. das Bythneriaccas. Encontra-se esta arvore em diversas provincias

do Rio de Janeiro para o Norte. A madeira é branca. A casca é considerada como desobstruente.

Mutum, antes *mytu* (180) é um grallipede do genero *Crax*. Conhecem-se tres especies, o *mytu-assu* (Crax-globulosa), *mytu-pinima* (C. discors) e *mytu pery*, de *fava* ou *da vargem* (C. tuberosa). Andam em pequenos bandos pelas florestas, geralmente á beira-rio.

Naga (erro p. 20) *Najá*, *nayha*, *inajá*, *inayá* (185) (*Maximiliana regia*, Mart.) Fam. das Palmeiras. É uma das mais bellas e das maiores desta familia. O seu fructo é comestivel porém insipido, e empregado na defumação da borracha.

Oanandy, *oanani*, *nani*, *uanony*, antes *uanany* (186), que é corrupetela de *ybnany*, arvore de leite *Moronobea coccinea*, Aubl.) Fam. das Clusiaceas. Arvore dos igapós e terras humidas, cuja madeira é empregada nas construcções nauticas. Ferido o tronco, produz um leite amarello, que envermelhece e depois torna-se preto, que se coagula exposto ao ar e é empregado para cobrir cabos para preserva-los da humidade e da agua. O mesmo leite applicado em fios sobre feridas tem a propriedade de limpa-las, e dissolvido em agua é anti-syphilitico. Applicado tambem sobre lobinhos, não só os faz arrebentar, como depois os cura. Da resina, que tambem dá, preparam os indios cerol, e, misturada com gordura, empregam-a nos calafetos.

Omiry, *homiry*, *umery* (187) (*Humiria balsamifera*, Aubl.) Fam. das Humiriaceas. Arvore da provincia do Pará e Amazonas, crescendo geralmente em terrenos silicosos e nos campos, onde fórma bosques denominados Umyrisaes, para onde afflue muita gente a apanhar os seus pequenos fructos, que são saborosos. Tem 20 a 30 pés de altura. Flôres brancas em corymbos, sahindo da axilla das folhas; fructo druposo, ovoide, roxo-negro, com o epicarpo fino e o mesocarpo semi-carnudo e doce. O tronco dá um oleo natural, lagrimando da casca, ou que se obtem tambem fazendo-se incisões na mesma. É amarellado, transparente e aromatico. É de muita procura pela pequena quantidade que dá cada arvore. Emprega-se em fomentações nas molestias da garganta e para o cabello. Segundo o Dr. Martius, póde substituir perfeitamente o balsamo peruviano, sendo a força medica entre

este e o de copayba. A sua madeira é leve e empregada em obras á sombra. A casca é muito adstringente e empregada em cozimento para gargarejos nas molestias da garganta, em banhos depois dos partos e em cozimento como chá para dores do estomago Batida com ovo fórma uma gemmada applicada nas molestias pulmonares. A mesma casca depois de secca conserva sempre um aroma muito agradavel, que empregam para perfumar a roupa, preservando-a da traça.

Ourizo é o mesmo ouriço ou Coendu. (26) Vide *Cuim*, nota 15.

Paca (*Cœlogenus fulvus*, Cuv.) (27) O nome vulgar indigena vem do verbo *pac*-despertar, acordar, tirado do costume que tem esse roedor de despertar ao anoitecer. O indio quando a vê diz: *iguê-pac*, isto é, despertou. É, de todos os roedores, o que mais caça soffre pela sua carne, que é saborosa, e que em breve tempo se extinguiria se não fôsse a sua constante e numerosa prole. Durante o dia passam as pacas nas tocas, em que vivem, para a tardinha sahirem para o seu pascigo nocturno. Não fazem buracos, como alguns querem, aproveitam-se dos que existem feitos pelas aguas, pela natureza ou pelos tatús, e com folhas sêccas preparam seus leitos. Vivem sempre em logares humidos e ordinariamente junto d'agua que é o seu refugio quando perseguidas pelos cães dos caçadores. Quando nas tocas, assaltadas pelos cães, procuram logo fugir, investindo, e, se o não conseguem, occultam-se no fundo. Geralmente as suas tocas são sempre com duas bocas, para por uma fugirem. Dotadas de um ouvido fino, de muita bôa vista e de muita timidez, vivem sempre como que sobresaltadas. Correm e saltam com grande velocidade, assim como andam e mergulham com se fôssem amphybios. Alimentam-se de fructos, canna, milho, etc.

Approximando-se do *porquinho da India* (*Anaema cobaya* Cuvier), que não existe no Amazonas, senão domesticado, afastam-se comtudo não só pelo tamanho, como pela estructura anatomica do craneo, approximando-se mais das cutias, pelos costumes. O seu pello, conforme a idade, e mesmo no tempo da criação, muda um pouco de côr. Geralmente é pardo ou pardo-escuro nas costas, com listras longitudinaes de pintas brancas dos lados, com o peito, a parte interna das pernas, e a barriga esbranquiçados. Medem de comprimento $0^{m},6$ a $0^{m},7$ com 38 a 40 centimetros de altura na anca

e 34 a 36 na frente. O systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}\ \frac{0}{0}\ \frac{8}{8}$ com a corôa distincta das raizes. As quatro extremidades todas têm 5 dedos, armadas de unhas conicas e fortes. A cabeça é grande, o corpo esguio e a cauda inteiramente rudimentar.

Pacoba, *pacova* (261). Assim se denomina no Valle Amazonico ás bananas (*Musa*, sp. var). São conhecidas ahi as seguintes variedades: *Pacova-assú*, de um a dous palmos de comprimento; *Pacovy*, ou da terra, com tres variedades, sendo uma a *Acary*, que só tem tres angulos; *Pacova mundurucú*, pintada de rôxo; *Pacova de Cayena* é semelhante á banana rôxa, porém com a casca amarella; *Pacova inajá*, é a *banana ouro* do Sul; *Pacova yapurá*, é a *banana anã* do Sul e outras.

Pacu (277) (*Prochilodus*, sp). Peixe de rio, chato, prateado, muito saboroso e que attinge a 1 1/2 palmo de comprimento. É abundante durante as cheias.

Papuan, *pappuan*, ou *pacuan*, (241), é uma graminea do genero *panicum* que fornece tinta amarella. Em quasi todos os *peris* ou logares alagados cresce esta planta em abundancia. Os indigenas, que de tudo tiram proveito nos seus usos domesticos, aproveitam-se das folhas e sementes para com ellas fabricarem uma tinta amarella, com que tingem fios para o teçume das redes, e outros objectos de seu uso. Em alguns logares cresce em tanta abundancia que fórma como que campos. Prepara-se a tinta cozendo-se a planta, em cujo cozimento mette-se a fazenda que se quer tingir, tomando esta uma côr amarella.

Paroba, *peroba* (188, (*pe*-casca, *róh*-amarga). Diversas especies do genero *Aspidorperma*, da familia das *Apocyneas*, tem esse nome, que o vulgo distingue por *Peroba-amarella*, *peroba-rosa*, *peroba-assu*, *peroba-mirim*, *peroba-preta*, *peroba-parda*, *peroba-revessa*, *peroba-branca*. A *P. rosa* é a *Apidosperma-peroba* de Fr. All. É madeira de construcção e marcenaria.

Pecary (28) (Dicotyles, sp.), de *pe*—caminho, *caa*—matto, e *iry*—andar junto, os que andam em bandos. Nome dado tambem ao *porco do matto*, e de que trata Buffon.

Pechunin, *pechurim*, *pichurum*, *puchurim*, *pixuri*, antes *puchiry* (242) *Nectandra puchury* Nees et Mart. Fam. das Laurineas. Arvore

do Amazonas, cujas sementes são aromaticas, empregadas contra dôres do estomago e como especiaria. Ha mais de uma especie.

Pequia, *piquiá*, *pequiá*, *piqui*, *piquy* (190) (*pé*-pelle, *ki*-espinho, *uá*-fructo, fruta de pelle espinhosa, allusão aos espinhos do endocarpo. Com o nome de *piquiá*, ha diversas plantas de diversas familias, assim temos o *Pequiá-marfim*, *Aspidorperma eburneum* F. All.), o *P. de folha larga* (*A. sessiflorum*, Fr. All.), o *Pequiá* propriamente dito (*Caryocar brasilium*, St. Hil.), o *piquia*, ou *pequy*, do Pará, (*C. butyrosum* L.) Esta especie conhece-se no Amazonas á primeira vista pelo grande diametro de seu tronco ás vezes de dez palmos. Fructifica no mez de Abril, e seus fructos são monospermos, porém, ás vezes chegam a ser quatro-spermos. O epicarpo é duro e carnudo, destacando bem do mesocarpo que tambem é carnudo e muito oleoso. O endocarpo é eriçado de espinhos finissimos e venenosos. O mesocarpo come-se cozido e mesmo crú, delle extrahe-se oleo, por expressão. É amarello quando liquido e esbranquiçado quando concreto, tomando a apparencia de sebo. Na época dos fructos, familias inteiras deixam suas choupanas e vão para os piquiazaes, não só para comerem os fructos, como para fabricarem o oleo, de que se servem não só em uso culinario como para luz. A casca do tronco é adstringente e emprega-se para tinta de escrever e a sua madeira em reparos de artilharia

Perahyba ou *pirahyba* (279) (*Bagrus reticulatus* Kner.) É o maior peixe de pelle, do Amazonas. É branco amarellado. A sua carne, de uma apparencia agradavel, é comtudo desprezada pelos naturaes por ser muito carregada e má. Só é aproveitada quando o peixe é pequeno ainda, e conhecido por *filhote*. O nome indigena indica a má qualidade do peixe, de *pirá*-peixe, e *aiba*-máo.

Piau ou *pihau* (280) Peixe dos rios do Sul.

Piassaba, *pissava* (191) (*Leopoldinia piassaba* Wal., e *Attalea funifera*, Mart.) Fam. das Palmeiras. Duas especies fornecem a fibra chamada *piassaba*, tirada do tecido fibroso da induvia da vagina das folhas. Uma a verdadeira, a Leopoldina, é do Rio-Negro, e a outra, a Attalea da Bahia e outras provincias do Norte.

Pindahyba, *pindauba* (192) (Páo de anzol, isto é, que dá fibras para linhas de anzol.) *Guatteria* Fam. das Anonaceas. É conhecida tambem por *Embira de caçador*. Conhecem-se varias especies, uma, a *Guatteria villosissima* de St. Hil., é *Pindahyba* propria, a *G. flava*

St. Hil. é a *P. preta*, a outra, a *xylopia sericea*, Mart., é a *P. branca*, todas fornecendo do liber bôa cordoalha.

As xylopias dão uns fructos conhecidos por *pimenta do matto* e *bijiricu*, de sabor acre aromatico, que se empregam como carminativos e como especiaria.

Piracanjuva (281). *Pirá* peixe, *acang*-cabeça, *yub* amarella. Peixe de rio.

Pitamba, *pitomba* (193). *Sapindus edulis* L. Fam. das Sapindaceas. Arvore das terras baixas, de pouco crescimento, cujos fructos oblongos e amarellos, em paniculas, são saborosos, acidos e refrigerantes. A semente, adstringente, é empregada nas diarrhéas. No Pará ha logares só de pitombeiras, como na Costa de Obidos. Com o mesmo nome vulgar ha uma Myrtacea, o *Philocalyx Luschnathianus* Bg., que cresce na Bahia e tem os fructos globulosos e tambem amarellos.

Pitanga, *ibipitanga*, *ubipitanga* (194), corruptela de *ibipirangapelle* vermelha, allusão ao epicarpo do fructo. *Stenocalyx Michelii*-Bg. Fam. das Myrtaceas. Arvore das restingas e terrenos silicosos. Ha mais especies, como o *Stenocalyx sulcatus*-Bg., o *S. Pitanga* Bg. conhecidas por pitanga miuda, pitanga do matto, ou *ibirobá* (*S. ligustrinus* Bg.) As folhas são empregadas contra dôres rheumaticas e os fructos, que são calmantes, muito usados para doce.

Poya ou *Poaya* (270). Nome dado em differentes localidades a algumas Rubiaceas, dos generos *Borreria*, *Richardsonia* *Yonidium*, e mesmo a *Polygalas*, quando tem propriedades emeticas, como a verdadeira poaya, a *Cephaelys ipecacuanha*.

Poraqué (*Gymnotus electricus*) (278). Vive nos logares lodacentos, é pardo-escuro, tem a pelle muito escorregadia e a sua força electrica reside abaixo da cabeça.

Preha (29). Vide a nota 6.

Putumuyu, ou *Araribá rosa*, *eriribá* (195). Pertence á familia das Myrtaceas e é uma variedade da *Lecythis ovata* Camb. Emprega-se nas construcções navaes e civis.

Quandu (30). Vide not. 14.

Quariba, *guariba* antes *uariuá* (31), quadrumano conhecido tambem por *barbado* e *bugio* nas provincias do Rio de Janeiro e

Minas-Geraes. Os indios amazonenses o denominam *arauató*, e na Goyana é conhecido por *alouate;* é o *sapajou* e o *hurleur* dos francezes. Buffon o denomina *ouariue*, que é a corruptela de *ouariuá* assim como *sapajou* é corruptela de *sauy-assú*, ou macaco grande. *Uariua* deriva-se de *uã*-cauda, e *ib*-levantada.

Conheço as seguintes especies: *Guariba-preta* (*Mycetes* ou *Stentor barbatus*), que habita a margem sul do rio Amazonas; a *Guariba-amarella*, com reflexos dourados (*M. seniculus* ou *ursinus*), que vive na margem norte do mesmo rio; a *Guarijuba* (*M. flavimanus*) que tem as mãos amarellas e habita a ilha de Marajó; a *G. amarella* dos arredores de Belém e que ha tambem na Guyana (*M. Belzebuth*), e a *M. stramineus* que é do rio Madeira. Algumas destas especies encontram-se tambem no sul do Imperio.

Aproveito a opportunidade para dar aqui uma noticia rapida sobre outros quadrumanos brazileiros. Os *Helopithecus* comprehendem, além do genero supra, mais tres, o *Ateles*, o *Logothrix* e o *Cebus*. São os maiores Primatos do Brazil, bem conhecidos pela sua cauda núa na parte inferior da extremidade, pelo pollegar muito desenvolvido, pela grande cabeça e pelo grande hyoide, ou tambor osseo que tem no pescoço, que se communica com o orgão da voz e dá a esta um som rouco e tão forte que se ouve a grandes distancias, todas as madrugadas, ao cahir da noite, ou quando ameaça máo tempo. Andam aos bandos, são vagarosos no andar, ás quatro para as cinco horas da madrugada gritam em côro; dormem abraçados até quasi ás 10 horas da manhã, o que fez tornar-se popular o ditado—madrugada de guariba—, hora em que sahem para o pascigo; carregam os filhos ás costas; quando perseguidos pelos caçadores, que lhes apreciam a carne, lançam sobre elles seus excrementos; se perdem o filho, levado pelo chumbo do tiro, affrontam a morte para apanha-lo; atravessam largos espaços formando um cordão, que se balouça no ar, até a da extremidade apanhar o galho opposto; emfim, se não tem a sagacidade dos seus congeneres, têm um instincto muito desenvolvido. Do hyoide delles fazem os indios copo para beber agua, quando estão atacados de coqueluche, que denominam tosse de guariba. O genero *Ateles*, Geoff. St. Hilaire, comprehende os macacos vulgarmente chamados Coatás, ou *Spider-monkey*, macacos aranhas dos inglezes, nome que deram pelo comprimento dos braços; no Perú são conhecidos por Chameck. São dos mais intelligentes,

pacificos e asseiados. Domesticam-se facilmente e acostumam-se a dormir em rede, como tive um. São pretos ou cinzentos, pello rarefeito e duro; têm a cauda agarradora como a guariba, da qual se distingue pelo pequeno volume da cabeça, pela falta do tambor osseo, e pela pequenez do pollegar. É menor que a guariba, fino e delgado; anda apegando-se sempre com a cauda, articula um som guttural e quebra os fructos com pedras. Duas especies são conhecidas o *Ateles paniscus* de Geoff. e o *marginatus*.

O *A. paniscus* é inteiramente preto com a pelle da cara côr de rosa e sem pellos. A cauda que é maior do que o corpo acompanha ou previne todos os movimentos deste, de modo que com ella é que o animal se segura, evita o inimigo, fazendo com que passe nos logares mais perigosos sem se desprender dos galhos. Antes das mãos attingirem qualquer ponto já a cauda tem se segurado em alguma parte. Os maiores Coatás que vi foi no rio Jamundá. Ahi encontrei uma vez um, tão grande como uma guariba, que me avistando procurou fugir pelas ramas mais altas das arvores; porém, seguindo-o eu sempre por baixo, emquanto esperava minha arma, que mandára buscar á canôa, elle notou isso e parou. Quebrando então pequenos galhos, pendia-se pela cauda, soltava o corpo, e, balouçando-se no ar, atirava-me com os galhos. Esta macaquice salvou-o. Não tive animo de pagar a sua coragem com uma carga de chumbo. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que por conta do governo portuguez viajou o Amazonas, em 1784, acompanhado do desenhista Joaquim José Codim e José Joaquim Freire, diz o seguinte ácerca da etymologia do nome deste animal: « Não deixarei de escrever o que os indios fabulisam a respeito deste macaco. Dizem elles que, tendo um desafio com um gavião real, este lhe disse: — Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com o teu rabo me vencerás? — Então o Cuatá, mostrando-lhe as mãos, lhe disse: *Qua-tahá!* e que, vendo o gavião o seu desembaraço, lhe protestou que dali em diante seriam muito amigos. » Esta especie encontra-se em toda a margem do norte do Amazonas; porém, o *A. marginatus* só se encontra no Tapajoz. É semelhante ao primeiro, porém afasta-se no signal branco que tem no alto da cabeça e por um bigode da mesma côr branca. Geralmente estes animaes são apanhados quando pequenos, e depois alimentados ao seio pelas tapuyas. Tomam tal amizade a quem os cria, que os acompanham por toda a parte.

Depois dos Coatás temos os vulgarmente chamados *Barrigudos*, por causa do grande desenvolvimento do abdomen. Estes têm a cabeça globulosa, maior dos que a dos Cebuse chegam a ter o tamanho dos Mycetes; a cara é pellada, o pello do corpo é curto, basto, lanoso e azeitonado ou cinzento. Domesticam-se com facilidade, são os que se tornam mais mansos e têm a indole mais pacifica. Seus movimentos não são rapidos; são tristonhos, têm um gritar rouquenho e pouco gritam. A cauda auxilia-lhes os movimentos. Os indios para os criar flecham-lhes as mãos com a flecha hervada da zarabatana, curam o veneno (urary) com o seu antidoto que é o sal, e apoderam-se dos filhos que trazem agarrados ás costas. Quando mansos, são amigos do homem, a ponto de acompanha-lo, e é o mais interessante pela posição que geralmente tomam. Vivem assentados com as mãos cruzadas sobre a grande barriga, de maneira que parece um preto velho. Habitam o Rio-Negro onde os indios Uaupés, fazem de seu pello cordões, com que enfeitam seus pentes, e preparam alguns vestuarios de pennas, assim como enfeitam com elles a aljava de seus curabis. Duas especies se conhecem, o Barrigudo pequeno, *Logothrix Humboldtii* Geoff., e o Barrigudo grande, *L. olivaceus*, Spix. O *L. Humboldtii* é pequeno, cinzento, tem os incisivos grandes, chatos, maiores que os caninos, porém fazendo pouco uso delles; os caninos são pequenos, semelhantes aos molares O *L. olivaceus* chega a ter o tamanho de um Mycete bem desenvolvido, isto é, tem de comprimento o corpo e a cauda; tem os incisivos chatos, de que faz uso, os da mandibula superior unidos na frente a deixar um espaço para passar os caninos da inferior, que são grandes, conicos, e servem-lhe de arma de defesa. A sua côr é azeitonada tendo a cabeça e extremidades pretas, seu pello lanoso. Ambas as especies são do Rio-Negro, onde os indios lhes fazem grande caça, já para comerem, já para aproveitarem as pelles.

O Cebus de Erxleben, da familia *Cebii* de Goldfuss, é o sub-genero que comprehende os macacos menores, mais lascivos e mais intelligentes do genero Helopithecus. A cabeça é mais arredondada do que a do Coatá, tem os mesmos costumes, porém pouco uso faz da cauda, que não é agarradora e sim toda pelluda, e serve-se dos braços que são mais curtos e musculosos, tendo o pollegar comprido. Os seus guinchos agudos fizeram com que fôssem denominados *micochorão*, no Amazonas, porém, tem o nome de *macacos de prego*, pela

circumstancia de ter o membro viril muito desenvolvido e sempre erecto. É o mais vivo, e que com mais facilidade aprende o que se lhe ensina. Alguns italianos trazem-o seguido de um realejo, para mostrar as suas habilidades. É tão lascivo, que chega a levantar a roupa das crianças do sexo feminino, e torna-se amoroso com as mulheres, emquanto que com os homens só procura morder quando não são bem mansos. Esta circumstancia faz com que pouco seja procurado este macaco, e não o queiram em casas de familias. Andam sempre em bandos, criam os filhos ás costas, e chegam ás vezes a ter um tamanho consideravel em relação aos dos outros subgeneros. No tempo em que as femeas estão gravidas, dizem os indios, que elles envolvem o membro com resina. O que é exacto é que, matando eu um uma vez na serra do Curumú, no rio Trombetas, encontrei o dito membro coberto com uma resina que me pareceu de Jutahy. Durante a criação dos filhos são muito amorosos, evitam que comam fructos, pelo que ás vezes os castigam; quando o caçador mata algum que vai seguro ás costas, a mãi precipita-se sobre elle guinchando, como para o salvar, o que muitas vezes é causa de sua morte. Os naturaes gostam muito de sua carne moqueada. Duas especies são conhecidas: o Macaco-prego, (*Cebus cirrhifer*), e o Caiarara (*C. albifrons*, *C. gradilis* Spix.) A roupagem do Macaco-prego é côr de rapé, e os seus principaes usos são os que descrevi. O Caiarara, como o Prego, anda tambem em bandos ás vezes de 30 e, porém, mais nervoso e dotado de certa irritabilidade, que passa da alegria para a tristeza em um instante. E mais socegado que o Prego e não tão brincalhão. Sua côr é amarellenta, tendo uma mancha esbranquiçada em roda da cara e outra preta no alto da cabeça, tendo a cara pellada e rosada. Preso em casa, geralmente perde essa côr, tornando-se pallida, julgo que por tornar-se doentio. Em seu estado de saude perfeita, essa côr, segundo a disposição em que se acha o animal, passa de rosado para o pallido, como um individuo que cora e descora por qualquer sentimento. Ambos são gulosos por fructos, porém comem tambem os ovos de passaros que encontram. O Caiarara não guincha como o Prego, e o seu guincho é mais rouco, não é lascivo, nem tem o membro tão desenvolvido e sempre erecto. Ha uma outra especie, o Caiarara branco, que não vi. Outras especies ha no Brazil como o *C. fatuellus*, mas que não têm representantes no Amazonas.

Os Geopithecus têm o mesmo numero de molares dos Helopithecus, porém distinguem-se pela roupagem e pela cauda quasi sempre muito pelluda, e não agarradora. A fraqueza de seus membros, que faz com que não vivam muito sobre as arvores, levou St. Hilaire a dar-lhes o nome grego que os caracterisa. São menores que os outros, têm a cabeça pequena e arredondada, o focinho não muito proeminente.

O grande e macio pello que lhes cobre as carnes, os torna muita apreciados, se bem que não sejam tão brincalhões como os do genero antecedente, e não pareçam ter mais intelligencia e vivacidade. A sua mansidão, quando domesticados, faz com que sejam preferidos aos outros congeneres. São, todavia, mais mortaes, resistindo pouco tempo ao trato familiar. Comem frutas e insectos, assim como o alimento do homem, porém as comidas gordurosas e salgadas são geralmente as causadoras da sua morte. O genero Geopithecus divide-se em outros sub-generos que são os seguintes: *Callithrix* Et. Geoffroy de St. Hilaire. Differem as especies deste genero das do anterior pela cabeça mais alta, pelos caninos mais curtos e os incisivos largos e direitos, assim como pela intelligencia que não é tão desenvolvida. O pello é mais macio, como que sedoso, cinzento ou amarello, com reflexos dourados. São menores, brincalhões, gostam de insectos, andam em grandes bandos, carregam os filhos ás costas e são muito amorosos para com elles. Saltam de quatro pés de grandes alturas sobre os galhos, e, logo ao romper da aurora, sahem para o pascigo. Este sub-genero comprehende os macaquinhos denominados *Saguis* e pelos francezes *Saimiris*. *Sagui* é corruptela de *Çayui* ou macaquinho ; e *Saimiri Çay-miry*, isto é, macaco pequeno. Tem o pello cinzento, amarellado e a boca orlada de preto. A especie mais vulgar nas margens do Amazonas é o Jurupixuna ou boca preta (*C. sciureus* Geoff). Uma prova de amor e animo tive de um desses macaquinhos. Subia eu o rio Urubú, na provincia do Amazonas, quando uma manhã encontrei um grande bando de Jurupixunas, que se annunciavam pelos seus finos e agudos assovios e pelo movimento dos galhos das arvores. Apenas a canôa em que eu ia, approximou-se da margem, fugio o bando, podendo ainda atirar a um que levava, fugindo, um filho ás costas. Cahio morta a mãi, e o filho tendo ambas as pernas quebradas pelo chumbo, na quéda, agarrou-se com ambas as mãos a um galho, ao meu alcance. Quando ia apanha-lo, vi

dirigir-se furioso para mim, chamado pelos gritos do ferido, um lindo macaco, que era o pai, como que querendo impedir que eu apanhasse o filho. Quiz experimenta-lo, apontando-lhe a mesma arma, que quasi a boca do cano o encostava. Correu pelo galho acima, escondeu-se atrás do tronco gritando e me espreitando. Apenas tirei a arma da cara, voltou elle e veio até onde estava o filho que então mais gritava. Tornei a apontar a arma, tornou a fugir e a voltar, e assim diversas vezes o amedrontei. Afinal quiz vêr o que fazia, deixei-o approximar-se do filho. Apenas chegou ao pé do filho, quiz este se agarrar, porém, não podendo fazer uso das pernas não o conseguio. Então o pai, agarrando-o pelo pescoço, puxou-o para si, mas com tanta infelicidade que, apenas ia principiar a conduzi-lo, com o desassocego em que estava, abrindo as mãos, largou-o. Não podendo elle agarrar-se, cahio n'agua. Ainda assim o pai desceu aos ramos mais baixos e parecia querer salt r para ir buscar o filho, quando eu, vendo que este se afogaria, o apanhei. Gritando, fugio então o pai, buscando o bando que ia longe.

Outra especie muito vulgar na margem sul e para o interior é o Uaiapuçá, *C. Moloch* de Hoffmansegg. Tem o pello comprido, pardo, com as mãos brancas e é estupido e negligente. Anda em pequenos bandos de cinco a sete. Os indios Mauhés servem-se dos parietaes do cranco para tapar o buzio em que guardam o seu pariçá. Em Juruty e Maraca-assú abundam esses macacos.

Ha ainda outras especies, como *C. brunneus* Natterer, chamado Juruhy ou boca d'agua, e os *C. torquatus*, *C. cupreus*, *C. amictus* Geoff.

Pithecia de Et. Geoff. St. Hilaire e Desmarest. As especies deste sub-genero afastam-se algumas pelo comprimento dos pellos e pela cauda, que é muito cabelluda, em fórma de pennacho. Andam tambem em bandos, que dormem juntos, abraçados aos casaes, que, confundidos os pellos, nelles escondidas as extremidades, e envoltos pelas caudas, parece um só animal. São macacos estupidos e tristonhos, tornando-se procurados pela sua roupagem, docilidade e união ao homem. Presos, pouco duram no captiveiro. Têm os caninos pouco desenvolvidos, conicos, passando os inferiores em um claro deixado pelos incisivos, entre os caninos superiores. Andam nas mattas das terras firmes, e duas especies distinctas se conhecem. Uma da margem norte do Amazonas, *Pithecia irrorata* ou *hirsuta* Spix, e outra a do sul *P. albicans*, descripta pelo

Dr. Gray. Vulgarmente tem estes macacos o nome de *Parauacus*. A. *P. hirsuta*, o macho é todo preto, coberto de longos pellos asperos e negros, tendo sómente a cara amarella com barbas da mesma côr dividida em suissas, e a femea é toda parda grisalha, tendo os pellos tambem longos, porém mais finos. Tendo barbas como o macho, não são comtudo amarellas e sim da mesma côr do corpo. A sua carne é saborosa, e da cauda fazem-se espanadores.

A *P. albicans* é semelhante á femea da *P. hirsuta*, porém é menor, não tem barbas e o focinho é um pouco comprido. Os cabellos da cabeça cahem sobre a cara. Quer o macho, quer a femea são da mesma côr.

Uma outra especie ainda existe nas florestas da margem norte, é o Cuchiú, *P. satanas* de Humboldt, ou *Brachyurus Israelita* de Spix. Tem esta especie o pello curto, luzente e negro, a cauda cabelluda como as precedentes e a cabeça maior, com os cabellos divididos ao meio, como penteados, assim como a barba. A boca é vermelha. É maior, tem mais vivacidade, e pouco duram no captiveiro. É o mais bonito deste sub-genero. Vive igualmente aos bandos e pasciga tambem á noite. Encontrei-a no rio Trombetas.

Brachyurus de Spix. Este sub-genero comprehende os *Uacarys* ou *Scarlat faced* dos inglezes, macacos de cauda curta, unicos no Brazil que a tem quasi rudimental. Na dentadura ha uma differença entre os d'este genero: os incisivos são obliquos, sendo os da maxilla inferior mais longos estreitos e quasi da altura dos caninos; e os da maxilla superior se unem a deixar um espaço vasio para deixar passar os caninos inferiores pela frente dos superiores. Os caninos são conicos, agudos, grandes e semi-obliquos. Habitam os igapós ou florestas alagadas, andam em bandos, alimentam-se de fructos, e, como outros congeneres, tambem carregam os filhos ás costas. São esbranquiçados, têm o pello longo e luzento, a cara vermelha, e os olhos pardo-amarellados. É a cara mais interessante dos Primatos. É difficil de domesticar-se e raras vezes ficam mansos; mas, quando ficam, gostam de affagos, apezar de serem carrancudos e impertinentes. Pouco duram no captiveiro, perdem um pouco a côr vermelha da cara e pouco depois morrem. Consegue-se ter algum vivo e manso, tirado das màis quando pequenos e criados em casa; assim mesmo raro escapa. São muito raros. As especies conhecidas, são: o *Brachyurus Nahary* de Spix,

o *B. albescens* do Dr. Maia, e *rubicundus* Isid. A penultima especie foi classificada em 1845 pelo finado Dr. Maia, porém, tendo sido remettida uma pelle para o museu de Pariz, Isidore Geoffroy denominou-a *B. calvus*, desprezando a classificação do naturalista brazileiro e com esta denominação é hoje conhecida. Reivindico aqui a denominação do Dr. Maia.

Nyctipithecus de Spix, ou *Nothora* de Cuvier. É um subgenero de macacos nocturnos, vulgarmente conhecidos por *Heá* ou *Carai*, e que os inglezes denominam *Owl-faced*—cara de coruja. Habitam as florestas das terras firmes, e fazem o seu pascigo á noite, que consta de insectos e fructos. Durante o dia dormem. São pequenos, tendo a cauda maior do que o corpo. São pardos ou cinzentos, tendo a cara semelhante á de um gato, de pelle esbranquiçada, o focinho curto, a boca pequena, orelhas curtas quasi encobertas pelos cabellos, os olhos amarellos e vivos. Vivem em bandos, e durante o dia dormem sobre as arvores, despertando-se, porém, ao menor ruido. Não têm a vivacidade dos Cebus, porém facilmente se domesticam, não sendo longo seu viver. Habitam o baixo e o alto Amazonas; encontrei-os uma noite no Alto-Tapajós, no logar denominado Mamboahy, onde, sobre a arvore em que eu dormia, chegou o bando, podendo apenas obter um individuo do *N. trivirgatus* Humb. Tem esta especie a testa esbranquiçada, com tres listras, que vão até ao alto da cabeça. Uma outra especie encontrei na provincia do Amazonas, o *N. felinus* Spix., cujas listras só chegam ao alto da cabeça.

Archopithecus. Dentes $\frac{4}{4}\frac{2}{2}\frac{10}{10}$ Comprehende este genero, os lindos macaquinhos conhecidos por *Sauhins*, *saguins* ou *micos*, e pelos francezes *Ouistitis*. No sul do Imperio são conhecidos por Tamarindos (*Tamary*) ou Mariquinhas (*marikina*). Afasta-se do genero anterior pelo numero de molares (10), pelas unhas, que são como garras agudas e em todos os dedos, á excepção dos pollegares das extremidades inferiores, pela cauda, que não o auxilia nos movimentos, e pela fórma do pollegar, que não é opposto aos outros dedos nas extremidades superiores. Tem a cabeça redonda, focinho curto, cerebro volumoso, olhos redondos e vivos, pelo que são vivos e intelligentes. Seus pellos são sedosos, escuros, pardacentos e brancos. Domesticam-se facilmente e vivem muito tempo, comendo mesmo as comidas do homem. Preferem as capoeiras e cerrados ás florestas, occultando-se só nos altos galhos quando

temem algum perigo. Os gaviões, principalmente o *cauré* (Falco, sp.), dão-lhes muita caça. Diversas especies ha d'este lindo e esperto animalzinho, comprehendendo os subgeneros do genero *Hapale*, *Jacchus*, *Cayuis* e *Midas*, (*Marikinas* de Et. Geoffroy de Saint Hilaire). São conhecidos no Amazonas por *macacos da noite*. O Jacchus tem os incisivos inferiores pontudos, iguaes aos caninos e a cauda muito pelluda, ás vezes em pennacho.

O *Jacchus pygmeus* é a especie mais notavel pela pequenez e pela côr negra, que cobre todo o corpo, á excepção de uma mancha branca em torno á boca. O *Jacchus argenteus*, cuja roupagem é branca argenteada, com o focinho roseo. Vulgarmente é conhecido por—macaquinho de cheiro. É um lindo animal.

Os *Midas* differem dos precedentes em ter os caninos maiores e os incisivos mais largos assim como a cauda é mais pelluda. As especies que se encontram são o *M. ursulus*, cujo pello macio e espesso é preto, tendo uma listra amarello-parda no meio das costas; o *M. leoninus* Humb., cuja physionomia é toda intelligente e mostra a sua vivacidade. Tem o pello sedoso, muito compacto, preto mesclado de amarello; as extremidades calçadas de amarello; e a cara com uma expressão de um pequeno leão. Trepa em troncos direitos, saltando e agarrando-se com as unhas, é muito amigo de comer insectos, e louco por ovos e carne crua, fazendo-lhe esta mal. Tive um, que, muito manso commigo, não deixava comtudo ninguem encostar-lhe a mão, que não lhe cravasse os afiados dentes. Dando-lhe um dia uma *mamangáva* (Lasia) recuou franzindo a testa e escondendo as mãos, dando mostras de medo, e como eu teimasse procurou morder-me. Tinha logo á primeira vista reconhecido que era um insecto que o ferraria. O *M. rufiniger*, de Gervais, tem os mesmos habitos dos precedentes; parece se com o *M. ursulus*, porém têm longos cabellos brancos que lhe circumdam a bocca; o *M. rufiventer* tem as costas escuras e a barriga preta e avermelhada.

Quiry, *quiri*, *quiruiri*, *quirari*, *quiriry* em Minas, o *Frei Jorge* no norte (196). (*Cordia frondosa* Schot.) Fam. das Cordiaceas. A madeira é quasi sempre empregada em bengalas, e em obras de torno.

Sabiá (82). Com este nome conhecem-se varias especies de tordos, espalhadas por diversas provincias, sendo no Amazonas conhecidas pelo expressivo nome de *uirachué*, isto é, *uirá*—passaro, e *chué*—chorão.

São ellas as seguintes : *Sabiá assu (Turdus atricapillus* L.), *Sabiá piranga* ou *de larangeira* (*T. rufiventris* Lichst.), *Sabiá poca* (*T. albiventris* Spix.), *Sabiá-piry*, ou *da praia* (*T. lividus*) e *Sabiauna (T. flavipes).*

Sahy, por erro *Sapy* (83). Com este nome conhecem-se varias especies de avesinhas, todas cobertas de linda plumagem verde e azul, pertencentes ao genero *Tanagra.* São frugivoras, e pouco cantam.

Sanhaso ou *Sahasso* (84), corruptela de *Sahy-assu*, que passou tambem a *Sanhassu* (*Tanagra episcopus*). É de um verde acinzentado e ás vezes o confundem com outra especie do Principe de Neuwied, a *T. palmarum.*

Sapé, *sucapé* e *massapé* (213), no rio Jamundá. Graminea dos terrenos aridos, e que enfraquece as terras. Dizem que entisica os animaes quando empregado em acolchoado de cangalhas. A raiz é sudorifica e substitue a da grama.

Sapucay ou *Sapucáya* (197). Familia das Myrtaceas. Com este nome são conhecidas diversas especies, todas do genero *Licythis*, taes como a *L. Pisonis* Camb., a *L. lanciola a* Poir, a *L. Pohli* Berg., a *L. urnigera* Mart., a *L. Amazonum* Mart., a *L. ollaria* e outros que não só crescem nas mattas dando arvores corpossaes, como pelas margens dos rios. A madeira é branca e pouco empregada. Os seus fructos, que são grandes e osseos, têm dentro as sementes que é o que se come. Crescem em todo o Imperio.

Saupé, *saupé* (283). Peixe dos rios do sul de Minas e S. Paulo.

Sarohé ou gambá (32). Vide a nota 9 e *Carigue.*

Savia, ou *saviá*, antes *sauiá*, genero *Cavia* (33). Vide a nota 6 e *Cangambá.*

Sereima, *seriema* ou *siriema* (a que tem crista) (85). Ave dos campos de Minas-Geraes, de piar triste, e que se alimenta em geral de cobras, pelo que se criam domesticadas em roda das casas. É o *Dicholophus cristatus* de Hoff.

Sipó, *cipó*, *cipó-cururu*, ou *sipó de sapo* (244). *Anisolobus cururu* Muell., fam. das Apocynaceas. Cresce na provincia do Amazonas e é tido como venenoso.

Sipota ou *sapota*. Será o *sapoty* ou a *sapota?* (265). Ambas crescm no Amazonas, são arvores elegantes e pertencem á familia das Sapotaceas. A primeira é a *Lucuma mammosa* Gaert., e a segunda é a *Sapota achras* Mill. Quando os fructos estão bem maduros são muito apreciaveis pelo seu gosto delicado.

Sobro (198). É palavra portugueza dada a uma arvore exotica chamada tambem *sobreiro* (*Quercus suber*), cuja casca dá a cortiça empregada em rolhas e outros misteres.

Socu, socò (86). Longirostro das margens dos rios e lagos, do genero *Ardea*, no qual se comprehendem diversas especies, de côres differentes, desde o branco ao cinzento ou pardo. O *socó-boi* é o mais notavel. Tem um viver triste e um vôo pesado e desengraçado. Alimenta-se de peixes, caranguejos, caramujos, etc.

Sorubim, surubin, soroby (281). É o *Pimelodus ttgrinus*, peixe de pelle branca prateada, manchada de preto azulado, cuja carne é saborosa. Ha muitos nos rios affluentes do Amazonas. Nos rios de Minas tambem ha um peixe com esse nome, porém não sei se é o mesmo.

Sumauma, sumaumeira (199). (*Eriodendrum sumauma*, Mart.) Fam. das Malvaceas. Esta é a rainha das arvores do Brazil não só pela sua elevação, com pela sua grossura, frondosa ramagem, e lindo aspecto. Elevando-se acima de toda a vegetação da margem do Amazonas e Solimões, e distinguindo-se de longe, torna-se ainda notavel pelas suas enormes sapopemas, onde, entre uma e outra, pódem accommodar-se ás vezes vinte a trinta pessoas, assim como dous mil homens em columna cerrada gozariam de sua sombra. Fornece esta bella arvore uma linda paina alva, que quasi toda é perdida pela grande elevação em que ficam os seus fructos; comtudo, é mais estimada e mais procurada do que a da monguba. Os Tecunas, os Uaupés, os Içanas e outros gentios a empregam nos seus *uamiris*, que trazem em saquinhos de *tururý* do *ubussú*. Quando querem colher o fructo que é alongado como um pequeno melão, derrubam duas ou tres arvores, para muitas vezes não colherem nem quatro arrobas. Habita muito nos troncos e galhos della a *mãi do sol*, *Buprestis gigantea*.

Das duas sementes extrahe-se um bonito oleo proprio para luz; cada semente contém uma decima parte pouco mais ou menos de materia oleosa.

Darei aqui uma noticia de outra da mesma familia, extrahida das minhas notas sobre a Flora Amazonense, a *monguba* ou *mungubeira*. É uma das arvores que mais caracteriza os terrenos amazonicos. Em todo o terreno de alluvião, do grande rio, assim como em toda a sua margem, se ostenta esta arvore, já coberta de lindas flôres, já despida de folhagem e coberta de longos fructos vermelhos avelludados. Attinge um grande desenvolvimento quer em altura, quer em grossura, e, apezar de sua madeira ser molle e esponjosa, é empregada em canôas, que, com o correr dos annos, e com o limo que cria por fóra, torna-se de muita duração. O Sr. Robert Hogg refere que, na viagem de Christovão Colombo á America, encontrou este em Cuba uma canôa desta madeira com 90 palmos de comprimento e largura proporcional, que podia accommodar 150 homens. Cresce tambem na Asia, principalmente em Cantão, onde os Chins a denominam *Moc-main*, e utilisam-se da madeira. Não se aproveitando aqui a madeira, tambem despreza-se a linda seda que seus fructos soltam aos caprichos do vento. Raro é aquelle que se utilisa da paina, que todo o Imperio importa, e que só o valle do Amazonas podia para todo elle fornecer, constituindo uma industria e um grande ramo de commercio.

Da mesma côr parda que esta tem outra especie a *piriquiteira*, macia, sedosa como ella; leva por ém a palma, não só na abundancia dos fructos, como na qualidade d a paina que cada um fructo fornece. Esta paina, que rivalisa com a da *Chorisia speciosa*, que importamos, em outro paiz seria aproveitada, emquanto que aqui raro é o que della se aproveita. A não ser uma ou outra tribu de indios que a emprega nas suas flechas, *uamiris* de zarabatanas, ou uma ou outra pessoa nas suas almofadas, ninguem mais faz caso della. O facto de não usar-re colchões e almofadas, pelo emprego constante de rede por toda a população, é uma das causas do desprezo da monguba. Da casca tiram fibras, com que fazem cordas, por este modo: Arrancam a casca e a deixam amollecer por espaço de algumas semanas dentro d'agua; depois tiram as fibras que ficam soltas, por apodrecer o tecido cellular, lavam-as e deixam seccar ao sol.

Surucucu (291) (*Trigonocephalus lanceolatus*). Cobra curta, grossa, preguiçosa, que não ataca o homem semser tocada, tornando-se então feroz, chegando a persegui-lo. É uma das mais venenosas.

Vive nos logares sombrios e sujos das mattas, ás vezes procura os paióes onde se aninha.

Susuapara antes *suasuapara*, ou *galheiro*, isto é, *suasu*—veado, *apara*—torto, veado de chifre torto. (34) É um ruminante do genero *Cervus*, cuja denominação especifica não conheço. Além do *matteiro* (*C. rufus*), do *campeiro* (*C. campestris*) e do *Suassu-assú* (*C. paludosus*), ha a especie de que se trata, e o *anhanga* do Amazonas.

Susuarana, (35) ou *suasuarana*, ou *tapyra yauara*, de *tapyra*—anta, *yauara*—carniceiro, o que come antas; é o *cougouar* dos francezes, o *puma* do Chile. Antes de apresentar as especies que conheço, darei a etymologia do nome que caracterisa este grupo de onças. O Sr. Dr. Liais, na sua obra « *Climats, geologie, faune du Brésil* » quer que *suassurana* seja derivado de *Çuçuacoara*, assim como *couguar* se deriva tambem de *Soasoarana*, *cougouacouara*, *Çuguacarana*. Poderá ser assim, porém, penso de modo diverso, e commigo creio que os habitantes do Amazonas. *Çuçuacoara*, segundo a sua orthographia, quer dizer *cova* de veado, de *suasu*—veado, e *coara*—cova, buraco, e não significa *çu*, o sustento, *cuacu*—cobrir e *ara*—final, para marcar habito, como o mesmo senhor traduz. Para mim *suassurana* ou *sussarana* deriva-se de *suassu* — veado, e *rana*—que não é verdadeiro, feita referencia á côr do pello desses carniceiros. A seu turno *suassu* deriva-se de *tessá* ou *sessá*—olho, e *assu*—grande, referencia aos grandes olhos dos veados.

Se *çuaçuacoara*, pela etymologia do mesmo senhor, indica um habito do animal, tambem *çuçuarana* distingue-o das outras especies, mostrando que, se bem tenha o pello da côr da do veado, comtudo não o é. O indio distingue sobretudo os individuos do reino organico, pela terminação *rana*, embora sejam especies e até generos diversos; basta ter uma semelhança para ser ella applicada. Poderiamos citar muitos exemplos para provar isto, quer no reino animal, quer no vegetal, mas basta este: *surucucu-rana*, que é um ophidio differente de outro *surucucú*, mas que tem alguma semelhança, sem ser o verdadeiro. Tres especies distinctas de Çuaçuaranas são conhecidas: a Suassurana—*eté* ou *piranga*, a de *lombo preto* ou *pixuna*, e a *caiarara*.

A suassurana-eté, ou piranga (*Felis unicolor* Traill., ou *F. sucuacuara*, Liais), é a maior, porém cujos instinctos são menos

sanguinarios. Tem uma côr russo-avermelhada pelas costas, cabeça e barriga, com garganta e queixo brancos. As pontas da cauda e das orelhas são pretas, assim como os bigodes e beiços. O pello não é tão macio como o das jauarités ou onças, e o seu comprimento regula o da *F. jaguapára*. A *Ç* de lombo preto ou pixuna (*F. Concolor* L.) é menor, mais esguia, e distingue-se pela côr, que é mais russa, tendo o ventre mais escuro e uma linha preta que começa da nuca e termina na ponta da cauda. Esta especie é mais feroz e persegue, não teme o homem. A terceira, a *Ç*. caiarara, é das tres a mais rara, só habita as florestas virgens dos sertões. Geralmente as onças e as sussuranas andam ao cio no mez de Outubro e Novembro, na época em que as tartarugas e tracajás desovam. Nessa época ficam as praias cheias destas duas especies, assim como das maracajás e gatos do matto, que todos para ahi affluem, não só para comer as tartarugas, como para desenterrar os ovos, de que são gulosos. A promiscuidade de especie e de sexo, a circumstancia de coincidir o cio com essa época, faz com que o hybridismo appareça, assim como as lutas sanguinolentas que, pelo ciume, se travam. O maior numero de hybridos que então se forma é cruzado pela F. jaguatirica com as sussuaranas, e até com os maracajás. Uma hybrida notavel entre a jaurité-pixuna e a sussuarana é a jaurité-piranga, que, castanha-escura, e do mesmo porte da primeira, não tem comtudo signal algum.

Tababuya (200). É uma *Bignoneacea*, cuja madeira é leve e ordinaria.

Taboca (215). É uma graminea que cresce nas mattas, cujo colmo é longo e flexivel, formando grandes soqueiras, e que toma um grande espaço chamado *tabocal*. É empregada, pela sua flexibilidade e duração, em jacazes, peneiras e cestas.

Tabuyayá, *Tuyuyu* (87). Será o *tuyuyú*, uma paludal do Amazonas, do genero Mycteria? *Ayayá* é a *garça-grande* (*Ardea candidissima*), e *acaré* a pequena.

Tainha, *taynha (Mugil cephalus)*. (215) Peixe do mar, muito conhecido e abundante no mez de junho, época em que desóva e engorda.

Tajoba ou *Tayoba* (216). *(Colocasia antiquorum* Schott). Fam. das Aroideas. Planta dos logares humidos, cujas folhas se comem, assim

como os tuberculos, que, posto que acres, quando cozidos, tornam-se semelhantes aos do inhame. Ha variedades já conhecidas na sciencia.

Tamanduá (36). (Myrmecophaga). Distinguem-se os animaes deste genero pela ausencia completa de dentes, pela conformação da cabeça, do focinho, dos pés e disposição das unhas. O corpo comprido é coberto de pello, e, em duas especies, a cauda é agarradora, a cabeça alongada; os olhos pequenos, as orelhas curtas, a lingua muito comprida, fina e cylindrica. As mãos e os pés muito carnudos, tendo, duas especies, quatro dedos nas mãos armados de longas, curtas e fortes unhas, e nos pés cinco com unhas menores; a terceira especie tem dous dedos nas mãos e quatro nos pés. As pernas são curtas, seu andar vagaroso, por se firmarem sómente no lado externo dos pés, tendo sempre as unhas dobradas sobre as plantas. Tem um viver quasi nocturno, passando os dias sobre as arvores onde aninham-se em montes de folhas seccas sobre os galhos ou cipoadas, á excepção da maior especie, como veremos. Alimentam-se geralmente só de formigas. As afiadas unhas das mãos dão-lhes uma terrivel arma defensiva, não tendo outro meio de salvar-se dos inimigos. A especie mais notavel e maior é o *Tamanduá-assu* ou bandeira, o *Myrmecophaga-jubata* de Linneo.

O nome indigena *tamanduá*, segundo Martius, é composto das palavras, *taixi*-formiga, e *mundé*-armadilha, pelo costume que tem de exporem a lingua dentro de um formigueiro, quando cheia de formigas, recolherem-a. A verdadeira etymologia julgo ser: *taxi*-formiga, e *monduá*—o caçador de formigas. É dos mais lindos animaes, apezar de sua fórma semi-grotesca.

Tem o corpo alongado com $1^{m},4$ de comprimento fóra a cauda, que tem quasi a mesma dimensão; o pescoço curto e a cabeça e focinho comprido. Todo o corpo é coberto de longos pellos, que, divididos, cahem sobre os flancos, de uma côr cinzenta um pouco parda para os lados, tendo uma facha preta de cada lado do peito, que, unindo-se nas costas, prolonga-se um pouco pelo fio do lombo, diminuindo. A cauda é coberta de longos pellos brancos e pretos, que, quando levantada, fluctuam com o vento, donde lhe veio o nome de *bandeira*. Geralmente andam com ella a rasto; porém, quando se irrita ou está ao cio, levanta-a com graça. Para dormir ou quando chove mette o focinho entre o pello do peito, ajunta as unhas das mãos com as dos pés, e

dobra a cauda sobre as costas para resguarda-las. Não tem a cauda agarradora e não o auxil'a ella nos movimentos, pelo que não trepa nas arvores, como as outras especies auxiliados por ella. Não é animal sociavel e tem o andar vagaroso. É inoffensivo, defendendo-se só quando atacado. Como tem um olfacto muito fino, presente ao longe o inimigo, e, em vez de fugir, geralmente o espera, pondo-se de pé sobre os pés. Suas armas defensivas são as grandes unhas moveis das mãos, que se entranham nas carnes dos aggressores. Geralmente só larga a presa quando morta. Atacado pelos cães, espera-os, e, quando ao seu alcance, de costas no chão e espera-os de bruços e pernas abertas, e ai do que chegar-se! É o maior inimigo da onça e unico do qual ella não se livra e morre nas suas garras. Atacado, abraça-a, e enfiando as unhas, que mais não abre, luta com ella no chão, até expirarem, quasi sempre ambos. Presa uma vez, por mais esforços que faça, a onça não se livra desse amplexo mortal. A sua força muscular é prodigiosa, e depois de morto ainda têm grande irritabilidade os seus musculos. Anda geralmente pelos campos, onde cava os formigueiros e casas de cupim, e mettendo a lingua nelles, vai recolhendo-a logo que se acha cheia de formigas ou cupins, até saciar-se. Náda e atravessa bem rios. Geralmente só têm um filho que conduz agarrado ao pescoço. Da cauda fazem-se lindos espanadores e o couro é bastante forte.

A outra especie é o *tamanuá* ou *tamanduá* propriamente, o *M. tetradactila* de Linneo, *M. tamanduá* de Desmarest, ou *Tamanduá braziliensis* de Liais. A côr desta especie varia consideravelmente segundo a idade, sendo de ordinario amarello-pardacenta, com duas listras pretas, ou muito escuras, que, partindo obliquamente das espadoas, dirige-se pelos flancos e vem unir-se na anca pouco acima da cauda, esbatendo-se a côr lateralmente.

O seu comprimento regula 60 centimetros, fóra a cauda que tem outro tanto, e que é agarradora e pellada na extremidade. Tem quatro dedos nas extremidades dianteiras e cinco nas trazeiras, armados de unhas, das quaes as maiores são as das extremidades dianteiras. Como o tamanduá-assú, vive tambem de formigas, cupins e tambem chupa o mel das abelhas que encontra nas arvores, onde sobe com facilidade, se bem que lentamente, e faz o seu ninho no qual passa quasi todo o dia. Quando atacado, tambem defende-se com as unhas, deitado de costas, e, uma vez que agarre a presa,

difficilmente a solta, sendo preciso quasi sempre mata-lo. Se bem que seja variavel a côr d'esta especie, comtudo existe uma outra, cuja côr, sendo tambem variavel, tem constantemente ausencia completa das listras pretas, que bem o caracterisam.

Mede esta de comprimento 60 centimetros da ponta do focinho á raiz da cauda, que tem 50, e é agarradora. O pello, que é curto e aspero, é amarellento na cabeça, nas extremidades e na cauda, onde na raiz é maior, tornando-se depois raro para a ponta da mesma, que tem um espaço de 20 centimetros quasi pellada e escamosa. Nesta porção a cauda é manchada de preto e branco, quasi annelada. A côr do pello do dorso e dos flancos é pardo-escuro-amarellado devido a tres anneis que tem cada pello, sendo o do meio pardo-escuro quasi preto e os outros amarellos. Os pellos do abdomen são menores e compostos de pretos e amarellos, não annelados. Sobre as espadoas, tem malhas negras subtriangulares, que destacam-se da côr amarellenta do peseoço e cabeça e da parte superior das extremidades. Tem quatro dedos nas extremidades dianteiras, armados de unhas, das quaes a terceira, internamente, é a maior, de 0m,042 de comprimento, curva, plana por baixo, comprimida lateralmente e convexa por cima. (O primeiro dedo interno é quasi rudimentar, e o quarto pouco maior). A segunda tem a metade do comprimento da terceira. As extremidades trazeiras têm cinco dedos, armados de unhas tambem curvas, porém todas iguaes 0m,02 de comprimento. O focinho é comprido, os olhos muito pequenos e as orelhas oblongas, quasi pelladas, com 0m,03 de comprimento. Vulgarmente é chamado *tamanduá-y da vargem*, e por diversas vezes o vi sempre com a mesma disposição de côr. No lago Canaçary, em Silves, matei um que dormia em uma arvore do igapó, e nas costas do Parú, á beira do lago, matei outro, ambos com a mesma côr, sendo, porém, este ultimo femea. Só tinha duas mamas peitoraes.

Mais duas especies são conhecidas pelo nome de *tamanduá-y* (tamanduá pequeno), uma o *M. didactyla*, de Linneo, e outra não classificada ainda, e vista tambem por Henri Bates, quando no Amazonas. Distingue-se o tamanduá-y das outras especies, não só pelo seu pequeno tamanho 0m,30, pelo numero de dedos dos membros, que é de dous nos anteriores e quatro nos posteriores, como pelo seu pello comprido, sedoso e brilhante. Tem focinho comprido, com a extremidade rosada, porém menos que nas outras especies, os olhos

pequenos pouco afastados da boca; as plantas dos membros carnudas e rosadas, e arqueadas obliquamente para fóra; o pello é curto, sedoso, muito lustroso, de um amarello côr de ganga, com uma listra sobre o dorso mais escura. A cauda, que tem 0m,18 de comprimento, é agarradora, porém coberta pela parte superior do mesmo pello e nua pela inferior, sendo a pelle de uma côr rosada.

Seus habitos são nocturnos; durante o dia dorme em ninhos que faz sobre as arvores, onde anda com facilidade ajudado pela cauda. Alimenta-se de formigas que encontra pelos páos. É inoffensivo, porém sempre procura agarrar com as unhas quando apanhado. São muito procurados pelos tapuyos por causa da pelle, que dizem ter certas virtudes (imaginarias), pelo que empregam-a os pagés como pussanga (remedio, mezinha) nos seus feitiços. As mulheres fazem com ella breves que dizem servir para tornar tão macios os homens como o seu pello.

A outra especie, inteiramente semelhante, afasta-se d'esta pela côr e pela macieza do pello, que é pardo-escuro, com as extremidades mais claras, não tão luzentes, e mais aspero.

Tamara (201) (*Phœnix dactilifera*, Linn.) Fam. das Palmeiras. Planta exotica cultivada no paiz, mas cujos fructos aqui não são saborosos, nem se podem comer como na Syria, no Egypto, etc. É uma das plantas da Biblia.

Tapinhoa, *tapapinhoa*, *tapinhuan*, *tapinhoan* (202). *Silvia navalium*, (Fr. All.) Fam. das Laurineas. Esta planta descripta, classificada, desenhada e publicada pelo fallecido conselheiro Freire Allemão, como genero e especie nova, foi enviada para a Europa, onde muito mais tarde, contra todas as leis botanicas, foi esse genero reconhecido novo pelo professor Meisner; mas, não querendo dar essa gloria ao botanico brazileiro, a chamou a si, accrescentando um *e* ao Silvia; assim a *Silvia* de Freire Allemão, hoje é *Silviae* de Meisner. Assim sempre tem procedido o estrangeiro com o brazileiro. É uma grande arvore da Bahia e do Rio de Janeiro, que cresce no cume das serras, cujo cerne é amarello-pardo com veios escuros, de tecido muito cruzado, empregado em pipas, barris, construcções naval e civil. A casca é adstringente.

Taruman, *tarumá* (203). Com este nome conhecem-se varias especies. No rio Tapajós encontrei duas especies na margem, uma a *Vitex montevidensis* Chum., e outras com grandes flôres roxas. A primeira é

uma arvore pequena e que esgalha, a segunda uma grande arvore pouco esgalhada, é a *Vitex cymosa* Berten. A madeira emprega-se em construcções civis, e as folhas em chá contra as molestias do figado.

Tatagiba, *tataiba*, *tapagiba*, *tatayuba*, *tatajuba*, *tatarema* (204) *limão-rana* (no Pará), *nariuva* (no Amazonas). (*Maclura xanto chylon* Endl.) Fam. das Urticineas. A sua madeira é empregada na marceneria, e d'ella extrahe-se uma linda tinta amarella. Com o mesmo nome e o de *muira-tauá* (páo amarello), ha no Amazonas a *M. Brazilienses* Endl., com o mesmo emprego e as mesmas propriedades. Do tecido cortical extrahem estopa para calafeto.

Tapikra (38), vide a nota 3 e *Anta*.

Tatú (37). A especie mais rara é o *tatú-assu* do Norte, ou *canastra* de Minas (*Dasypus gigas* de Cuvier, ou *Priondonteres giganteus* de Lesson e *Cabassou* de Buffon). Tem esta especie mais de um metro de comprimento e a côr da cabeça é quasi cinzenta, e a da couraça, que envolve-lhe as costas e os flancos é mais escura ; a dentadura compõe-se de $\frac{0}{0}$ $\frac{0}{0}$ $\frac{50}{48}$; não sendo constante este numero, que varía segundo a idade. É desta familia o que tem maior numero de dentes. Como disse, o corpo é revestido de uma couraça ou casco composta de doze cintas embricadas e movediças. Tem em cada uma das quatro extremidades cinco dedos, armados de unhas irregulares, grandes e curvas. A cauda attinge quasi a metade do comprimento do corpo, e é coberta tambem de escamas semelhantes ás que ornam as cintas do casco, com um ou outro pello esbranquiçado, semelhante aos que ornam a barriga. É esta a especie maior que se encontra.

Uma outra, tambem não muito vulgar, é o *tatú-peua*, ou por corruptela *péba*, o *Dasypus gilvipes* de Kleger, que Wagler separou formando o genero Euphractus. Desmarest o denominou *Dasypus encoubert* e Linneo *Dasypus sexcintus*. Esta especie differe da precedente no systema dentario. A differença consiste no numero dos dentes e nas disposições delles sobre as maxillas, que, sendo todos molares, têm comtudo os dous primeiros de cada lado mais na frente. Segundo Cuvier, tem $\frac{2}{4}$ $\frac{0}{0}$ $\frac{16}{16}$, quando, pela estructura, não tem mais do que $\frac{0}{0}$ $\frac{0}{0}$ $\frac{18}{20}$. É coberto por um casco escamaso, como o tatú-assú, composto de sete cintos, tambem moveis, e tem a

cauda tambem escamosa. Sua côr é branco-amarellenta e alguns élos brancos que ornam o fim do casco, assim como a barriga. Tem as orelhas grandes e quasi circulares e moveis, e quasi sempre erectas. Como a outra especie tem cinco dedos em cada membro, armados tambem de unhas. O seu tamanho regula 0m,5 de comprimento; fóra a cauda que tem menos de metade do comprimento do corpo. O focinho é comprido, e os olhos vivos e pequenos. O nome indigena de *tatú-peva* ou *peba*, quer dizer tatú chato, allusão que fazem ao casco que não é bem convexo e sim um pouco achatado na parte superior. Buffon deu-lhe o nome de Encoberto, porque geralmente vive nas tócas que cava, e donde só sahe para o seu pascigo nocturno.

Outra especie do genero Taturia, de Cuvier, que separou-se do Dasypus pela differença que apresenta o systema dentario, porém que alguns naturalistas sempre conservam, é o *tatú-été* ou tatú verdadeiro. Com effeito, o seu systema dentario compõe-se de $\frac{0}{0}\frac{0}{0}\frac{16}{16}$ Differenças tambem apresenta no numero das mamas, que é de quatro e não de duas, como nas precedentes, e na fórma do casco e mesmo dos dedos, que são de quatro nas mãos e cinco nos pés. O casco é mais comprido, as escamas menores, dispostas regularmente em nove cintas moveis, o pescoço e os pés são tambem cobertos de escamas menos duras e a cauda coberta de anneis escamosos. A barriga não tem a pelle lisa e é meio escamosa, e tem pellos esbranquiçados. É a especie mais procurada pelo sabor de sua carne.

Uma outra especie se encontra, é o *tatú-apara* ou *t. bolá* do Sul, o *Dasypus tricinctus* de Linneo. O nome indigena *apára* quer dizer vergado, do verbo *iapara*-vergar, entortar, allusão que fazem ao costume que tem este animal de vergar-se a formar uma bola, faculdade que lhe dão as cintas do casco. Como as primeiras especies mencionadas, tem elle cinco dedos em todos os membros. Seu comprimento chega a 0m,38 fóra a cauda, que tem 0m,06 a 7. O casco tem as bordas salientes, de maneira que o animal póde esconder a cabeça e os pés quando se dobra; neste estado, um homem, embora empregue toda a sua força, não consegue desdobral-o. O casco é tambem escamoso, muito forte, formando tres cintas, de uma côr cinzenta, ás vezes amarellenta. A cauda tambem é escamosa, porém a barriga lisa, com alguns pellos. Pela contractibilidade do casco os indios da fronteira de Guyana e os Napixanas aproveitam-a para fazer pequenos baldes ou urús.

Ainda outras especies, como o *tatú-ayba*, o de rabo molle do Sul, o *D. unicinctus* de Linneo, ou *D. gymnurus* d'Illiger, existem, porém sei por informações e não porque o examinasse.

Os tatús, que distinguem-se bem dos outros animaes pelo seu casco formado de tres partes ou de tres couraças, das quaes a que protege as costas é formada de cintas moveis, e as outras duas, uma que protege as espadoas e a outra a anca, unidas e solidas, são animaes pacificos, e cujo viver é solitario e quasi nocturno. Sem armas para defender-se, deu-lhes a Providencia o meio de garantir-se dos ataques dos carniceiros, dotando-os de fortes unhas com que, com rapidez e facilidade cavam tócas onde se abrigam e d'onde difficilmente são tirados, porque nellas se agarram com as unhas movidas por uma força muscular extraordinaria. Os peiores inimigos que tem são: o homem e as onças, todos avidos de sua carne, que em algumas especies é saborosa. O seu alimento compõe-se de raizes, tuberculos, insectos e mesmo de carnes putridas, chegando a cavar os cemiterios para comerem os corpos nelle sepultados. Reproduzem-se com facilidade pelo numero que parem, de 4 a 6, e ás vezes mais. Se bem que os costumes sejam identicos em todas as especies, comtudo algumas os teem especiaes, assim como o uso que del'as fazem é differente. O tatu assu vive mais nos campos procurando larvas, formigas, e é o que mais se alimenta de carnes putridas, razão pela qual nunca vi comer-se a sua carne. Os indios aproveitam a sua cauda, que com arte descarnem, e depois de secca fazem com ella uma bozina ou toré, usada nas suas dansas. Do casco ha quem affirme ter visto tão grandes, que depois de seccos servem para toldas de pequenas montarias. Se bem que possa attingir grande desenvolvimento, não creio que cheguem a ter o tamanho que pede esse accessorio das montarias. Ha uma crença que elle tambem anda no fundo dos rios, e a elle attribuem os desbarrancamentos do Amazonas em alguns logares; é porém uma superstição como tantas outras, derramadas entre os indigenas. Na costa do Perú vi á noite fazer-se pequenas fogueiras para espantar esse animal, que estava cavando, segundo diziam, as margens que diariamente cahiam. O tatu-peua é procurado pela carne, que alguns comem, se bem que não seja bôa, e tambem se alimenta de carnes putridas, assim como de raizes e insectos. Cava com facilidade e corre com bastante velocidade. Encontrei uma vez um atravessando um caminho, e quando dispunha-me a mata-lo a

rewolver, por não levar então outra arma, notei que andava vagarosamente por não poder correr.

Com a maior facilidade agarreio-o pela cauda, e examinando vi que estava maltratado por pancadas, e que debaixo das cintas sahiam uma infinidade de bichos varejeiros, que lhe roiam as carnes.

Se bem que durante o dia pascigue, comtudo o seu lidar é nocturno.

Tayuya ou *tayuyá* (247). Varias especies de Cucurbitaceas, que crescem em Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Pará têm esse nome. As principaes são: *Wilbrandia verticillata* Cogn., conhecida tambem por *Abobrinha do matto* em Minas, a *W. hibiscoides* Mauso, a *Trianosperma tayuya* Mart. e outros. Todas têm propriedades purgativas e o seu cozimento é amargo e nauseabundo. Os naturaes a empregam em differentes molestias com vantagens.

Ticum, *tucum* (208). *Astrocaryum vulgare* Mart. Familia das palmeiras. Arvore que cresce no Solimões, que dos grelos dá excellente fibra, conhecida por *tucum*, empregada em cordoalha e em redes. No Rio de Janeiro confundem esta especie com o *Bactris marajá* Mart.

Tijuassu, antes *teyuassu* (39), vulgarmente conhecido por *lagarto*, saurio do genero *Acrantus*.

Timbó (248). Em quasi todas as provincias em que empregam o veneno vegetal na pesca, as plantas que a isso se prestam têm o nome acima, pelo que difficil é especificar a planta, que varia segundo as provincias, e mesmo segundo as localidades. O verdadeiro *timbó* é a *Paullinia pinnata* de Linneo, que é um veneno narcotico e acre, geralmente empregado só contra os peixes. As raizes e caules, socados e lançados nas aguas pouco correntes de um rio, matam todo o peixe que por ellas passa. Ataca geralmente no homem o cerebro e os rins. O peixe apanhado por esse processo, posto que não offenda a quem o come, comtudo em poucas horas fica deteriorado. Leis especiaes ha no Pará contra o emprego do timbó.

Timbahyba, *timbahyba*, *timbuiba*, antes *timbóyba* (205). Madeira venenosa (*Enterolobium timbouva* Mart.) Fam. das Legum nosas. Cresce em Minas, Ceará, Bahia e Rio de Janeiro, e tem o cerne

amarello-assetinado, empregado em construcções civis á sombra. A variedade *canescens* é conhecida por *tamboril*. Creio que as folhas são empregadas como timbó, para tinguijar o peixe.

Tingará ou *tangará* (98). Ha diversas especies de aves com este nome, todas do genero *Tanagra*.

Tinguacyba, *tinguassiba*, antes *anguacyba* arvore de pilão (206). (*Xanthoxylon spinosum*). Fam. das Rutaceas. Arvore espinhosa, cuja madeira é empregada na marcenaria e construcções civis. É do sul do Imperio. A casca da raiz consideram como proveitosa nas mordeduras de cobra.

Tinguy, *tingui* (207). Com este nome ha differentes plantas de diversas familias, todas empregadas na matança dos peixes nos lagos e rios. No Pará e Amazonas são *Tephrosias*, na Bahia *Jacquinias*, e em Minas *Magonias*. Todas são toxicas.

Trahira, *taraira*, *trahyra* (286). (*Erythrinus*. sp.) Peixe das cabeceiras de rios e aguas paradas. É de pelle parda-escura, muito voraz, e cuja carne, posto que saborosa, é muito espinhenta.

Tucano (90). Zygodactilo representado por diversas especies, como o *Tucano* de *papo branco* ou *assú* (*Ramphastus toco*), T. *de papo amarello* (*R. ariel*), *T. de papo côr de canna* (*R. discolorus*), *T. de bico encarnado* (*R. erythrorhincus.*)

Tunga, *Tumbyra* (299) é o *bicho do pé*, muito conhecido no Brazil, que dá nos porcos, nos cães e tambem no homem.

Tuyuy ou *Tuyuyu* (89), conhecido no Amazonas tambem por *Passarão*. Pelas vasantes andam em grandes bandos pelas margens dos lagos. São brancos, com os olhos, as azas e as pernas pretas. Edificam seus rudes ninhos no alto das grandes arvores. Só põem dous ovos. Dizem os indios que um ovo sempre gora, e o filho que sahe acompanha sempre a mãi até sahir outro que forme casal. No começo das cheias começam tambem os seus amores. É um passaro triste. O nome *uyuyu* significa — o *palustre*, ou o que *come lama*.

Tyhé, *tapiranga* ou *tié tié-sangue*, *tié-berne*, é o *Ramphocelus brasilius* (91). É de quasi todo o Imperio. É vivo, de um natural turbulento, facil porém de cahir em qualquer laço, anda em pequenos bandos e sustenta-se de fructos, principalmente os da *arocira*. Seu brilhante colorido vermelho o torna notavel. No Amazonas é conhecido por *Pipira*.

Ubussu (249) (*Manicaria saccifera* Mart.) Fam. das Palmeiras. Cresce esta especie na região costeira do Pará. Só empregam as folhas, que são semelhantes ás da bananeira, e cuja duração em uma coberta de casa vai além de vinte annos. *Ubussu* vem de *ob*-folha, e *uassu*-grande.

Urubu (92). Rapace muito conhecida. Ha tres especies, o *Urubú* commum (*Catharthes jota*), o *U. geroua* (C. *aura*), e o *U. de cabeça branca*. Esta especie encontrei proximo ao Eréré, no Pará. Não anda em bandos e sim aos casaes. Procura as mattas. Os filhos, quando novos, são cobertos de pennugem branca.

Urucatu (250). Orchidea? Amaryllidacea? Maregrave dá o nome de *urucatu* a uma orchidea; mas, segundo Martius, ha algumas Amaryllis venenosas que tem esse nome. O nome é derivado de *yurú*-boca, e *catu*-boa, o que parece referir-se antes ao labello de uma orchidea.

Urucu, *Bixa orellana* Linn. (251). É a planta mais querida dos indios, que empregam a sua tinta, não só na pintura do corpo como para tingir seus enfeites e suas redes. O pigmento que cobre as sementes é empregado na arte culinaria, e alguns medicos o indicam como de utilidade nas molestias cardiacas.

Urucu (266). O autor diz que provavelmente é a *romã* (*Punica granata* Linn.), mas não o creio. Esse nome só é applicado á Bixa Orellana.

Urucuriaba, *urucuriyba*, *urucury* (209) *Attalea excelsa* Mart. Fam. das Palmeiras. Cresce no baixo e alto Amazonas. É uma bella planta, cujo fructo é empregado como o melhor na fumeigação da borracha.

Uvacupary, *bacopary*, *bacopari* (267). É uma Rubiacea, a *Gardenia suaveolens* Vell., que cresce nas mattas. Com esse nome ha differentes especies de fructos que se comem, mais ou menos agradaveis ao paladar.

Vinhatico (210). Com este nome ha diversas arvores da familia das Leguminosas, que vulgarmente se distinguem pelos nomes que se lhes pospõem. Assim temos o *Vinhatico do campo* (*Enterolobium*

ellipticum Benth., e *Plathimenia reticulata*, Benth.), e outras, todas dos generos citados. Conhecem-se e são empregados na marcenaria, nas construcções civis, as seguintes :

Vinhatico chamalote, amarello, do matto, olho de boi, pardo, falso, ondeado, rôxo, rosa, testa de boi, flôr de algodão, cabelleira, e orelha de macaco.